FON FON
ANNO XXIV — N.º 21
Rio, 24 de Maio de 1930
PREÇO: 1$000

A machina humana

Toda gente sabida e prudente deve, periodicamente, proceder ao expurgo do organismo, submettendo-o á um certo regimen de desintoxicação. As pessôas que não podem sujeitar-se a tal limpeza periodica, obterão optimos resultados, sobretudo no verão, tomando alguns comprimidos Bayer de Helmitol durante o dia.

O Helmitol faz uma verdadeira lavagem, circulante, do organismo.

HELMITOL

Inflammação da garganta

Ha muita gente sujeita a constantes inflammações da garganta. Para evitar essas reincidencias são aconselhados os gargarejos com soluções antisepticas não irritantes. Nenhuma dellas apresenta maiores vantagens ás soluções feitas com os glóbulos de Ortizon Bayer. Este preparado representa, pois, uma util conquista para a desinfecção da bocca e dos dentes.

Após bochechar com a solução feita com os referidos glóbulos, tem-se agradavel sensação de limpeza perfeita e de halito perfumado.

O sol nas praias

Dizem os medicos que as crianças aproveitam muito mais os saes de calcio dos alimentos, como dos medicamentos que os contêm, quando tomam banhos de luz natural ou artificial. Entre nós estão se tornando cada vez mais usados esses banhos, para tratamento das crianças fracas. Infelizmente, do uso passou-se ao abuso, havendo mães que deixam os filhos se *torrarem* nas praias, como se isso fosse saudavel. Os banhos de sol devem ser dados criteriosamente, sobretudo ás crianças, afim de evitar sérios perigos aos rins. Como medicação tonica aconselham os medicos de todo o mundo os tablettes Bayer de Candiolina ao chocolate.

UMA HISTORIA DE AMOR

Por LAURO MENDES

O *Monte Cervantes*, vindo de Buenos Aires, com marcha retardada, devido ao tempo instavel, demandava lentamente a barra do Rio Grande Grande.

Na mente do velho lobo do mar, commandante da grande nave mercante, alinhavam-se, em fileiras tragicas, os grandes desastres que tinham dado renome doloroso á entrada do grande porto. Ora era a tragedia do *Una*, completamente perdido de encontro ás pedras, a dez metros de terra, ora o submarino *Brasil*, afundado dentro do proprio canal, por impericia do official commandante. Estavamos tão perto de terra, que, com algumas braçadas, em mar manso, a alcançariamos a nado. Mas, com aquelle tempo, mal o grande navio podia navegar, e muito lentamente, para manter tranquillos os passageiros que lhe enchiam os aristocraticos salões.

Fazia-se noite. Como de costume, ao longo do barco, innumeros botos acompanhavam a sua marcha, emquanto na frente, precedendo-o, seguiam os peixe piloto. E os estrangeiros, pela primeira vez passando o canal, agrupavam-se á prôa, apreciando o espectaculo. A marinhagem, exhausta da faina diaria, espalhava-se pelos alojamentos, emquanto a paz das grandes noites abria as suas azas sobre o oceano...

• • •

Na sala de musica, alguns passageiros palestravam. Ao longe, uma canôa, lenta de velhice, arrastava-se nagua como uma lesma, e, como esta, deixando o seu filete de espuma. Dentro, um ou dois homens, sobre um amontoado de anzóes. Em terra, uma enfiada de casinholas encardidas, de frente para o mar, todas das mesmas dimensões e acaçapadas, com as janellas escancaradas, offerecendo á vista estranha, com o despudor de quem nasceu no vicio e não o sente, uma miseria de moveis e roupas. A' beira da praia, redes, em cima de varas, seccam desdobradas, como grandes mariposas de azas abertas. Um pouco adeante, uma outra praia, chamada a de *Fóra*, não está prejudicada pelo chumbo dos pombaes humanos. Defende-a a rapidez do rochedo. Por isso é linda...

Carlos de Gusmão, na sala de musica, rodeava-se de amigos, todos brasileiros. Amigos, não era bem o termo, mas, naquelle amontoado de allemães que enchiam os ares com os sons gutturaes da sua lingua, bem se podia chamar uma colonia brasileira áquelles passageiros que se procuravam uns aos outros desde a sahida de Santiago. Carlos de Gusmão era bem o typo do judeu errante dos nossos tempos. Homem fino, educado, de aristocratica familia, não sei que desgosto intimo lhe entranhara na alma o pessimismo doentio que lhe caracterizava os actos.

Vestido pelo melhor alfaiate de Londres, finissimo "causeur", tinha sempre em volta de si uma infinidade de homens e mulheres, uns, procurando no seu convivio illustração e passatempo, outras, sensações novas com novas conconquistas. E Carlos de Gusmão supportava-os com calma, porque, dissera-me um dia elle, aquelle navio estava mal mobiliado como o coração delle, que elle antipathizava com aquelles passageiros, e que "antipathizar" era encher o coração de personalidades incommodas, era "mobiliar" mal uma casa. E como na noite seguinte estariamos em terra, todos lhe pedimos encarecidamente que nos contasse algo de sensacional, algo que nos fizesse vibrar de emoção. E o erradio viajante começou:

• • •

"O presente, meus amigos, faz-se passado sem que nos apercebamos de sua transformação. O que nos succedeu hontem, e que vou contar-vos hoje, não está mais na nossa vida, porque, nas grandes commoções, o passado se desaggrega do presente, como decepado de um só golpe. E a nossa vida depois recomeça, completamente desligada da vida anterior.

Foi num concerto em honra a Mascagni que se deu o facto banalissimo que destruiu a minha vida. Dançavam, em homenagem ao grande musico, dois grandes bailarinos. Interpretavam j u n t o s certo bailado classico. O braço da dança dava-lhe a plastica de uma unidade electrizante. As mãos seguravam-se, as boccas tocam-se...

Separam-se, por vezes, porque elle, dançando, a repelle para depois comprimil-a com calor. E o peito aconchega-se, ansioso, a outro peito. A

O COMMENTARIO

Um grito terrivel ecôa por toda a parte contra a administração dos Correios, que se tem feito notavel ultimamente pela desidia e pela pouca honestidade. Os jornaes e revistas clamam diariamente, sem resultado, contra o desapparecimento dos pacotes que remettem para o interior e para os Estados. E, apesar desse clamor, tudo continúa como dantes no quartel de Abrantes...

Dominadora, a apathia installou-se na direcção geral daquelle importantissimo departamento. E dahi o descalabro que se nota em todos os serviços, sobretudo naquelles que se acham mais perto de nós, como, por exemplo, a agencia da Avenida, onde impera um desleixo e uma má creação sem limites. Registrar alli uma carta é um supplicio, pela demora e pela má vontade das funccionarias, algumas das quaes aggridem ao publico com palavras e ameaçam de aggredil-o physicamente...

O CONTO BRASILEIRO

(continuação)

musica desperta-lhes idéas e elles corporizam essas idéas. O violino ora estrepita, agudo, metallico, como em desvarios amorosos, e ora ensurdece em modulações mansissimas como em aconchegos macios ou nas convulsões finaes. O som morre num torpor espasmodico, pelas cordas. Vae acabar em pianissimo... Mas revive. De novo se agita, implora, quer... Balbucia, numa surdina humillima, commovente, que finaliza em gemido, suspiro de emoção. Allucina em escalas. Dulcifica-se, acariciante, dolorido, em *fermatas*, nos agudos. O sustenido exhorta. Os bordões ordenam. E o violino delira, harpeja fremente, treme em vibrações, grita convulso, desvaira, murmura, geme, soluça e morre!...

Depois...

* * *

PAULO Gustavo era pintor. E um grande amante da arte, amada que lhe tinha aberto os braços perfumosos. E ali fôra em sua procura enchendo a alma do lamento dos sons.

Neida acabava de tocar. Aqui e ali, no grande salão, como mariposas estonteadas, pairavam ainda as ultimas notas do *Luar*, de Beethoven. Como centenas de lirios, mãos brancas applaudiam a joven artista. E com os ouvidos deliciados pelos applausos, Neida procurara os seus.

Paulo Gustavo meditava. Recordava a lenda daquelle *Luar* que elle ouvira extasiado. Vinha-lhe á mente o céo azul da Austria, onde as estrellas se disputavam em torneios de luz, e onde o grande musico, enlevado, buscava a inspiração. E eis que se lhe acerca uma pobre cega, a quem uma esbranquiçada pellicula cobria o globo ocular.

— Que desejas, minha avó?

— Uma esmola, senhor. Sou cega e desconheço o mundo.

— Não conheces o mundo? Não viste nem nunca conheceste um céo da Austria? Não podes avaliar o encanto desta noite de hoje, em que os crentes e os bons se sentem mais perto de Deus, contemplando o silencio calmo das noites enluaradas. Vem commigo, que te farei ter uma idéa do que seja este encantamento.

E, sentando-se ao piano, lançou aos ares da lendaria Vienna os sons da divina sonata, que, cahindo como gottas de oiro na bacia doirada dos corações, cantavam o concerto universal da harmonia e da paz. E quando, cabellos ao vento, sob o influxo divino da inspiração, o grande compositor terminou, pelas pupillas sem vida da cega, onde apenas a nevoa esbranquiçada se movia com difficuldade, duas lagrimas corriam...

E Paulo Gustavo, artista e sonhador, poeta e soffredor, entregava-se ao seu sonho de soffrer por um bem que não existia. Amante adorado da gloria, a ella se tinha entregue e della tinha recebido a multidão de impressões que lhe enchiam as paginas da vida. E, no emtanto, tudo desapparecia. O perfume, por mais que o arrolhemos, evapora-se aos poucos... Assim, as impressões de Paulo Gustavo iam desapparecendo, por mais que elle se esforçasse para conserval-as em amiudadas evocações attentas...

E, como novo quadro do cinematographo da vida, ali estava Neida, a divina interprete de Beethoven. E o romantico pintor procurava com os olhos a interessante figurinha, cujo sorriso estuante de felicidade lhe bailava na face assetinada como uma mariposa estonteada pela luz. E, como uma invasão, plantou-se no animo do mancebo uma idéa estranha, uma idéa que era como uma pedra atirada pela mão revolucionaria do destino no lago da sua alma. E com os ultimos convidados sahia o primeiro amor de Paulo Gustavo...

* * *

TORNARAM a se encontrar no Carnaval. Momo, mau grado a chuva torrencial que cahia, tinha feito sua entrada triumphal na cidade. As mascaras de todos os annos se desafivelavam. Os ladrões passaram a ser honestos e vice-versa. E na Avenida acotovellavam-se patrões e empregados, ricos e pobres, opprimidos e potentados. O deus da galhofa traz comsigo esse beneficio de apagar da memoria os momentos de soffrimento. O côrso estava animado, muito embora a chuva cahisse de momento a momento. Automoveis bizarramente enfeitados davam á nossa principal arteria uns ares de arraial do interior. E quando a chuva cahia, impiedosa, e as capotas se arriavam, rostos enfadonhos e avelhentados aproveitavam o momento para se fartar com os farneis levados.

Em frente ao palacio Monroe os autos amontoavam-se, formando as primeiras filas que esperariam a passagem dos grandes prestitos. Um a um, iam os automoveis chegando e tomando posição. E entre esses chega um luxuoso Packard, onde se amontoavam rapazes fantasiados de gitanos. E, entre os gitanos, como uma mancha de tristeza na alegria, o perfil delicado

(*Continúa na pag. 78*)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre ..... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez. Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0377. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JNEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Troque seu Velho Rosto por um Novo

A mulher que em nossos dias se permitte ostentar um rosto cheio de rugas, manchas, pannos e outras imperfeições, commette uma falta gravissima, pois é uma das mais importantes obrigações da mulher a de possuir uma cutis encantadora.

Nada ha que seja tão facil como a conquista de uma cutis immaculada e fresca como a de uma creança. Já se contam por milhões as mulheres que hão tido opportunidade de comproval-o e de desfructar a dita que semelhante conquista depara. E isto se consegue bastando lavar-se todas as noites, o rosto com agua tepida, applicando-se logo cera pura mercolized. A cera pura mercolized extirpa gradualmente e sem dôr, toda a cutis velha, fazendo que se desprenda em particulas imperceptiveis e que seja substituida pela nova tez, formosa e saudavel, que toda mulher possue debaixo da sua velha pelle.

As mulheres prudentes, as que sabem discernir e tem intelligencia superior, sabem que a Natureza obra sempre de forma discreta e que precisamente nessa discreção está o segredo dos maravilhosos resultados que em poucos dias se obtem com o emprego da

Cêra Pura Mercolized

(em ingrez "Pure mercolized Wax")

EU conheço muitas princezas bellas e velhas, mas só aquellas que de tão pobres têm apenas uma pequena camareira vestida de preto e são obrigadas a habitar nalguma degradada cidade toscana, numa daquellas cidades escondidas em que dois cyprestes poeirentos montam guarda a um muro derruido.

Si encontrárdes alguma nos salões duma condessa viuva e fóra da moda, chamae-as de *Altezas* e falae-lhes em francez, naquelle francez internacional, classico, incolor, que podeis aprender nos *Contes Maraux*, do abbade Marmontel — no francez, em summa, da *gens de qualité*. As minhas princezas responderão quasi sempre com volubilidade gentil quando tiverdes penetrado nas suas pobres almas — pequeninas e cheias de pó e de bugigangas como oratorios do seculo dezesete — e verificareis que mesmo a vida póde ser acceita e que nossa mãe não foi assim tão estupida quanto poderia parecer, quando nos pôz no mundo.

Que de segredos extraordinarios não me murmuraram as minhas bellas e velhas princezas! Ellas gostam muito de chypre, mas ainda mais da conversa, e comquanto sejam todas allemãs — só uma é russa, mas por acaso — o seu delicioso francez *ancien régime* dá-me, ás vezes, commoções de modo algum vulgares: naquelles momentos o coração se me desfaz e me vem quasi uma vontade — confesso-o — de suspirar como um estupido namorado.

Certa noite, não muito tarde, numa sala, em uma cidade toscana, sentado numa poltrona imperio, junto á mesa onde uma taçazinha de chá muito leve me tinha sido offerecida, eu me calava ao pé da mais velha e da mais bella das minhas princezas.

Trajava negro; a face cobria-se dum véuzinho negro e os seus cabellos, que eu sabia brancos e um pouco annellados, estavam cobertos por um chapéu negro. Parecia como que em torno della pairasse uma aureola de obscuridade. Isto me agradava e esforçava-me por crer que aquella mulher fosse apenas uma apparição provocada pela minha vontade. O facto não era difficil porque a peça estava quasi no escuro e a unica vela accesa illuminava unica e debilmente o seu vulto transcendendo a chypre. Tudo o mais se confundia com a treva, de modo que eu podia acreditar ter deante de mim sómente uma cabeça curvada, uma face destacada do corpo e suspensa a um metro da terra.

Mas a princeza começou a falar e toda outra fantasia era impossivel naquelle momento.

— *Ecoutez donc, monsieur* — dizia-me *ce qui m'arriva il y a quarante ans quand j'étais assez jeune pour avoir le droit de paraître folle* (1).

E continuou com sua voz graciosa, narrando-me uma das suas innumeras historias de amor: um general francez tornára-se actor por seu amor e fôra assassinado á noite por um palhaço bebado.

Mas eu conhecia já aquelle seu genero de imaginação e queria algo de mais estranho, de mais longinquo, de mais inverosimil. A princeza quiz ser gentil até a ultima:

— O senhor me obriga — disse — a contar o ultimo segredo, que me resta e que — tenho conservado sempre secreto justamente porque o mais inverosimil que todos os outros. Mas sei que devo morrer dentro de alguns mezes, antes que acabe o inverno, e não estou certa de achar um outro homem que se interesse como o senhor pelas cousas absurdas...

"Este segredo começou aos vinte e dois annos. Eu era naquelle momento a mais graciosa princeza de Vienna e não tinha ainda morto o meu primeiro marido. Isto aconteceu mais tarde, dois annos depois, quando me enamorei de... Mas o senhor conhece já esta historia. *Passons!* — Succede então que ao fim do meu vigésimo segundo anno recebi a visita dum velho senhor, bem vestido e barbeado, que me pediu para falar dois minutos em particular. Logo que ficamos a sós, disse: "Tenho uma filha que amo immensamente e que está muito doente. Tenho necessidade de dar-lhe vida e vigor, e por isso vou procurando annos de juventude para comprar ou para tomar emprestado. Si quizerdes dar-me um dos vossos annos, eu vol-o restituirei pouco a pouco, dia a dia, antes que acabe a vossa vida. Quando tiverdes feito vinte e dois annos, ao em vez de passardes para o vigésimo terceiro, estareis mais velha um anno e entrareis no vigésimo quarto. Sois ainda muito joven e não percebereis quasi o salto, mas eu vos restituirei até o ultimo os trezentos e sessenta e cinco dias, aos dois e aos tres de cada vez, e quando estiverdes velha podereis gozar á vossa vontade das horas de authentica juventude, dos reapparecimentos improvisos de saúde e de belleza. Não penseis falar com um charlatão ou com um demonio. Sou simplesmente um pobre pae que de tanto implorar ao Senhor lhe foi concedido o poder de dar aquillo que para os outros é impossivel. Já obtive com muito trabalho tres annos, mas preciso ter ainda muitos. Dae-me um dos vossos e jamais vos arrependereis".

"Já naquelle tempo eu estava habituada ás aventuras curiosas e no mundo quasi imperial em que vivia nada era considerado impossivel. Por isso consenti em fazer o singular emprestimo e tornei-me, poucos dias depois, mais velha um anno. Quasi ninguem percebeu, e até os quarenta annos vivi alegremente a minha vida, sem recorrer ao anno que tinha dado em deposito e que me devia ser restituido.

"O velho senhor me tinha deixado o endereço junto ao contracto e me havia pedido que lhe avisasse ao menos um mez antes quando tivesse desejado um dia ou uma semana de juventude, promettendo-me que eu receberia o que pedia no momento fixado.

Depois do meu quadragésimo anno, quando a minha belleza estava se desfazendo, retirei-me para um dos poucos castellos que restaram á minha familia e passei a ir a Vienna apenas duas ou tres vezes por anno. Escrevia a tempo ao meu devedor e depois me transportava para os bailes da côrte, para os salões da capital, joven e bella como deveria ter sido aos vinte e tres annos, maravilhando todos aquelles que tinham conhecido a minha belleza em decadencia. Como eram curiosas as vesperaes das minhas reapparições! Uma noite antes, eu me deitava cançada e *fanée* como era sempre, e pela manhã me levantava alegre e leve como um passaro que tivesse aprendido a voar ha pouco, e corria ao espelho. Todas as rugas tinham desapparecido, o corpo estava fresco e molle, os cabellos tornados completamente louros e os labios vermelhos, tão vermelhos que eu propria os teria beijado com furor. Em Vienna, os adoradores se alvoroçaram em torno a mim, apregoaram a maravilha, accusavam-me de feitiçaria, mas, no fundo, nada comprehendiam. Logo que estava para desapparecer o periodo de juventude que tinha pedido, tomava o carro e voltava em fuga, onde recusava receber quem quer que fosse. Certa vez, um joven conde bohemio, que se tinha terrivelmente apaixonado por mim durante uma das minhas fugas para Vienna, conseguiu penetrar, não sei como, no meu apartamento, e quasi succumbiu de espanto ao ver quanto eu parecia á sua flamma mas quanto era mais feia e mais velha que aquella que o tinha inebriado nas estradas de Vienna.

"Ninguém, depois disso, conseguiu romper a minha clausura voluntaria, interrompida só pela

O DIA NÃO RESTITUIDO

de Giovani Papini

vedor de Vida. Mas elle era um homem tremendamente exacto. Certa vez, fui á sua casa e vi os seus livros de notas. Não sou a unica com quem tenha feito contractos daquelle genero, e sei que elle annota cuidadosissimamente as diminuições do seu debito. Vi tambem a filha: uma mulher pallidissima sentada num terraço florido.

"Nunca pude saber donde traz a vida que restitúe tão pontualmente, por prazos de dias, mas tenho algumas razões para crêr que recorra a *novos emprestimos*. Quaes teriam sido as mulheres que lhe deram os dias que elle me restituiu? Quereria bem conhecer alguma, mas, embora tenha feito habeis pesquizas, nunca tive a fortuna de as descobrir. *Mais, peut-être, elles ne seraient pas si étranges que je crois...* (2).

"De qualquer fórma, aquelle homem é extraordinariamente interessante e acerta muito bem nos calculos. Não póde imaginar como se me tornou terrivel a vida quando me annunciou que só tinha onze dias á minha disposição. Durante todo aquelle anno não lhe escrevi e tive a tentação de dal-os e de não me atormentar mais. Comprehende bem a razão, pois não? Toda a vez que me tornava moça por um momento, a hora do despertar se fazia sempre mais dolorosa, porque a differença entre o meu estado ordinario e

tranha alegria e pela profunda melancolia das raras pausas de juventude no decurso lamentavel da minha decadencia. Poderá imaginar aquella minha vida fantastica de longos mezes de velhice solitaria, separados de quando em quando por fogos fugitivos de poucos dias de belleza e de paixão?

"Nos primeiros tempos, aquelles trezentos e sessenta e cinco dias me pareciam inesgotaveis e não imaginava que pudessem um dia acabar. Por isso fui muito prodiga da minha reserva e escrevi frequentemente ao mysterioso De-

os meus vinte e tres annos crescia, sempre, com a idade.

"Por outro lado, era impossivel resistir. Como póde pensar que uma pobre velha solitaria recuse, de quando em quando, uma jornada ou duas, ou tres, de belleza e de amor, de graça e de alegria? Ser amada por um dia, desejada por uma hora, feliz por um momento! *Vous êtes trop jeune pour comprendre tout mon ravissement!* (3).

"Mas os dias estão se acabando — o meu credito está para se fechar para todo o sempre. Imagine: *só tenho um dia para pedir!* Depois desse dia, estarei definitivamente velha e consagrada á morte. Um dia de luz e depois a escuridão para sempre! Considere bem, eu lhe peço, toda a imprevista tragicidade da minha vida. Antes de pedir esse dia...

"Mas quando o pedirei? Que farei com elle? Ha mais de tres annos que não sou joven e em Vienna quasi ninguem se lembra mais de mim, e toda a minha belleza pareceria espectral. Entretanto, sinto a necessidade dum amante, dum amante sem escrupulos e cheio de ardor. Tenho necessidade de ser acarinhada ainda uma vez por todo o corpo. Esta minha

O dia não restituido

(Continuação)

face rugosa ficará fresca mais uma vez e os meus labios darão ainda, pela ultima vez, a volupia. Pobres labios brancos e esborcinados! Querem ficar vermelhos ainda um dia, um dia só, para um ultimo amante, para uma ultima bocca!

"Mas não sei como me decidir. Não tenho a força de gastar a ultima moedazinha de verdadeira vida que me sobra e não sei como gastal-a e tenho um louco desejo de a gastar..."

Pobre e querida princeza! Já ha alguns minutos tinha erguido o

véu e as lagrimas tinham feito dois sulcos leves na pelle da face. Naquelle momento, os soluços, ainda que aristocraticamente reprimidos, impediram-na de continuar... Tive então uma grande vontade de consolal-a, a todo o custo, áquella deliciosa velhice, e caíi a seus pés — aos pés de uma princeza decrépita vestida de preto — e disse-lhe que a amaria mais que um cavalheiro louco, e implorei-a, com as mais doces palavras, para que se concedesse a mim, só a mim, no ultimo dia de sua bella juventude.

Não sei precisamente tudo o que lhe disse, mas as minhas palavras devem tel-a commovido porque me prometteu, com algumas phrases um tanto theatraes, que eu havia de ser o seu ultimo amante, por um só dia, dentro de um mez. Obtive a entrevista para um certo dia na mesma cidade, e me despedi muito perturbado, depois de lhe ter beijado as magras e brancas mãos.

Ao voltar para a cidade, de noite, a lua, não perfeitamente cheia, olhava-me insistentemente com ar de piedade sarcastica, mas eu estava por demais preoccupado com a minha princeza para leval-a a serio.

Aquelle mez foi muito longo, o mais longo mez de minha vida. Tinha promettido á minha futura amante que não procuraria revel-a até o dia fixado, e mantive o meu trato galante. Apesar de tudo, o dia chegou e foi o mais longo daquelle longuissimo mez. Mas a noite chegou tambem, finalmente, e depois de me ter trajado o melhor que podia, fui para a villa com o coração tremulo e o passo incerto.

De longe, vi as janellas illuminadas como nunca as tinha visto, e ao me aproximar achei o portão aberto e o balcão coberto de flores. Entrei na villa e penetrei no salão onde ardiam todas as velas de dois phantasticos candelabros.

Disseram-se que esperasse e eu esperei. Não vinha ninguem. A casa toda estava silenciosa. As luzes ardiam e as flores perfumavam a solidão. Depois de uma hora de espectativa agitada, não pude conter-me e entrei na sala de jantar. Estavam preparados na mesa dois talheres e flores e fructas em grande abundancia. Passei para uma saleta, docemente

O dia não restituido

(Conclusão)

illuminada e deserta. Finalmente, attingi uma porta que sabia ser a do quarto da princeza. Bati duas vezes e não tive resposta. Então me enchi de coragem, pensando que um amante póde esquecer a etiqueta, e abri a porta, estacando no limiar.

O quarto estava cheio de vestidos sumptuosos, atirados por todos os lados como na furia dum saque. Quatro candelabros espargiam em torno uma luz esvoaçante. A princeza estava estendida numa poltrona deante do espelho, trajando um dos mais maravilhosos vestidos que eu tenho visto.

Chamei-a e não respondeu.

Aproximei-me, toquei-a e não se moveu. Percebi, então, que suas feições estavam como sempre as conheci, pequenas e brancas, um pouco mais tristes que do costume e ella um pouco amedrontada. Puz uma das mãos em sua bocca e não senti respirar — levei-a ao peito e não senti bater.

A pobre princeza morrêra — morrêra docemente, de improviso, emquanto observava no espelho a volta da belleza.

Uma carta que achei no chão junto della, explicou-me o mysterio de seu fim inesperado.

Tinha poucas linhas escriptas em letra vertical e militar, e dizia:

"Gentil princeza. Lamento sinceramente não poder restituir-vos já o ultimo dia de juventude que vos devo. Não consigo mais encontrar mulheres bastante intelligentes para acreditar na minha incrivel promessa, e minha vida corre perigo.

Farei ainda novas tentativas e communicar-vos-ei os resultados porque seria meu vivo desejo servir-vos até o fim.

Acreditae-me, illustre Princeza, vosso devotissimo..."

A assignatura era indecifravel.

Silveira Martins

O distincto patricio, dr. José Julio Silveira Martins, filho do grande brasileiro que foi o conselheiro Gaspar Silveira Martins, dirigiu-nos a seguinte carta, que nos apressamos em publicar, e na qual o illustre e criterioso biographo daquelle venerando estadista esclarece e rectifica, devidamente, alguns pontos de uma publicação estampada na edição de FON-FON de dez de maio ultimo, de autoria do nosso prezado collaborador sr. Horminio Lyra.

Ninguem, aliás, mais autorizado a fazel-o do que o dr. Silveira Martins, carinhoso e dedicado reverenciador da memoria de seu saudoso pae, sobre cuja vida nobilissima e cheia de serviços á Patria publicou, ha pouco, ainda, notavel obra.

"Rio, 15 de maio de 1920 — Illmo. Sr. Redactor de FON-FN — Saudações — Na edição de 10 do corrente desse brilhante semanario publicou o sr. Hormino Lyra um artigo com alguns dados biographicos sobre meu saudoso pae, conselheiro Gaspar Silveira Martins, e merecedores de rectificação em alguns pontos. Assim, não é exacto que o grande tribuno gaúcho tenha invertido os appellidos de familia pelo motivo apontado naquelle artigo. A collocação do sobrenome materno em ultimo logar é um costume geralmente adoptado no Uruguay, e os paes de Silveira Martins, que possuiam sua estancia no Asseguá, zona vizinha daquella Republica, seguiram o costume uruguayo, dando ao filho o nome de Gaspar Silveira Martins, inversão que o inolvidavel tribuno manteve durante toda a sua existencia. Outro ponto que exige rectificação no artigo do distincto collaborador desse semanario é o que se refere á estada de Silveira Martins no Rio após ter deixado o collegio de Pedro Domingues, na cidade de Pelotas. O tribuno não veiu para o Rio contra a vontade do seu pae. Este, é certo, pensou em consagral-o á carreira commercial, mas, ante a firmeza do filho em seguir uma carreira liberal, resolveu mandal-o para o Maranhão, afim de ali concluir o curso de preparatorios. Silveira Martins, pois, não embarcou clandestinamente para a Côrte, nem ahi esteve empregado como copeiro de uma hospedaria. Não contesto esta ultima circumstancia por julgar que ella pudesse vir em desabono do caracter do excelso tribuno, mas tão somente para completo esclarecimento da vida de um dos mais illustres filhos de nossa patria, á qual dedicou todas as energias da sua vontade e todo o fulgor da sua intelligencia privilegiada.

Muito grato, sr. Redactor, pela acolhida que dispensar a estas linhas, subscrevo-me o leitor muito attento — *José Julio Silveira Martins.*"

O VOTO

PRUDENCIO Carcaranú havia conseguido tudo, isto é, tudo o que se propuzera conseguir, como seja: ficar livre de callos, ganhar na loteria, ser amado por uma mulher formosa e rica, e ser elogiado como poeta. Ultimamente, teve uma nova pretenção: a de ser deputado.

Como se sabe, para ser deputado federal não se requer nenhuma qualidade notavel, nem siquer vestir no rigor da moda e banhar-se todos os dias. Basta ser brasileiro, legitimo ou naturalizado, falar o portuguez, saber, pelo menos, assignar o nome, e que sua candidatura seja patrocinada por um partido politico de prestigio. Nada mais.

Mas succedeu que, depois de mil e uma illusões, o optimismo de Prudencio Carcaranú cahiu ao poço sem fundo das desillusões. Elle não tinha a ventura de pertencer a nenhuma facção politica effervescente: sua candidatura, independente, passaria despercebida. Só seus amigos podiam votar nelle. Mas estes, apesar de muitos, não sommavam os milhares indispensaveis para a victoria.

No emtanto, tomou o incommodo de visital-os. Depois dos cumprimentos de pratica, e de fazer votos pela felicidade da familia, Prudencio Carcaranú entrou de cheio no objectivo de sua visita:

— Sabes de uma cousa, Fulano? Candidatei-me a deputado.

— Deputado, tu? E para que?

— Ora, para que! Para o que são os outros: para ficar importante.

— Só para isso?

— E parece-te pouco? Acaso outros não deram sua fortuna para poder usar o titulo de deputado, e poder, cheio de orgulho, dizer, a cada momento, ao dono do armazem, ao continuo de ministerio, etc. — "Sou o *deputado Tal*"?

— Apenas como uma vaidade concebo tua pretenção. Mas não creio que saias victorioso do prelio. Sem o apoio de um partido politico forte não conseguirás tua eleição.

De

LUIS E. MONTELLEZ

— Exporei um programma soberbo: a pena de morte para todos os que exploram seus semelhantes; o barateamento dos alugueis, do pão, da carne e do leite; a suppressão dos hippodromos e da loteria; uma baixa de cincoenta por cento para os passageiros de bondes e omnibus que tenham de fazer mais de tres viagens por dia; abolição dos impostos, do serviço militar obrigatorio e dos banhos publicos. Tudo isso não é mais do que uma particula do que me proponho fazer. Que me dizes?

— Pode ser que tenhas sorte. Eu, por mim, te prometto meu voto e o de meus amigos.

— Era isso, precisamente, o que te ia pedir. De modo que farás alguma cousa por mim, hein?

— Sim. Para isso sou teu amigo.

No fim de dois mezes, Prudencio Carcaranú havia visitado seus 4.731 amigos, obtendo de todos a mesma adhesão.

* * *

REDIGIU sua plataforma eleitoral, obra que lhe trouxe cabellos brancos. Mandou imprimil-a, e encheu os muros da cidade com cartazes tentadores. Falou nas esquinas, nas praças e até radiotelephonicamente. Mas, a despeito de seus esforços, fracassou redondamente. Por occasião das eleições, o pobre Carcaranú só obteve um voto: o seu!

Então, offendido e decepcionado, resolveu mandar a cada um de seus 4.731 amigos uma carta terminante, rompendo relações com todos elles e classificando sua attitude o mais duramente possivel.

Mas, antes de terminar de escrever as cartas em questão, o correio lhe entrega 4.731 cartas de seus amigos, os quaes, em termos mais ou menos semelhantes, lhe diziam:

"Querido amigo Prudencio: Lamento infinitamente que meu voto haja sido o unico que obtiveste em tua recente campanha eleitoral..."

HORACIO MENDES (Capital). — O sr. me envia uma carta inflammada, defendendo-se da "grave accusação que lhe fiz" — assevera — a proposito da publicação de um soneto, no FON-FON de 3 do corrente.

Ora, a bem falar, o sr. não se devia dirigir á minha pessôa e sim a quem lhe publicou o soneto, pois nesse caso estou como Pilatos no credo. Não lhe fiz nenhuma accusação. Ignoro a historia desse soneto, pois só respondo pelos que me passam pelas mãos — e que, aliás, são todos, com raras excepções. O seu foi uma das excepções.

— E' claro, portanto, que não sei do que se trata.

Entretanto, não me custa fazer a rectificação que me pede. O sr. se diz lesado pelo sr. Clovis de Andrade, que reside em Natal, e esclarece na sua missiva:

"Esse pobre moço, assignando producção alheia, revelou-se, apenas, (aqui emprega um termo um pouco forte), pois que outro nome não merece quem tem a coragem de abusar da confiança de um amigo intimo.

Conheci-o no Gymnasio 28 de Setembro, desta Capital, e, desde então, passei a recebel-o em minha casa, onde, aliás, elle sempre se portou com muita distincção. Quando o idiota se transfere para Natal, o que frequentemente acontece, não se esquece de enviar-me cartas e mais cartas. E foi respondendo a uma dellas que tive a ingenuidade de remetter-lhe o soneto "Confissão", feito em Junho de 1927, conforme poderão testemunhar os irmãos Gama Botelho, professores respeitados, o Dr. Manoel Travassos e o Dr. Walfrido Sotto Maior, figura sobejamente conhecida em nosso fôro.

Agora, tres annos depois, publiquei o malfadado soneto no "Fon-Fon", e isso graças á generosidade do Dr. Gustavo Barroso, a quem me recommendou o digno promotor Toscano Espinola.

Antes de publical-o, todavia, e obedecendo a conselhos do velho Boileau, resolvi introduzir-lhe tres modificações e substituir o titulo "Confissão", que se me afigurou inexpressivo.

Uma das modificações, a troca de "consumpção" por "ideal mansão", foi-me até suggerida pelo citado poeta Walfrido Sotto Maior, o laureado autor do "Levanta-te e Caminha". Mas o sr. Clovis Andrade, que desconhecia as transformações por que passava o tal soneto, resolveu estampal-o no "Potengy", lançando sobre meu humilde nome a pecha de plagiador. Basta attentar-se, entretanto, para a minha situação intellectual, para que fique patenteada, de maneira plena, a insensatez da accusação.

Vê-se, pelo exposto, que o "Potengy" fez como certos ladrões que procuram se escapar á policia gritando o classico "pega ladrão!"

Fique sabendo o citado jornal que o soneto "Sonhos" faz parte do meu livro "Salamandra", de proxima publicação, e que supponho de minha autoria, até que o sr. João Baptista Pilula de Foster me convença do contrario.

E, como sei, Sr. Dr. Bastos Portella, que o senhor é um homem de probidade literaria, venho pedir-lhe, com fundamento em dispositivo legal, a necessaria e ur-rectificação.

E' o que queria dizer, escrevendo-lhe hoje, o confrade e admirador.

Rio, 12 de Maio de 1930.

Horacio Mendes.

Permitti-me cortar os termos que julguei offensivos pela simples razão de que uma defesa literaria não deve implicar uma aggressão. Tanto mais quanto não temos a menor intenção de ferir os nossos leitores. Quando muito, brincamos com elles, para amenizar a aridez desta secção.

Particularmente, acho sublime essa contenda, no seculo XX, por causa de um soneto. Que se brigue por dinheiro, é coisa ao alcance de qualquer mediocridade; mas por uma poesia, é episodio que só occorre com os espiritos avançados.

E creia, sr. Horacio Mendes, que tenho a sua individualidade literaria no melhor e no mais puro conceito. A sua defesa é clara e honesta.

PROCOPIO DE OLIVEIRA FILHO (Capital) — Como não tenho tempo para ler o seu conto, entreguei-o ao secretario, que lhe fará justiça.

ALVARO RODRIGUES (Capital) — Agradeço-lhe as palavras captivantes que me dirigiu e bem assim o conselho, segundo o qual não devo dar resposta a certas cartas, como a de "Matuto de Cuiabá".

Quanto a esta ultima parte, não receie que a patria se perca, nem que a literatura soffra algum prejuizo. Eu sei bem até onde chega a efficiencia das minhas réplicas... O leitor é que nem sempre descobre onde é que canta o gallo que ouve cantar...

Quanto ao seu poemeto, devo dizer que é bem acceitavel. Acho que ha nelle uma redundancia quando se refere a "rosas perfumadas". Ora, quando se fala em rosas, subentende-se que sejam perfumadas. Mesmo porque, querendo alludir-se a outras, é imprescindivel accentuar: rosas inodoras, que aliás são as que se chamam "rosas bravas", especie de degenerescencia das rosaceas.

Vou aproveitar os seus versos.

FLOSSIE (S. Paulo) — Não posso attender o seu pedido. Só farei graphologia remunerada. E' bem mais agradavel, não acha?

ITAIMBÉ (S. Paulo) — O seu conto foi entregue ao secretario. Não tive tempo para lel-o.

EXILÉE (Capital) — Sempre suppuz que fosse mais prudente. Espero que esclareça o facto, nas suas linhas geraes, afim de que a possa aconselhar.

Quanto ao mal entendido, sem duvida, V. Ex. m'o explicará melhor do que eu. Ignoro até mesmo quem seja V. Ex. Será homem ou mulher? Amo as coisas claras, sem subterfugios. A culpa é de V. Ex., que retarda as suas cartas.

Como lhe responder?

MARIO QUINTANA (Rio G. do Sul) — Francamente, não gostei do rythmo dos seus versos. Podendo tel-os feito lindos, o sr. os estragou com a sua innovação — alternando decasyllabos com endecasyllabos.

Garôa... peca pelo ultimo verso. Não entendi.

A tarde morre como a vida, inteira!

Porque? Quer dizer que a tarde morre como sempre? Ou á semelhança da vida inteira? Como vê, ha muita ambiguidade na sua

imagem. E, no emtanto, o sr. é capaz de escrever bellos versos.

Tenha paciencia: desta vez, não lhe dou o meu apoio.

SEVY (Capital) — Aqui vão os versos de pés quebrados que me envia:

CARO YVES

Como és um bom rapaz
(Não penses que é mania)
Quero ver si és capaz
De fazer-me a graphologia.

Espero que ao responder
Não venhas com tapeação
Pois si a ti vim recorrer
Foi com grande convicção.

Eu tenho um presentimento,
Não é cousa boa, não,
Que veas para meu tormento
Com quatro pedras na mão.

Sei que és bem delicado
E da Alta Sociedade.
Estes versos de pé quebrado
Não recebas com maldade.

Eu não lhe estudo a graphia,
Senhora Sevy de tal,
porque o faço todo dia,
e sempre me saio mal.

As consulentes ingratas,
com quatro pedras na mão,
me mandam plantar batatas
em signal de gratidão...

DRAGÃO (Pará) — Si o sr. constatou que o seu trabalho foi bem acolhido pelo *Fon-Fon*, eu só tenho que lhe dar os meus parabens.

Quanto a collaborar em nossa revista, é coisa que depende do collaborador e não de nós outros. As nossas paginas estão abertas a todos quanto querem e sabem escrever.

O resto é com a cesta — no caso do collaborador não corresponder á nossa expectativa.

Portanto, é desnecessaria a consulta que me pede fazer ao corpo redactorial do *Fon-Fon*, que nada tem com isso. A unica pessoa que pode resolver sobre o caso é o secretario. Mas este resolverá tudo dentro daquelle criterio.

O sr., portanto, é o unico pistolão de si mesmo.

SILVINO DOS SANTOS (Parahyba do Norte — Não, poeta, admiro o valor dos parahybanos, do bom nome da sua terra, mas não posso conceder o meu beneplacito ao seu poemeto de estructura modernista... no seu conceito.

O seu trabalho é mediocre, embora possa ser publicado.

LEONCIO RAMOS (S. Paulo) — Esta secção antigamente era interessante. Divertia, e não amolava. Hoje amola e não diverte.

Mas não se pense que a culpa

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

seja minha. A culpa é da invasão de poetas incipientes, asnaticos e pobres de espirito, que fazem do redactor desta pagina um mestre-escola de poetica e de graphologia. Os elementos que constituiam a essencia de "Saibam todos"... foram desapparecendo — para dar logar á correspondencia dos candidatos, a poesia e a estudos graphologicos.

E' necessaria uma reacção tremenda, para evitar que elles dominem a pagina deploravelmente.

O "Saibam todos"... é, como sempre, uma secção util, que se propõem a orientar o leitor no conhecimento de certas coisas que, sendo facillimas, não estão, ás vezes, ao nosso alcance. Exemplo: um endereço que uma pessôa do interior deseje obter, de uma pessôa que more no Rio. Ora, para nós é só recorrer ao catalogo do telephone. E' facilimo. Mas para o consulente do Estado é difficilimo.

A nossa cooperação será util. Mas os consulentes do "Saibam todos"... desvirtuaram a nossa finalidade. Invadem-n'o com a moxinifada dos seus versos. Que fazer? A reacção só pode ser feita pelo ridiculo, pela troça, pelo humorismo. Si desgosto este ou aquelle — paciencia. E' mister que os candidatos a um logar nas paginas do *Fon-Fon* se compenetrem de que esta secção não é escola de poetica, nem asylo de cégos da literatura. Cégos, digo bem, porque outra coisa não são esses moços que se atiram á poesia, por simples desporto, sem se lembrarem de que temos o que fazer — antes de lhes servir de guia, com o pires na mão. E' verdade que não nego valor a quem o tem. E lhes faço a justiça que merecem. Mas não é possivel transformar a minha secção em abrigo de privados da vista... literaria...

Escrevi tudo isso, como desafogo ao sr., que me pede acolhel-o fraternalmente, quando a obra prima que me remette é a seguinte:

"*MINEIRA*"

E' uma linda mineira, a Imma-
[culada.
Sempre lhe digo assim: você [linda-
Numa jovialidade que não finda
ella me volve o olhar e dá risada.

Quando, em Minas lhe falo, enthu-
[siasmada
então revela uma alegria infinda,
e quanto mais lhe falo, mais ainda
quer que lhe fale nessa terra
[amada.

Eu tenho adoração pela mineira
Sempre lhe digo assim: minh'alma
[inteira
vive para você, minha graciosa

E ella me fica olhando enterne-
[cida...
Como si fosse para minha vida
o que as pétalas são para uma
[rosa.

ELSIE (?) — Tenha paciencia, a minha graphologia, si é tão preciosa, deve ser estipendiada. Não é verdade?

Si não concorda commigo — o mundo está cheio de charlatães. Ha, por ahi, graphologos de ambos os sexos, que chegam a fazer prophecias: falam do passado, do presente e futuro. E trabalham por amor ao officio. Porque não recorre a esses?

ODETTE (S. Paulo) — Não posso fazer o estudo de sua letra. Salvo si fôr pago para isso.

ORCHIDEA (S. Paulo) — Não sou graphologo, senhorita Orchidea.

PAULISTASINHA (S. Paulo) — Não posso fazer a sua graphologia. Ella não diz bôas coisas da sua pessôa.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

— • —

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

— • —

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 24-5-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

PASTILLES VALDA
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes (Influenza), Catarrhes, Asthme, etc.
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
ETABLISSEMENTS PASTIVAL
PARIS
APPROVADO

Uma Constipação Descurada

é a porta aberta a todas as doenças
da Garganta, dos Bronchios e dos Pulmões.

Não descurae uma constipação!

TRATAE D'ELLA

energicamente e com pouca despeza usando as

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS

Mas sobre tudo não empregae senão as

verdadeiras Pastilhas VALDA

unicamente vendidas EM LATAS com o nome VALDA
Encontram se em toda sas Pharmacias e Drogarias

Para a Mãe
como
para a creança
a

TRICALCINE

OPOTHERAPICA

traz
o vigôr e a saude

a TRICALCINE OPOTHERAPICA
dá resultados rapidos nas...
CONVALESCENÇAS, PERIODO DE CRESCIMENTO,
GRAVIDEZ . LACTAÇÃO . ANEMIA .

OS DOIS DESTINOS

De MARIA THEREZA

ERA quasi impossivel aquelle amor!

Impossivel, porque o destino os havia enganado. A sorte os fizéra vir pela vida, até certo ponto della, sonhando e ambicionando. Mas um dia todo aquelle castello de cartas ruiu e veio abaixo sepultando tudo em ruinária, afogando as vozes gentis das aves que cantavam nas amplas ramadas das aléas floridas. Onde outróra se ouvia o doce e molle murmurio das aguas claras, que escorriam preguiçosas entre a relva fresca e macia, sob um céo constantemente anilado, de largas flôres de ouro, pelo dorso erecto e altivo, erguiam-se agora negros espectros disformes, de longos braços descarnados e de vazias mãos afflictas. De toda aquella magnifica construcção que elles dois fizeram da base de um só coração, dourando-a com a luz diaphana da illusão mais bella e entalhando-a num recanto de céo vesperal, nada restava mais que relembrasse o antigo esplendor ou fizesse menção da galhardia antiga daquellas duas almas que o destino trouxe pela mão até certo ponto da vida, para, depois de muito enganal-as, muito illudil-as, separal-as para nunca mais...

Primeiro aquelle amor que era todo festa, nascido na innocencia e na innocencia alimentado. Os dias alegres. O esplendor que mora dentro das almas que se querem com candura amorosa. A musica de uma felicidade distante cantando-lhes dentro do coração abandonado no caminho de damasco do sonho mais lindo. Um infinito encantamento da vida, e a vida correndo deante dos olhos delles como uma onda muito verde e preguiçosa no balanço do mar muito manso. Sempre muito juntos, sempre muito presos, muito enlaçados, elles dois viviam maravilhados deante do espelho da vida, cheio de mysterios e de seducções. Mas uma coisa, entretanto, de sinistro, os rondava de perto. Lá no fundo da taça que elles dois erguiam em oblação ao sol, em pleno extase do amor, em meio da espuma dourada, uma gotta de fel mereava e se dissolvia, rutila como o proprio vinho mas sem a doçura e a embriaguez delle, sem a doce voluptuosidade do seu espirito e sem aquelle entorpecimento paradisiaco com que elle derrete as coisas reaes para nos conduzir aos sitios phantasticos do sonho, da morbidez sensual e embaladora. Uma coisa qualquer de aziaga, não restava duvida, os acompanhava com um torvo olhar, e lhes media o passo leve, pousado de manso aquelle caminho em flôr que elles dois pisavam, embriagados de uma doce e espiralante volupia sonhadora.

Os dias corriam numa enfiada de contas luminosas, cada qual mais accesa e mais linda, cada qual mais rica e mais esplendida, no rythmo fugace das coisas bellas e ephemeras, que arrebatam os sentidos para depois matal-os um a um, para entysical-os depois a todos como galhos hiatos que jamais deram um botão ou tiveram a graça de um fructo.

Ella, cada dia que se desfolhava como um bem-me-quer muito branco entre os dedos de sêda da noite mansa, mais se prendia ao terno coração delle, mais se entranhava pela vereda daquelle caminho que ella suppunha irmão do seu, talhado com as mesmas directrizes, com as mesmas rectas e as mesmas curvas suaves. Elle mais se identificava dentro daquella existencia de flor cujo perfume enchia as horas do seu viver de um olor inebriante e carinhoso como as cinco petalas de sua mão pequenina e breve como um lirio na torrente bravia.

Regina Helena tinha dezoito annos quando a sombra do desengano lhe cahiu em cheio sobre o coração virginal.

E, relendo a carta que lhe mandára Roberto, não acreditava que entre elles estivesse tudo acabado, tudo desfeito, tudo em cinza. Os seus lindos olhos côr de turque... boiavam como duas flôres den... das pupillas inundadas de ag... A verdade estava ali, porém, ... lado della, inabalavel, solidifi... no mesmo chão em que pisa... os seus pés.

Roberto deixava-a, tambem, ... sua vez amargurado. Ella o sab... Sabia que elle a amava ainda, ... nha a certeza disso. Mas, com... rasgasse entre elles um cahos p... fundo e triste, ella sabia que ... tava tudo perdido entre elles ... tudo esborôado, esborôado e s... meios de reconstrucção!

Como quem faz passar pelo fu... do da retina morta todas as p... queninas minudencias de uma ... da feliz que já viveu, Regina H... lena passava, um a um, os inst... tes daquelle amor que vinha ... ser sepultado na cóva raza da ... mão, envolto naquella carta ... rompimento que Roberto lhe ma... dára.

A pequenina alcova ia se entr... tecendo emquanto a tarde mor... e a noite semeava o céo de grã... de ouro.

Regina Helena releu a carta ... Roberto, á luz doce e suave ... "abat-jour", e, que dizia assim:

"Minha bôa Regina. — Escreve... te cheio de magoa e de triste... ao mandar-te estas derradeiras ... nhas, as que são de um defi... tivo e acabado rompimento. Com... sabes, papae, ha cinco annos, p... siste em ser o nosso tyranno... Causa-lhe prazer nos ver def... nitiva e irrevogavelmete separ... dos um do outro. Rico que elle ... senhor da maior fortuna desta ... dade, como tu sabes e todo o mu... do apregôa, elle destina a m... mão a uma outra mulher que te... nha, pelo menos, dinheiro com... eu e menos educação do que tu.

Hontem ao jantar, papae exig... de mim o nosso rompimento, so... a ameaça terrivel de que me d... herdaria, reduzindo-me á miseri... mais vil e desalentadora. Com... vês, fui forçado a abandonar-t...

(Conclúe na pag. 67).

LEANDRO
MARTINS & C.IA
ARCHITECTURA INTERIOR
MOVEIS
DECORAÇÕES
TAPEÇARIAS
GEORGES VEIL
Ouvidor 93 95

ALMINHA DE NEVE

De LOLA KNEIP

ONDE está a minha alma? Quem m'a roubou, a alminha ingenua e casta que era minha?... Quem foi o perverso que levou a minha alma de innocente e collocou no seu logar uma alma negra e desapiedada, que conhece e priva com todas as miserias da vida?

Escutae-me, ó corações piedosos! Eu tinha uma alma muito pura e branca, tão branca como o jasmim que rescende o seu perfume nos jardins fidalgos... Branca como a garôa do meu Estado distante, que se estende sobre os arranha-céos modernos como o corpo branco de mulher bonita... Tinham inveja da minha alminha pura. Quantas vezes, quantas!, eu vi olhos accesos de cubiça e boccas retorcidas de desejo, em torno da brancura immaculada da alma que eu tinha!... Quantas vezes almas pervertidas e loucas tentaram quebrar a pureza da minha! Mas eu era avara do meu thesouro e nunca deixei que uma mancha de impureza maculasse a nivea côr da minha alma esplendida!...

Com que alegria, com que doce misericordia nos olhos, nestes meus olhos verdes de esmeraldas, eu olhava a vida, com todas as suas impiedades, os seres, com todos os seus crimes, quando tinha uma alma branca e pura como a garôa do meu Estado distante!...

Um dia, porém, talvez no momento em que eu dormia, descuidosa, alguem chegou de leve e roubou a alminha ingenua que eu tinha... E, no escaninho vazio, num requinte de maldade, poz uma alma maculada e triste, cheia de vicios e imperfeições... Que conhece o mal e todas as dolorosas agonias... As miserias da vida e os crimes barbaros, que eu não conhecia no tempo em que a minha alma era branca de lirio!... Talvez achassem, quem sabe?, que eu era muito feliz possuindo-a, ignorante e sem macula, dentro do seculo de despudor e crimes...

Mas eu soffro tanto, sem aquella alminha de santa! Vós que m'a roubastes, ó verdugos impiedosos que occultaes o rosto covarde por detraz da mascara negra do mysterio, quando m'a trareis de novo? Eu soffro tanto com esta alma desapiedada que tenho agora, cheia de defeitos e imperfeições!...

Tão longe daquella alminha pura e branca que era minha, tão branca como os jasmins olorosos e a garôa que nimba os telhados dos arranha-céos da maravilhosa cidade distante...

O SINO DE FRIULI

De ERCOLE RIVALTA

ERAM poucas as casas que viam passar a agua do Tagliamento, erguidas todas ao derredor da pequenina egreja.

Uma cintura de prados verdes, muito verdes, na bôa estação, tinha-se, naquelle fim de Outubro, resequido com manchas avermelhadas aqui, amarelladas acolá, como certos cabellos tintos e desbotados, quando já a tintura não tem mais o poder da sua mentira. E as casas, que de habito se miravam alegres no rio como a quererem deter a agua incansavel, estavam agora tão esqualidas nos dias frequentemente chuvosos, tão lustrosas e tristonhas de humidade escorregadia, que pareciam, ás vezes, diluirem-se no lençol transparente para se irem com elle. Aquelles que deviam ficar firmes como as raizes inexoravelmente cravadas na terra, e não podiam seguir os que partiam, tiveram o seu momento angustioso quando os allemães desceram as montanhas sem ser presentidos. Houvera alguns estrondos de canhão, longinquos; as metralhadoras tinham gralhado de quando em quando, aqui e alli; depois uma desolação de silencio, que dava medo esperar a irremediavel necessidade de uma realidade precisa. Os allemães já tinham tomado tudo; sabia-se. Mas não chegavam nunca. Era de enlouquecer aquella espectativa. Uma noite, finalmente, ouviu-se um estrepito de passos nas trevas, e, maldição de Deus! uma linguagem arrevezada na pequenina praça. Estava assim perdida a liberdade.

Nos primeiros dias revistaram tudo. Armas? E quem não as tinha? Pudera! E levaram tudo quanto havia de bom dentro das casas. E quando aquella gente selvagem gritava, ameaçava, pretendia: — "Sim, senhores: prompto." Diziam todos. E obedeciam, com certa dureza nos rostos impenetraveis, com certos olhos em que parecia ter-se tornado branco tambem o negro ou o azul.

Os soldados allemães, desde que comessem ou bebessem, estavam contentes. Os officiaes, porém, queriam mais alguma coisa, e olhavam as mulheres com um ar insolente, de senhores. Por felicidade, o commandante, que não era de brincadeiras, parecia um homem de bem a seu modo. Fazia a guerra, mas certas ignominias, não: prohibia-as. Nos primeiros tempos, um delles se adiantara com uma rapariga campesina que quasi enlouquecera de vergonha. Custou-lhe isto, porém, a pelle. Uma punhalada em pleno peito, dois dias depois. Indagações, ameaças: iam todos ser queimados; enforcados todos. Mas o proprio commandante obrigou todo mundo a calar-se. Era um homem de bem e sabia de que parte estava a culpa.

Daquella vez, interrogamos um por um, e todos tinham podido demonstrar a sua innocencia. O punhal e a mão tinham sahido do mysterio e voltaram para elle.

— Por certo — exclamava encolerizado um official muito teso que alguem o deve ter assassinado! Alguem que deve estar occulto por aqui mesmo!

E os camponezes entreolharam-se.

— Ouvis-te? Disse que deve ser alguem escondido por aqui mesmo. E por que não o procura?

Depois, entre vencidos e vencedores estabeleceu-se uma certa paz na necessaria convivencia, e quem tinha tido, tinha tido.

Os domingos, sómente, eram perigosos, porque, se um soldado allemão entrava na egreja, todos os camponezes sahiam e escutavam a missa do lado de fóra. Os allemães tinham feito esta experiencia varias vezes; resolveram, então, fazer dizer uma missa só para elles, o parocho, o pobresinho, foi obrigado a obedecer-lhes, porque não podia recusar a gente christã o beneficio da missa de Deus. Mas o sino nessa missa não soava.

— Por que? — perguntaram-lh...

— Porque vêm todos juntos não ha necessidade de aviso. Sa... bem a hora.

Era aquelle sino a mais bella voz de Friuli. Cantava. Os camponezes sentiam-se orgulhosos delle como de uma gloria sua. Pela manhã, despertava os céos e os campos com aquelles sons renascentes em cada alvorada. A' tarde cantava mais longa e lentamente e no recinto sagrado os velhos escutavam naquella voz toda a historia dos tempos distantes, e os ausentes voltavam e conversavam com elles: phantasmas dos mortos do além da morte e phantasmas dos vivos de além Piave. As mulheres pousavam as mãos sobre o regaço e sentiam no coração a voz do homem amado e as donzellas, a voz do ignoto que amavam esperando. Havia tudo naquella voz vibrante de metal; a liberdade tambem que se fôra e que toda tarde e toda manhã parecia reclamar da terra e do céo.

Os allemães viram, assim, olhos que não conheciam nas faces crestadas dos camponezes, quando chegou a ordem de retirar depressa o sino para ser fundido, como faziam com todos os sinos friulezes.

— Não o faremos, não o faremos — dizia o parocho. — E' uma cousa sagrada em que não ha necessidade de tocar-se. E os senhores são bons christãos.

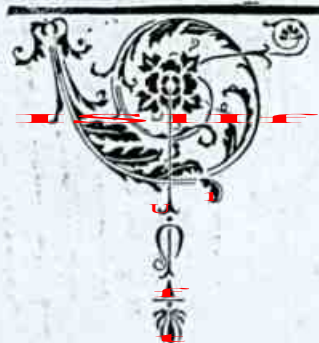
Respondiam rilhando naquella damnada de lingua. Entendia-se somente dizerem que a guerra era a guerra. E que têm os sinos com a guerra? Veio tambem o syndico fallar com o commandante.

— Sabe; são bôa gente. Já viu. Tranquillos, obedientes. Mas o sino, não. Ouça-me. E' melhor deixal-o onde está.

Então, porque lhe pareceu uma ameaça, o commandante, que se mostrara antes como homem honesto, tornou-se um bruto como todos os outros, e começou a vociferar que o sino devia vir immediatamente e que já devia estar alli.

— Está bem — disseram os camponezes e olharam-se nos olhos, reciprocamente. Um delles, o mais palrador, balbuciou entre os bigodes:

— Marietta pensará nisto.

E quando o sino dava os ultimos timidos na noite que subia da terra para os céos, Marietta em...

Chuva & Sol

trou na aldeola. Forte, membruda, com a cabeça enrodilhada, curvada ao peso de um grande cesto. Vinha das montanhas e acompanhava-a uma rapariguita, a mais bella da região. Entraram juntas numa das casas mais proximas do campanario.

No emtanto os allemães desconfiando de que á noite aquelles camponezes obstinados carregassem o sino, tinham posto uma sentinella á porta do campanario. E o desgraçado do soldado parecia caminhar entre dois precipicios: quatro passos para um lado, quatro para outro; adiante, atraz. Nem uma luz. Negro como breu. Era necessario atravessar com os olhos a escuridão, porque os camponezes caminhavam como gatos, com aquelles sapatos de corda e de panno.

Marietta disse á rapariguita:

— Ou antes ou depois, pilhar-me-ão tambem, e já é um milagre ter-me sahido bem duas vezes: quando chegaram, eu estava como numa ratoeira, e naquella noite, se tu não me salvasses...

A rapariguita perturbou-se. Naquella noite, emquanto os allemães procuravam o matador do official, ella occultara Marietta e a bayoneta ensanguentada sob as suas longas e largas vestes de camponeza.

— Agora não se póde mais viver na montanha. Elles deram para bater estradas, e ai de quem é encontrado! Eu não quiz afastar-me, e vês que era necessario. E se eu fugisse, a neve me accusaria como a um lobo esfaimado. Procura observar o que faz a sentinella.

A rapariguita suspendeu a lampada e cerrou um pouco a janella. Não podia ver nada. Ouvia apenas os passos, para cá e para lá.

— Anda.

— Póde-se vêr alguma cousa?

— Nada.

— Vou agora — disse Marietta. — Abre um pouco a porta. Sem rumor: devagarinho, bem devagarinho.

Antes de sahir, Marietta voltou-se, apertou a mão da outra e murmurou apenas:

— Olha, depois daquella noite, não te deixei mais. Mas, se os meus olhos se fecharem para sempre, será como se nunca me tivesses visto. Cerra a porta.

Marietta rastejou na sombra.

Deu um salto. O passo da sentinella deteve-se numa queda surda. Poucos minutos depois, o sino teve um calafrio sonoro: como uma badalada alegre, subitamente extincta.

Havia, pela alvorada, um morto na soleira, um monte de vestes femininas a seu lado, e dependurado no sino, um alpino com as roupas laceradas e o rosto horrendo numa expressão feroz de ameaça.

Dois christãos que velavam na eternidade.

Os allemães não ousaram retirar, dali, o enforcado. Tiveram de pensar em tal, os camponios. Mas o sino ficou, o unico, a cantar no céo e nos campos.

A taboa

De Hugo Dias

NAQUELLE meio dia glorioso caminhava eu, vagarosamente, por uma calçada. Mas meu espirito andava longe, por tunneis interiores, a tombos de cego, os braços estendidos para a treva.

De repente, um facto insignificante da rua me interessou.

O espirito, em um salto instantaneo e enorme, volveu da sombra e surgiu a meus olhos, angustiosamente. Fez com que eu me detivesse, e, já refeito do deslumbramento, observou:

Um operario, a poucos metros adeante, collocava uma taboa sobre uma profunda fossa, cavada para a installação de cabos subterraneos. Firmada a taboa, cuja largura só permittia, com algum cuidado, a passagem de um homem, avancei para transpol-a.

Deleitava-me incomparavelmente o saber-me o primeiro e o unico que passaria, com intima consciencia do acto, sobre aquella pontesinha istendida á margem inutil da caravana municipal.

Gozei, em toda a sua plenitude, a ineffavel emoção do novo. Minha fartura dos prazeres vulgares, meu cansaço das cousas correntes sentiram um sopro fresco de vento recem-nascido.

Declarei-me feliz, reconciliado com a vida, que, por fim, com a indifferença que ella gasta para nos dar os minutos que esperamos, me brindava um instante de suprema ventura.

Não andava eu procurando em todas as horas, em todos os recantos, uma pollegada de felicidade? Não se me ia o espirito por covas escuras em busca do tão perdido da camisa do homem feliz? E não voltava muito depois, coberto de pó, com o olhar murcho, o gesto desolado, a resposta transparente: "Nada!... Nada..."?

E eis que, sem procural-o, me encontrava com o instante fugaz e eterno que persegui nos annos.

Nesse momento, a vida me appareceu do outro lado da fossa, como uma garota irresistivel, que ria, ria...

Disse-lhe eu:

— Dar-te-ei um beijo nas faces ternas e risonhas juntos...

Eu ia para a taboa, quando um homem me alcançou, seguindo a meu lado. Apressei o passo para impedir que elle chegasse primeiro. Elle deve ter adivinhado minha intenção, porque se apressou, por sua vez. Olhei-o: sorria diabolicamente. Pareceu-me ouvir que murmurava:

— Não passarás. Serei eu o primeiro.

Corri. Corremos. E elle pisou a taboa antes de mim. Passaria primeiro?... Não!... Cego, desesperado, lhe dei um empurrão. Elle cahiu á fossa de maneira a fracturar a base do craneo. A morte foi instantanea.

Não me preoccupou. Triumphalmente, fui passar pela taboa. Mas ao olhar para o extremo, o espanto me paralysou: a garota irresistivel se transformara em uma bruxa espantosa, e seu riso de agua fresca era agora um feio grasnido de ave de rapina.

Um guarda me prendeu.

E aqui estou na cadeia, á espera do julgamento.

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.
Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.
Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 21

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1930

UM ESCANDALO

QUANDO penetrei na sala, o grupo formado de lindas mulheres discutia, escandalizado, um annuncio de jornal. Tive curiosidade de saber de que se tratava, pedindo antes licença para tomar parte na assembléa feminina.

A sala inteira sorriu, e uma figurinha, toda Watteau, como diria o poeta, saltou, offerecendo-me a lêr o annuncio.

Tratava-se de um rapaz sadio, de bôa apparencia, educado, de familia distincta, que, achando-se em difficuldades financeiras, e carecendo de continuar os seus estudos, procurava uma creatura moça, de recursos, para se casar, promettendo antecipadamente absoluta discreção.

Quando terminei a leitura, havia na sala um silencio tumular.

As respirações estavam suspensas e a assembléa aguardava ansiosa a opinião do unico homem ali presente.

Foi então que me atrevi a discordar:

— Realmente, não via onde estava o escandalo...

Pelos Deuses, que quasi me arrependi da audacia, pois saltaram todas crivando-me de desaforos.

— Os homens!...

— Não, minhas senhoras, o homem — repliquei...

E tive de justificar o meu modo de pensar.

Effectivamente, o annuncio me alegrara, como indice de que caminhavamos para a emancipação dos costumes burguezes da nossa sociedade, ingressando o Rio no rol das capitaes super-civilizadas...

Uma senhora quarentona, que havia atravessado a vida desejando um marido, sem o conseguir, gritou que eu era, na verdade, atrevido!...

Munido de grande calma, ponderei:

— O peccado de ser sincero, minhas senhoras, não deve irritar. Esse rapaz é franco. Possue qualidades, mas não tem dinheiro. Comprehende que ninguem pode viver sem o vil metal... Dá-se em troca do dinheiro, promettendo sigillo na transacção. E' leal. Sabe que existe muita mulher rica desejando, para marido, um rapaz com as qualidades que apregôa. Um negocio...

— Ah! então o senhor encara o casamento como um negocio?

— No mundo moderno, não passa de um negocio, como qualquer outro.

A assembléa agitou-se, e todas as mulheres gritavam a um só tempo.

Esperei passar a borrasca, para continuar:

— O annunciante não quiz enganar, e deve pagar o seu feio crime... As raparigas ricas são as maiores victimas da sociedade actual, pois quasi sempre são assediadas pela ambição pura dos homens que andam á cata de dinheiro, sendo a isca o amor... Ah! o amor! Quando a mulher se entrega, vae de olhos fechados, e, quando os abre para a realidade da vida em commum e percebe que foi illudida, penetra no inferno... Mas, parece que a mulher prefere o engano á sinceridade desse rapaz que annuncia precisar de uma esposa com recursos. Elle não leu a *Arte de escolher esposa*, de Mantegazza, e, si o fez, sabe que a pratica é melhor conselheira que a philosophia ou mesmo a physiologia medica.

— Então o amor não existe, para o senhor? — perguntou uma loirita de olhos azues, dezoito annos, uma authentica boneca.

— Sim, o amor existe. Apenas elle não se apresenta como o Cupido, de carne rosada, flechando a humanidade. E' como escreveu um espirito amigo: "o amor envelheceu, como todos os Deuses envelhecem, e os poetas e os artistas corromperam a sua velhice. Desvendaram-lhe os olhos, que eram divinamente cegos — e habituaram-no ao vicio e á tristeza. A sua bocca perdeu o aroma e a claridade do sonho."

Pensei ter vencido os corações que palpitavam escandalizados do annuncio, e avancei:

— Aqui, um annuncio arrepia; na culta Berlim, tres paginas de jornal, onde homens e mulheres procuram accommodações para a vida em commum, já não conseguem siquer despertar curiosidade. Evidentemente, a civilização é um grande bem.

Encarei a assembléa com ar victorioso.

A quarentona, que me crivara de ironias, baixou os olhos, emmudecendo.

As outras quasi confessavam que não havia motivo para escandalo, no annuncio.

Porém, a boneca loira, de olhos azues, rompeu o silencio, exclamando:

— O senhor não julga o homem *blasé* um animal perfeitamente inutil?...

MARIO POPPE

A semana Zeppelin

ESTA semana de maio vae ficar marcada, para todo o sempre, como a semana Zeppelin.

Todas as casas ficarão despovoadas, porque a população do Rio estará nas ruas, de nariz espetado no ar, acompanhando no espaço as evoluções da gigantesca aeronave que, pela primeira vez, em vôo directo, faz a travessia da Europa á America do Sul.

Um espectaculo inédito, imponente, o que o Rio vae apreciar, vendo sobre a cidade, emmoldurada do verde das montanhas, evoluir o formidavel dirigivel, concepção genial de Hugo Eckener, o primeiro almirante do ar.

A audacia humana não tem limites, é certo, e a viagem do Zeppelin ao Brasil diz bem de quanto é capaz o homem, que, fatigado de palmilhar a terra, resolveu pairar mais alto, attingindo as nuvens, numa epopéa de azas.

O enorme *charuto* vae electrizar as massas, arrancando expressões de enthusiasmo e admiração á façanha gloriosa de Eckener.

Mas, é preciso que, em meio ao côro de applausos, não fique esquecido o nome de Augusto Severo, a victima do sonho identico ao de Eckener, que teve morte tragica, em Paris, quando tentava as primeiras experiencias do dirigivel de sua invenção.

Augusto Severo, porque era brasileiro, teve apenas de contar com recursos parcos e proprios para construir a sua aeronave, e, porque tivesse de construir o seu apparelho servindo-se de material economico e improprio, encontrou na morte a gloria que sonhava para o seu paiz.

E' preciso tambem, em meio do enthusiasmo febril do acolhimento de Eckener, não esquecer o nome de Santos Dumont, o "Pae da Aviação", o maior entre os maiores *Azes*, o filho glorioso do Brasil, que fixou e tornou possivel o sonho do homem, de cortar o azul, em todas as direcções, como cortam as aves e os passaros.

Vendo o *Zeppelin* evoluir sobre as nossas cabeças, com um brado de enthusiastica saudação ao almirante allemão, tenhamos tambem a dignidade de glorificar os nomes dos precursores da aviação, que abriram os olhos para a vida, sob o céo em que brilha o Cruzeiro do Sul.

FILIGRANAS

Pela rua que eu seguia naquella tarde triste, vinha um enterro de criança. Um caixãosinho pequeno, forrado de vermelho, coberto de rosas pallidas. Pensei em Theophile Gautier:

La petite Marie est mort.

et son cercueil est si peu long

qu'il tient sous le bras qui l'emporte

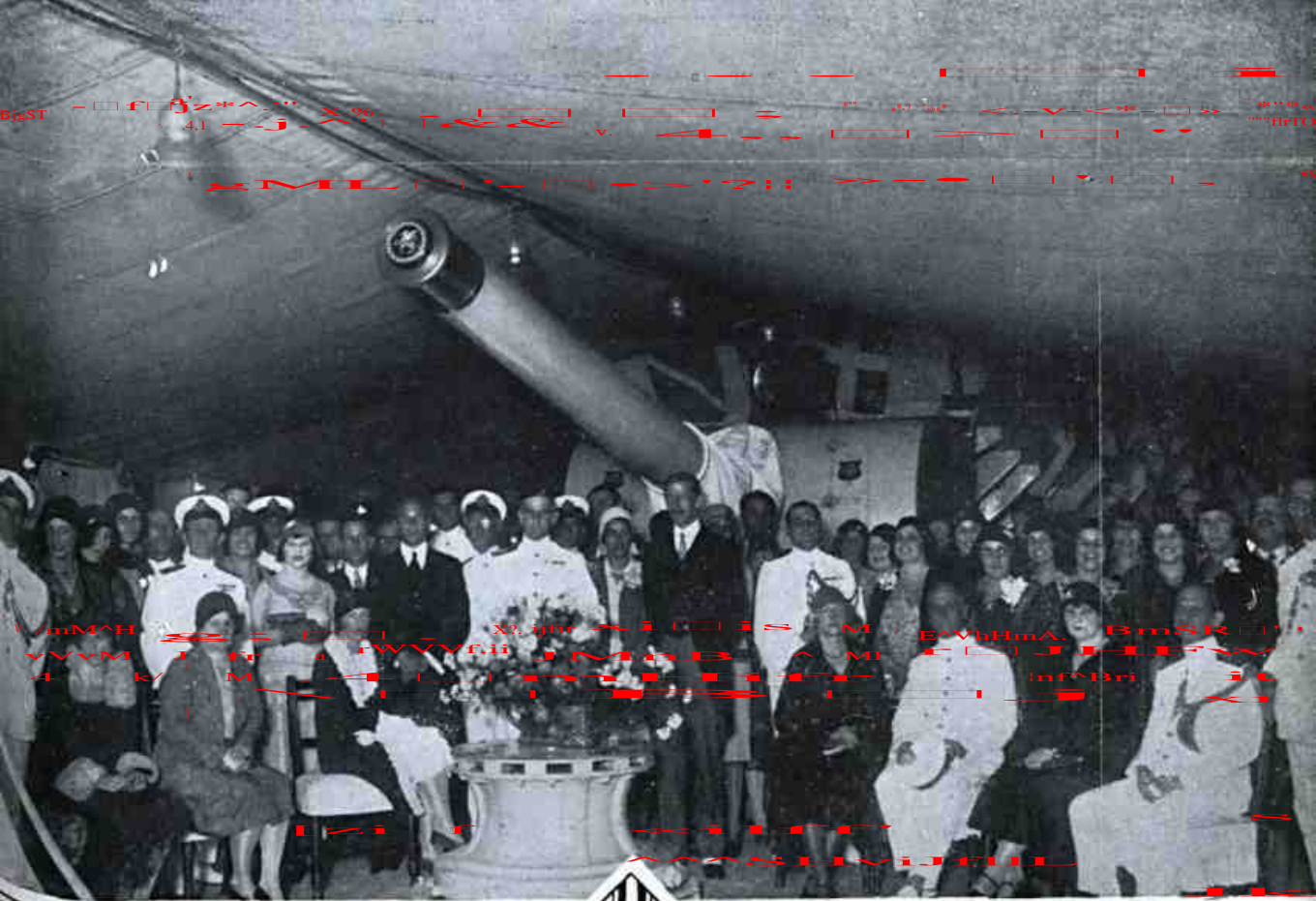
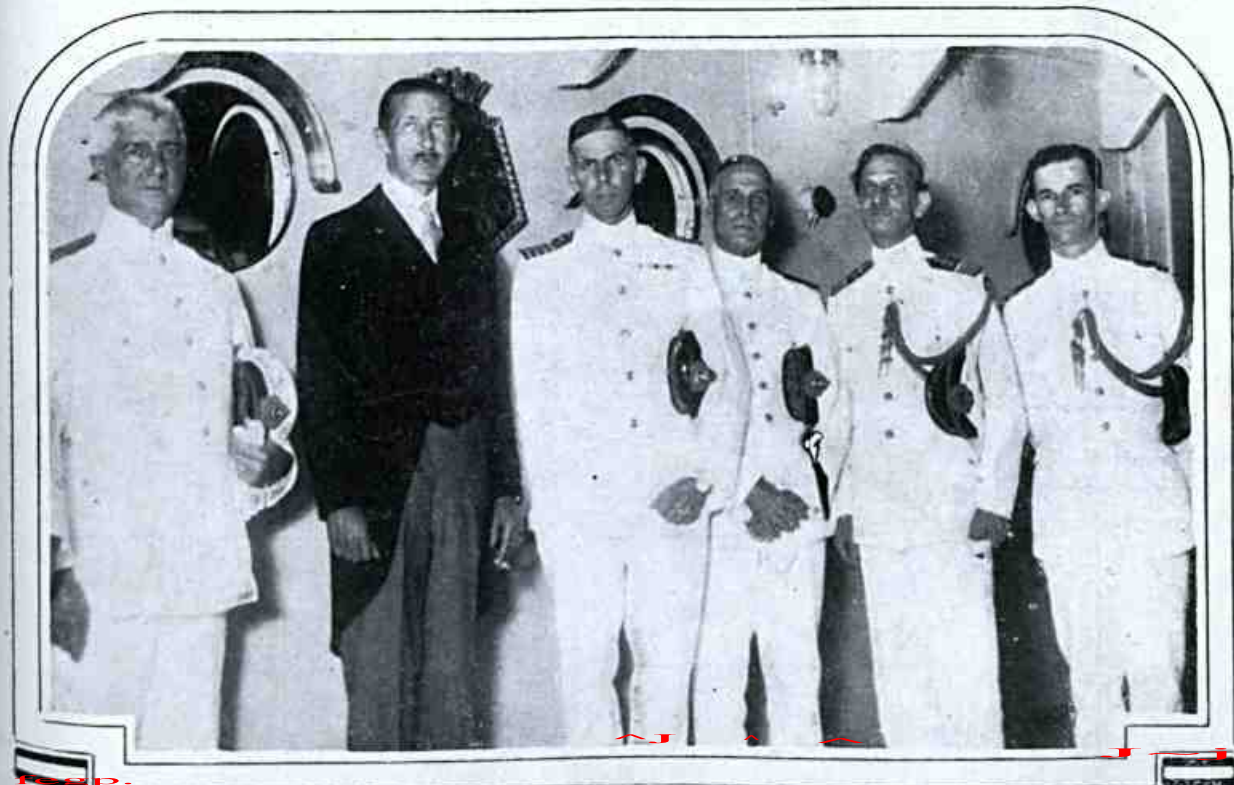
comme un etui de violon.

Pensei no *Pequenino Morto* de Vicente de Carvalho, tão suave e tão sentido; nos lindos versos de Guerra Junqueiro — "Não acordeis as timidas crianças no pequeno tumulo risonho." Como os poetas sabem sentir a morte dos seres encantadores que desabrocham para a existencia e são logo tragados pelo mysterio do tumulo! E recordei o epitaphio do rimador espanhol:

"Lindisimo boton, partido en dos,

hojas dió al mundo y el perfume

a Dios."

Commemorando a data natalicia de sua magestade o rei Affonso XIII, o ministro da Hespanha, sr. Alfredo Mariategui, offereceu, no ultimo sabbado, na séde da legação, á rua Barão do Flamengo, uma fidalga recepção ao mundo official e diplomatico e á nossa alta sociedade.

Retribuindo as homenagens de que foi alvo, nesta capital, toda a tripulação do cruzador inglez «Dragon», durante a sua permanencia entre nós, o commandante Bevan offereceu, quarta-feira penultima, a bordo daquella nave de guerra, uma brilhante festa á Marinha Brasileira e á sociedade carioca.

O commandante do «Dragon», em companhia de outros officiaes, por occasião da festa a bordo daquella unidade da Marinha de Guerra ingleza.

NUVEM DE OPIO

OSORIO DUTRA é o poeta que acaba de ser consagrado, com o premio de poesia, que obteve da Academia de Letras com o seu poema "Castellos de Marfim", no concurso de 1929, e menção honrosa com o "Céo tropical" outro bello poema.

Publicadas num só volume, essas duas obras, que já foram entregues ao "Annuario do Brasil", deverão apparecer brevemente.

De "Castellos de Marfim" extrahimos esta formosa pagina, "Nuvem de opio", que dá uma idéa precisa da arte soberba de Osorio Dutra.

Fumo e durmo em seguida. Sonho até...
Sinto que a luz, nostalgica, se inclina
E que eu trago calcada toda a China
Sob o peso inclemente do meu pé...

Ao sol triumphal da protecção divina,
Abre-se, amplo, o Nirvana á minha fé:
Buddha, certo, o meu cerebro illumina,
Que o mais piedoso dentre os deuses é.

Pelos meus olhos, numa nuvem de opio,
Como através de um grande telescopio,
Passam todas as ruas de Pekim...

E eu deliro de gozo e de loucura,
Transformando os meus ocios de ventura
Em pagodes de marmore e marfim.

Osorio Dutra

Decorreu brilhante a cerimonia da collação de grão dos engenheiros-architectos da turma de 1929 da Escola Nacional de Bellas Artes, realizada na tarde de sabbado, no salão nobre daquelle estabelecimento. Presidiu a essa solennidade o sr. ministro da Justiça, tendo tambem comparecido á mesma o dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino.

FILIGRANAS

A dôr e a fadiga curvam o homem para a terra até o dia em que ella, para sempre, o devora. A dôr e a fadiga nascem com elle e somente o deixam no humbral da porta em que se esculpe a legenda dantesca. A dôr e a fadiga vivem com elle da primeira á derradeira hora, comem á sua mesa, dormem na sua cama, não o deixam um instante. E, apesar de sua solicitude constante e de sua imperterrita fidelidade, o homem as detesta, preferindo a volubilidade, a versatilidade do ocio e do prazer.

O homem é um ingrato!...

FILIGRANAS

Amortalha-se o dia nas gazes violetas do crepusculo. Mal entram pela janella aberta uns restos de luz triste. Paraste a leitura que vinhas fazendo, mas ainda pareço escutar o som de tua voz, tão attento e immovel estou. Os teus olhos fixam-se nos meus. Volto a mim e miro nas tuas pupillas os derradeiros fios de luz do dia que agoniza no espaço. E murmuro os versos de Ercasty:

"Todas las tardes mi emoción te [aguarda.
crepusculo de olvido, de agonia y [silencio
para sentir todo el milagro tuyo."

Os novos engenheiros-architectos da Escola de Bellas Artes, em «pose» para FON-FON, no saguão daquelle estabelecimento

Faianças

A fascinação do cinema

Eu me explico muito bem o motivo por que os *fans*, *fans* de ambos os sexos, adoram os artistas de cinema. Comprehendo porque é que os almofadinhas, os "boys and girls" invejam e procuram imitar os actores da tela. Concebo porque Hollywood é a fascinação dos jovens de ambos os sexos. Justifico o prestigio de Clara Bow e Greta Garbo, de Ramon Novarro e Barthelmess, aos olhos da mocidade, dos "jeunes hommes" e das "jeunes filles"...

Olhando a vida de frente... Prova de confiança?

Acceito muito bem essa paixão cinematographica. E acceito-a porque, cada vez me convenço mais de que no écran o artista vive a vida que imagina e que desejaria viver entre os homens, de um modo tangivel e real.

Sim, Hollywood... Os studios... A arte... A fama... A Gloria... A vida artificial, vivida na fantasia, mas sob uma fórma real... Como tudo isto é fascinante!

Assim me seduz tambem a ficção do cinema. Os seus typos, as suas comedias, os seus dramas, os seus episodios me interessam enormemente.

Não pelas scenas sentimentaes. Oh os beijos cinematographicos! Elles são assim uma coisa desenxabida e insulsa, como os beijos telephonicos ou epistolares. "Acceite os meus beijos mais ardentes. Da tua X." Ou então, pelo telephone:

— Olhe, Fulano, lá vae um beijo para você.

— Mande-o de lá...

E os labios cantam a musica de um beijo que pousa no bocal do apparelho.

Não! Os beijos de cinema, sem duvida commandados pelo operador, com prazo fixo e intensidade demarcada, calculados, sem a participação das almas nem as effusões desordenadas do amor — esses beijos não me interessam nem me tentam.

O que me tenta nos films, são os lances aventurosos e temerarios, que eu desejaria viver na vida real. São os vôos aviatorios, arrojados e loucos, para os quaes é mister a intrepidez dos que sabem desafiar a morte a cada instante... São os duellos a florete ou a pistola — aliás hoje raros; — as proezas automobilisticas, os episodios, emfim, nos quaes o homem póde demonstrar o seu valor, a sua coragem, a sua intelligencia, a sua superioridade.

Depois, são as scenas de sacrificio, de abnegação, de heroismo silencioso e anonymo, em que o actor dá a felicidade ao proximo com um sorriso indifferente de quem cumpriu um dever de consciencia e de espirito.

Não sei se me exprimo de um modo claro. Mas no cinema o que eu amo é a fantasia da realidade, porque ella representa a verdade da minha fantasia...

Romantismo

Mimi — Todas as vezes que releio a tua cartinha azul-lavande onde a tua delicada letrinha se alastra como si fossem estrellas negras, mas rebrilhantes, é que meço a distancia em que estás na mediocridade das outras.

As outras a quem falta espirito e em quem sóbra a vulgaridade que desola...

Nos meus momentos de meditação e saudade, eu me vingo em rever a tua imagem branca, que vive na minha imaginação.

Sob as arcadas das sobrancelhas riscadas a carvão, a melancolia dos teus olhos (de que côr?) me dá a impressão de que vives num sonho interminavel. Os teus cabellos me excitam o desejo de enfeital-os, não de rainunculos, de ortiga e margaridas, como os da Ophelia, de Shakespeare, mas de violetas que são puras como a tua alma e suaves como os teus sonhos.

Sim, Mimi, si um dia os meus dedos rudes pudessem adormecer sob o velludo desses cabellos côr de folha secca... ou, talvez, *biondi* como os daquella musa dos versos de Stecchetti...

Quando cadran le foglie, e tu verrai
a cercar la mia croce...

Mas noto agora que devia tratar-se por *você*, por que a tua bocca, que tem a fórma de um accento circumflexo, accentúa o *e* do pronome *você* — como diria Rostand. Caracteriza a tua personalidade. Por isso, não vejo nenhuma bocca tão linda que se assemelhe á tua: ella se fez para as palavras bonitas, como *sonho, ideal, amor, chimera, felicidade* e *mentira*...

Mentira! Sim. Sobretudo os teus labios cheios da perfume e saude se ajustam ás mentiras do amor como as rosas aos ramos verdes da roseira...

Teu — Yves.

Melancolia

"Não chore, minha querida,
a nossa separação...
O amor é uma ilha esquecida
no mappa do coração."

Encontrei essa trova nas "Cantigas para você", de Francisco de Mattos, que é, indiscutivelmente um poeta de emoção facil e de lyrismo pungente.

"O amor é uma ilha esquecida
no mappa do coração..."

Que imagem perfeita! Ella possue a força evocadora das realidades flagrantes. Os que amam, e viram o seu amor rejeitado, certo dia, ao embate da vida fatalmente hão de recolher a suggestão viva que nos vem daquella ilha esquecida, na vastidão do mappa-mundi...

O poeta talvez dissesse melhor:

"O amor é uma ilha esquecida
nos mares do coração..."

Mas eu comprehendo bem por que preferiu a imagem de um mappa. Ella é perfeita. E' impressionante, além do mais. "Sendo uma ilha esquecida, no mappa do coração", o amor, para o poeta, é assim como uma coisa insignificante, que se pode obter a cada passo — como quem navega não achará difficil encontrar um archipelago nos mares immensos e solitarios.

Não sei si é feliz a minha interpretação. Não é facil aprofundar subtilezas de um temperamento de artista. De resto, nós vivemos por detraz das palavras — como diz Geraldy, no seu bello *Toi et moi*. Mas, seja como fôr, eu senti aquella trova cheia de melancolia ironica e de um conformismo que tem o sabor das lagrimas altivas — choradas no recanto das dôres longas e silenciosas.

E tu, creatura que amei tanto, certamente sentirás commigo toda a desolação destes versos...

"Não chore, minha querida,
a nossa separação...
O amor é uma ilha esquecida
no mappa do coração..."

Olhando o mundo de soslaio... Signal de desconfiança?

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

A aza sombria da tristeza agita-se em redor de mim, numa palpitação de desalento.

Por que estou triste? Por que este desanimo, quando tudo, na natureza e na vida, é uma continua exaltação da belleza, da alegria e da força?

Lá fóra, o sol — um lindo e quente sol de oiro — derrama-se sobre o mar e sobre a terra num espasmo de luz.

E' a festa da vida esplendente, sob a glorificação magnifica da luz que fecunda as entranhas da terra, e amadurece os fructos, e aquece os ninhos, e faz florirem as arvores e os rosaes.

O calor que fecunda a terra e todos os seres, e que faz com que poreje o leite da vida dos seios fartos e castos da natureza — esse calor de que és, oh! Sol, o eterno mysterio concepcional, é o sôpro quente de Deus a tocar todas as coisas, a commover todos os corações, a exaltar todos os espiritos, no seu trabalho creador. Porque Deus é o Amor e tudo na natureza e na vida, é uma palpitação do amor immenso e infinito.

Lá fóra, o sol prateia a praia e aloira o mar verde e tumultuoso, de ondas que bailam, que dançam e se agitam e espreguiçam, e desfallecem, para morrer num espasmo de beijos espumantes...

Deante de tudo isso, porém, minha incomprehendida e avassaladora melancolia prende-me á inercia de uma inquietação interior exhaustiva e enervante.

Por que?

Sabe-se lá, ás vezes, porque se está triste!

Minha vida — uma pobre vida que nunca encontrou sua expressão, um sentido, uma formula realizadora de todos os seus anseios.

E, hoje, neste dia luminoso e festivo de maio, o tempo impiedoso fez descer sobre meus hombros o fardo de mais um anno.

— Não soubeste viver, porque raramente obedeceste á voz dos meus dictames, ao imperativo dos meus mandamentos — diz-me a razão...

— Tens vivido mais e melhor do que os que vivem adstrictos ao que ella ordena, inflexivel e duramente — diz-me o coração. Cultivei em tua alma todas as flores da emoção e da idealidade; dei-te o poder de sentir e comprehender o amor e, por amor, fazer o que os outros fazem por interesse e por egoismo. "E tudo o que se faz por amor sempre se faz mais além do mal e do bem."

Abro, ao acaso, um livro de Maeterlinck — *La Sagesse et la Destinée*, a ver se encontro uma formula capaz de conciliar o conflicto entre a minha razão e o meu coração, e, ao mesmo tempo, dar uma expressão, um sentido, uma orientação para a minha vida.

E leio, synthetizada em poucas palavras, toda a formula de uma vida que se quer realizar, inspirada pela sabedoria hindú:

"Trabalha, como trabalham os que são ambiciosos. Respeita a vida como fazem os que a desejam. Sê feliz pela felicidade de viver."

Viver... pela felicidade de viver, *pour le bonheur de vivre*. Ahi está todo o segredo da felicidade e toda a formula realizadora da vida simples e contente de si, sempre a sorrir e a cantar...

Senhora Quirino Simões, distincta figura da sociedade paulista.

JARDIM ALHEIO

Paul Verlaine

J'ai répondu: Seigneur, vous avez dit mon âme.
C'est vrai que je vous cherche et ne vous trouve pas.
Mais vous aimer! Voyez comme je suis en bas,
Vous dont l'amour toujours monte comme la flamme.

Vous, la source de paix que toute soif réclame,
Hélas! Voyez un peu tous mes tristes combats!
Oserai-je adorer la trace de vos pas,
sur ces genoux saignants d'un rampement infâme?

Et pourtant je vous cherche en longs tâtonnements,
Je voudrais que votre ombre au moins vêtît ma honte,
Mais vous n'avez pas d'ombre, ô vous dont l'amour monte,

O vous, fontaine calme, amère aux seuls amants
De leur damnation, ô vous, toute lumière,
Sauf aux yeux dont un lourd baiser tient la paupière!

S. ex. o ministro de Cuba no Brasil e a exma. sra. Barnet y Vinageras commemoraram, terça-feira ultima, o anniversario da proclamação da Republica em seu paiz, offerecendo uma recepção ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico e a elementos de destaque no «grand-monde» carioca. Entre as senhoras presentes a essa festa diplomatica estava a exma. esposa do presidente da Republica, madame Washington Luis, que ahi se vê ao lado da exma. esposa do ministro J. A. Barnet y Vinageras e entre outras distinctas figuras da nossa alta sociedade.

Outro flagrante da recepção de terça-feira, na séde da legação de Cuba.

— Tenho receio...

— Receio! De que, minha querida!...

— De que esse amor que me offereces e que julgas ser tão profundo e sincero, um dia me falte, seja, um dia, a tua e a minha desillusão...

— Lúcia, minha filha, não tens razão para duvidar de mim, do meu amor!

— Não, não me comprehendeste. Neste momento, creio em ti e sinto que és sincero, que me falas com toda tua alma, com todo teu coração. Mas... amanhã, quando a realidade de teu sonho de hoje tiver desvendado o velario do encantamento em que vives, agora f...

— Hoje, amanhã e sempre, Lucia, serás para mim o meu raio de luz, a minha alegria, a realidade carinhosa e doce, suavemente envolvente, da minha ansia de felicidade na vida! Crê em mim, tu que és a razão de ser, a essencia mesma, indestructivel e eterna, de toda a minha idealidade — idealidade que só tu, meu amor, realizarás...

— Tenho medo, querido, muito medo. Já leste Il trionfo della Morte, de D'Annunzio?

— Já, sim. Mas, Lucia, a que proposito esta referencia ao livro de D'Annunzio?

— Temo que o teu amor, o teu sonho de felicidade, não subsista á sua propria realização...

— Não subsista á sua propria realização! Que queres dizer, Lucia, que não te entendo!...

— Porque isso é da vida, Carlos, e um grande pensador escreveu que todo ideal realizado é um ideal ultrapassado...

— Ah, sim: comprehendi-te, agora. Tens medo, então, de que a realização do nosso sonho traga em si o germen de sua propria aniquillação, de seu desencantamento, de sua morte?

— Mais ou menos, isso, Carlos...

— Então é que não confias tambem em ti propria, e não só em mim!

— Confio em mim, agora, neste instante, como tambem, confio em ti, neste momento... O homem, porém, Carlos, por sua propria natureza, é, mais do que a mulher, sujeito á tortura de um continuo estado de desejo, de ansia, de inquietação amorosa... Um amor só, por mais profundo e devotado que seja, nunca realizará a sua felicidade, toda a sua felicidade. Quando muito, a mulher que assim o amar apenas realizará uma parte relativamente minima do que elle sonhar, e tão só emquanto elle ainda sonhar... Uma hora, talvez um minuto dessa felicidade, e é a exaltação do seu amor emprestada emquanto desejada, emquanto ... riciada, uma força, um sentimento, um anseio de eternidade...

A decorrencia, a 17 deste mez, da data natalicia do dr. Pedro de Oliveira Ribeiro, illustre 4.º delegado auxiliar, offereceu ensejo a que os numerosos amigos e admiradores do distincto patricio lhe prestassem, mais uma vez, as mais carinhosas manifestações de apreço e sympathia. Figura de destacado relevo nos circulos sociaes desta capital, não só pelos recursos mentaes e culturaes de que é dotado, como pelo seu cavalheirismo e pela integridade de seu caracter, o eminente patricio impõe-se, assim, á estima e á consideração que lhe são geralmente dispensadas.

— Lúcia, minha querida, que idéas são essas! De onde esse scepticismo que nunca te conheci?

— Não é scepticismo, Carlos. Bem sabes quanto sou optimista. E' medo de perder a felicidade que me dás, agora, falando-me com tanta sinceridade; é medo de vel-a, um dia, desfazer-se, como miragem luminosa e verde, o o carinhoso sonho envolvente que nos traz tão cheios de illusão suave e consoladora com muito de um amor que vive pela "idealidade" e que morrerá pela sua "realidade"...

— Lúcia, não representou nunca, na minha vida, um momento de felicidade... Juro-te...

— Mas, meu querido, se a vida é assim... feita de momentos de felicidade!...

— Tu, porém, adorada, serás a somma, o total de todos os momentos da minha felicidade... felicidade que só tu me darás. Vaes ver como esses "momentos" terão a força e a duração de uma eternidade!

— Carlos, ama-me, ama-me sim, profunda, infinitamente mesmo...

— Mesmo!... (S...)

— Mesmo que outras mulheres de vez em vez, te roubem um pouco ao meu amor... Comtanto que sempre voltes para... a tua mulherzinha.

— Para a minha grande felicidade, Lúcia!

— Querido!

— Adorada! Sempre adorada!

Max Linder

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino realizou, no dia 13 do corrente, na séde da Liga de Defesa Nacional, a sua primeira sessão solenne deste anno, na qual foram recebidas as novas socias da Federação. Saudando as recipiendárias, falou, em nome da Federação, a dra. Orminda Bastos, a cujo discurso se seguiram os do dr. Levy Carneiro e das sras. Maria Rita e Esther Rego Rodbeere Williams. A illustre poetisa sra. Anna Amelia encerrou brilhantemente a solennidade recitando formosos versos de sua lavra. As nossas photographias fixam dois aspectos da festa da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Os artistas que tomaram parte no festival de arte com que foi commemorada, na penultima quarta-feira, no salão do Centro Gallego, a data da independencia paraguaya.

BATON & ROUGE

(Conclusão)

rece ser recta ha de ser sempre a mulher, com os seus artificios, com a sua volubilidade, com sua alma sempre velada por qualquer folha de parra...

— Como és engraçado! Um encanto, uma delicia falar comtigo sobre estas coisas, mesmo quando o bistre o rouge e etc. e tal, deixam a gente sem crença nos prestimos da classica, mysteriosa e tentadora folha de parra da...

— Da vaidade... que nenhum outomno, que nenhuma sombra ou tomnal faz esquecer.

— Como te amo Adão!

— Como te adoro, Eva!...

— Mas, finalmente, que sou para ti, para o teu coração?

— O suave e esplendente fogo de artificio do amor...

— E para tua alma de artista?

— O arco-iris da minha idealidade...

— E para ti, como homem?

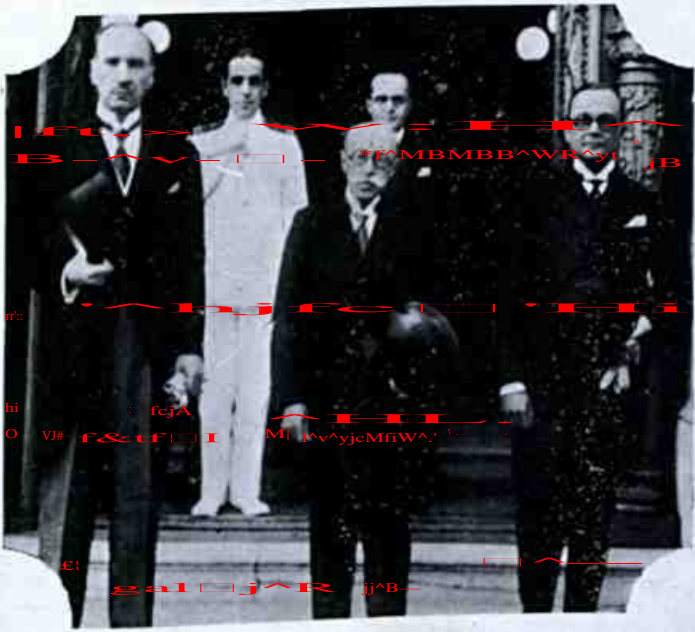
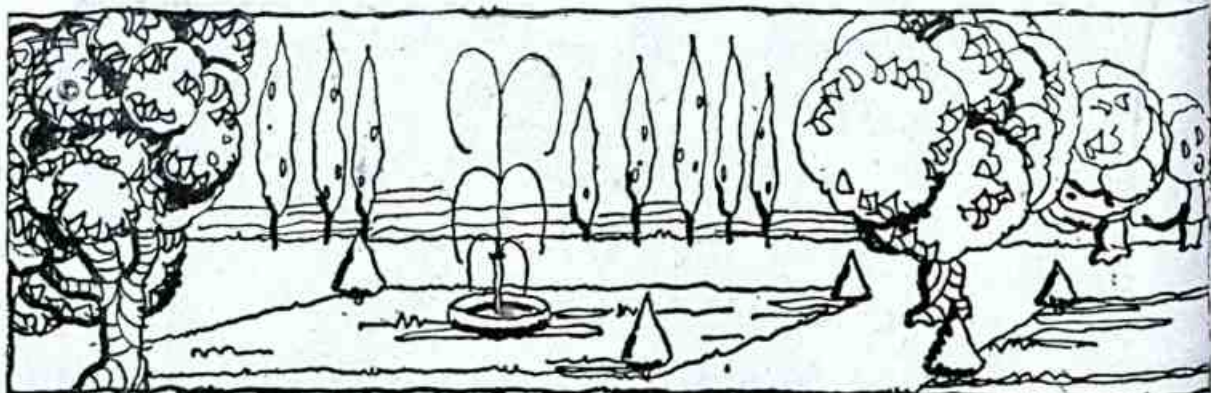
— A eterna, a sempiterna força da folha de parra...

— Mansinho!...

— Tyranna, cruel e doce tyranna!...

A MULHER CHIC

O gosto uniformisado de uma creação de Jean Patou

Terça-feira, á tarde, realizou-se, no palacio do Cattete, a ceremonia da entrega de credenciaes do novo ministro da Venezuela, sr. Julio Sardi, recentemente chegado a esta capital. O sr. presidente da Republica recebeu, como de praxe, o novo plenipotenciario no salão de honra, onde o ministro Julio Sardi, depois de entregar a s. ex. as cartas revocatorias do seu antecessor e credencial de sua missão diplomatica junto ao governo brasileiro, entreteve cordial palestra com o dr. Washington Luis. A photographia de cima é um flagrante da palestra entre o ministro Sardi e o presidente Washington Luis. Em baixo, vê-se o diplomata venezuelano ao deixar o palacio do Cattete.

FRIDTJOF NANSEN

O homem que fechou os olhos para sempre no dia 13 de maio, em Oslo, capital da Noruega, era uma das maiores figuras contemporaneas. Scientista e explorador, escriptor e philosopho, Fridtjof Nansen partia para a grande e mysteriosa viagem do além ao beirar os setenta annos de idade, depois duma vida aventurosa e gloriosa como raras tem havido á face da terra.

Desde os vinte annos a brancura dos desertos polares o seduzia e para elles se dirigiu, armado duma corajem sem par, em que se contrabalançaram a audacia e a calma. Estudou a fauna arctica e esses estudos o levaram á direcção do famoso Muzeu de Bergen. Mais tarde, realizou uma grande exploração na Groenlandia e, em 1891, foi o companheiro do grande Roald Amundsen na viajem do Fram. Então, suas aventuras terminaram por verdadeira odysséa sobre as vastidões geladas que percorreu a pé entre mil perigos até ser milagrosamente salvo pela expedição Jackson.

Como o principe de Monaco, tinha a paixão da oceanographia e nesse ramo dos conhecimentos humanos sua obra é interessantissima. Escreveu alguns trabalhos de historia natural, especialmente relativos aos animaes polares.

Diplomata, representou algum tempo a Suécia, quando esta formava com a Noruega um reino-unido, na Inglaterra e era detentor do premio Nobel da paz, que lhe foi concedido pela nobre acção exercida logo depois da guerra européa, repatriando prisioneiros, soccorrendo famintos e localizando os refugiados russos. No seu foi o [illegible]ver dos paizes escandinavos.

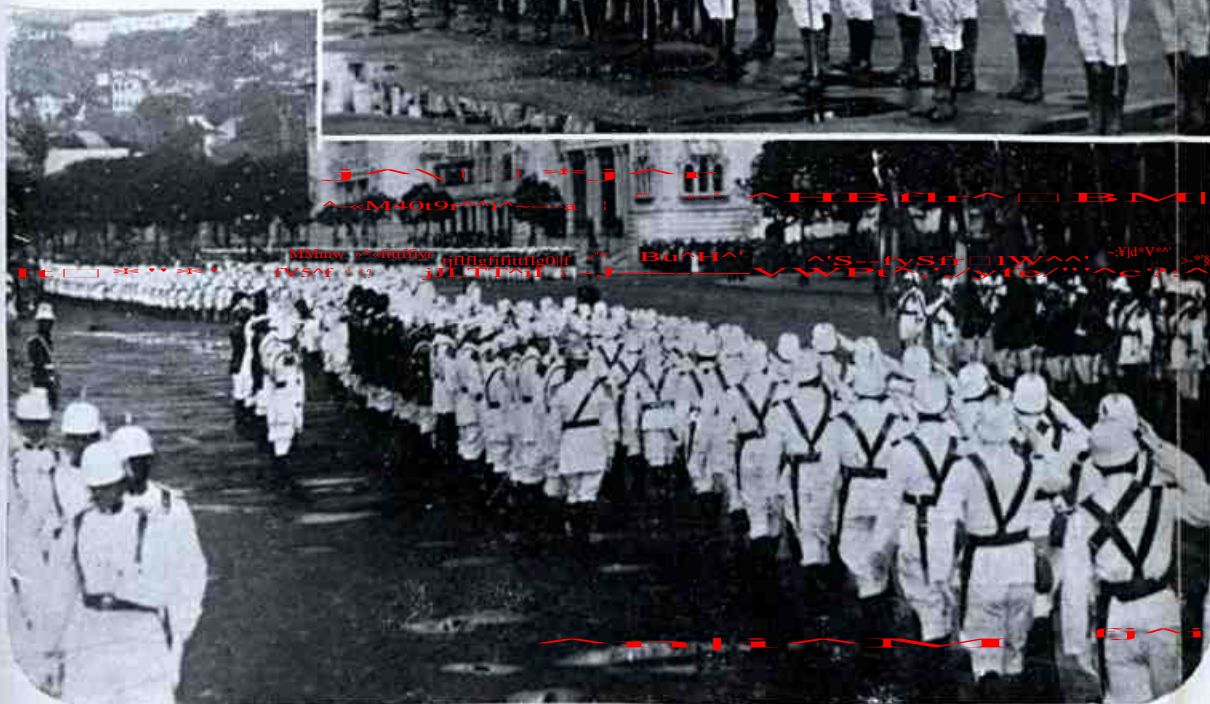
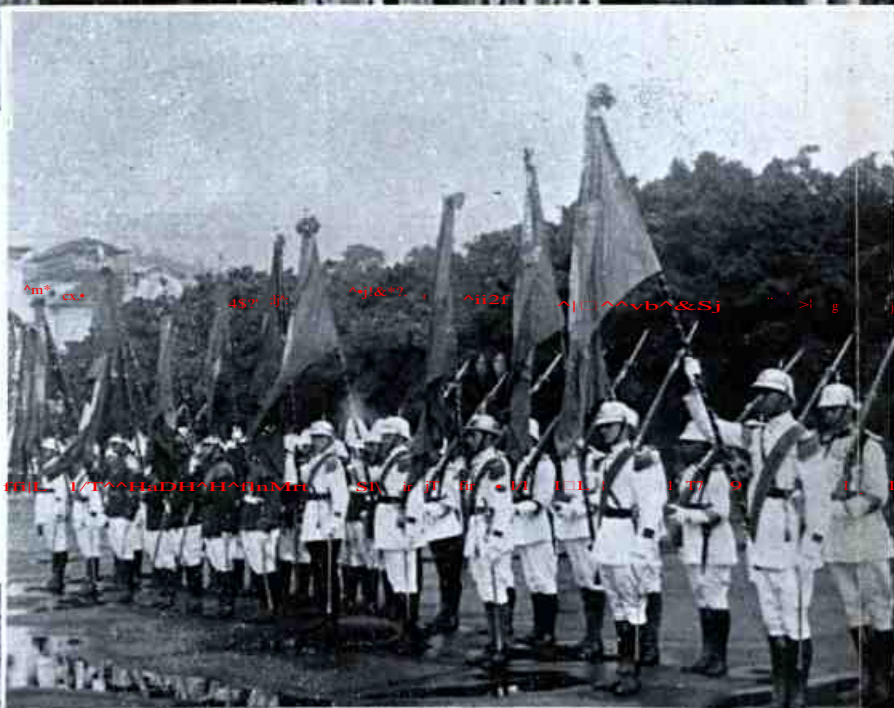
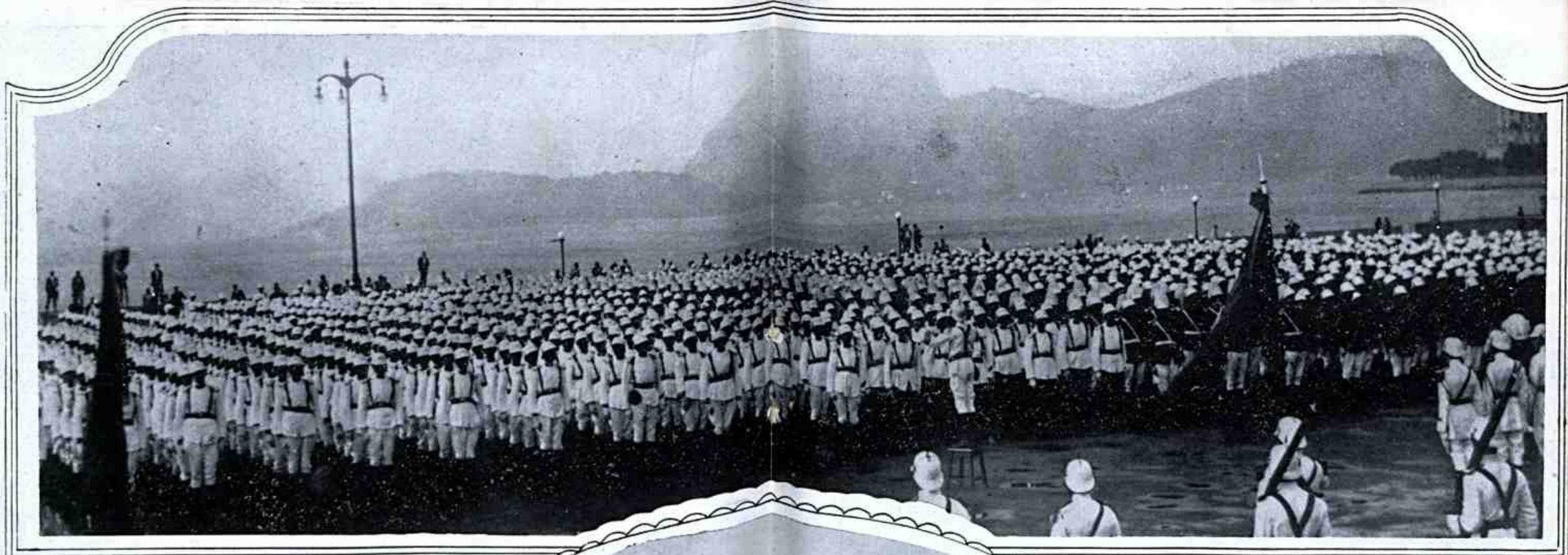
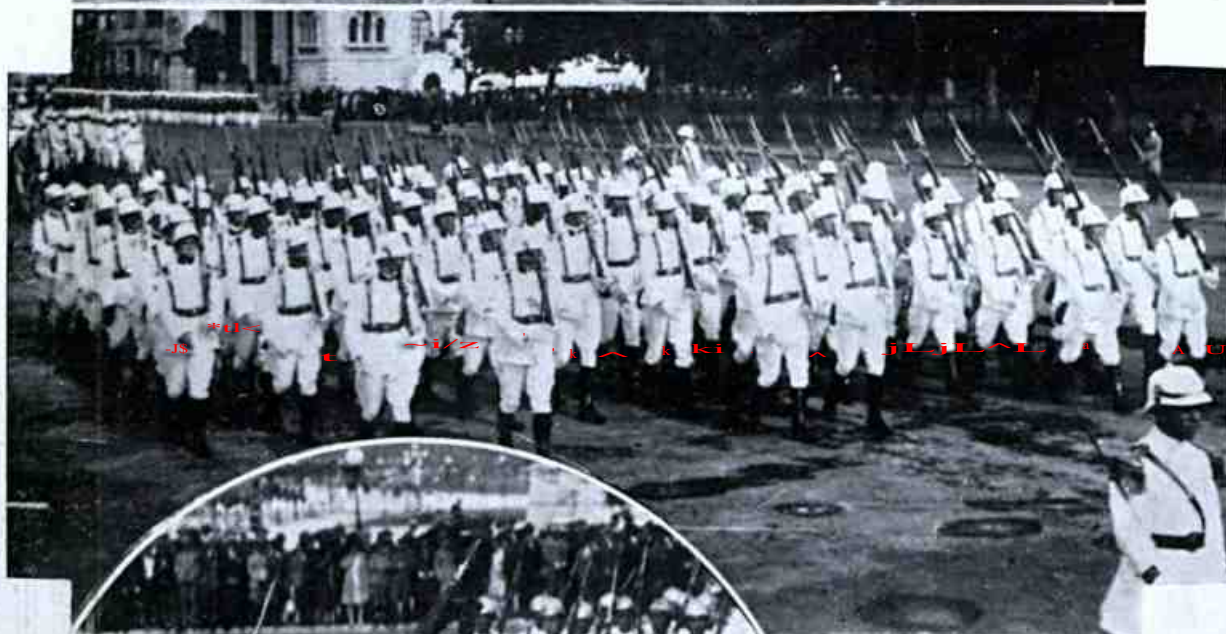
Os seus trabalhos escriptos versam sobre sciencias naturaes, geographia e historia. Em todos elles se mostra a vasta, profunda cultura do explorador, e um bom gosto literario, raro nas obras dessa especie. Aqui e alli, floresce um pensamento philosophico. E se sente o amor desse homem privilegiado pelos mysterios que nos cercam por toda parte.

Sem duvida, o maior livro de Fridtjof Nansen é o In Northern Mists, dois grandes volumes editados em inglez, a instancias do seu amigo W. J. Scott Keltie, contendo a melhor historia dos descobrimentos realisados na immensidade polar. A cada passo, o homem de letras revela-se no historiador e no explorador, pelo acerto das citações classicas, pelo bom gosto consummado dos periodos e das phrases. Pela erudição livresca que adorna as paginas, e pela medida e pela proporção.

A introducção da obra, feita pelo proprio autor, é um trabalho de litteratura e de philosophia encantador: "No começo — diz elle — o mundo apparecia á humanidade como um conto de fadas." Para se encontrar um estylo semelhante em livros de sciencia, é necessario recorrer ao velho Buffon da Histoire Naturelle, ou melhor ainda, por maior parecença, ao Humboldt do Kosmos ou da Vue des cordillères. Em nenhum outro a mesma eloquencia nem a mesma nobreza de estilo.

(Photo De los Rios)

O secretario de FON-FON deve a Elcias Lopes a traição de uma nota deslumbrante a proposito da passagem do anniversario daquelle. Elcias Lopes é nosso companheiro brilhante e querido e uma das pennas que, semanalmente, illuminam as paginas deste semanario com o fulgor da sua prosa e a «finesse» da sua cultura fidalga. Amigo dos seus collegas, elle chega a «desobedecel-os» quando toma a resolução de homenageal-os por conta propria e á revelia ao proprio secretario, cuja autoridade perante o chefe da paginação sabe vencer com aquella diplomacia que tão bem caracteriza o seu espirito de «élite». Elcias Lopes fez annos quarta-feira, 21 do corrente, e não poude fugir, com toda a sua excessiva modéstia, á manifestação que os seus companheiros da redacção do FON-FON lhe tributaram naquelle dia, aqui mesmo nesta sala onde, ha mais de dois annos, elle derrama os múltiplos encantos da sua intelligencia e do seu coração.

O sr. presidente da Republica na tribuna official de onde assistiu, domingo pela manhã, á cerimonia do juramento á Bandeira pelos conscriptos desta região militar. Ladeando s. ex. o dr. Washington Luis, se vêem, ahi, os srs. ministros da Guerra, da Marinha, da Justiça e da Fazenda, o vice-presidente do Senado, dr. Antonio Azeredo, e outras altas autoridades militares e civis. Em baixo, dois aspectos da grande solennidade civica.

Realizou-se domingo a ceremonia do Juramento á Bandeira, pelos conscriptos desta região militar, que, a exemplo dos annos anteriores, se caracterizou pelo brilho e alta significação de uma parada cheia de garbo e esplendor. Emquanto cerca de 4.000 moços assumiam, perante o pavilhão nacional, o compromisso patriotico de defender a Patria, o braço hirto, na apotheose do acto grandioso o sr. presidente da Republica, acompanhado das suas casas civil e militar, assistia, solennemente, a esse espectaculo das armas brasileiras. São expressivos flagrantes dessa solennidade que se offerecem nesta pagina.

Apos o cumprimento regulamentar, os jovens conscriptos desfilaram em continencia ao sr. presidente da Republica e demais autoridades presentes á cerimonia de domingo passado.

FILIO KAXAS

Ás vezes, quero pensar — como o poeta — que nós nos conhecemos em noutras épocas e outras terras. Porque uma harmonia une as nossas almas e os nossos olhos parece que se lembram uns dos outros...

Talvez tenhamos vivido lado a lado no meio de outros povos, no seio de outras civilizações, séculos alem, por essa vasta e dolorosa face do planeta em fóra. Quem sabe o mysterio de onde viemos e o mysterio para que caminhamos?...

E na tua presença a quadra sonora e profunda estremece nos meus lábios balbuciantes:

Vous n'etiez qui je brule et tremble
quel jlot, quel frouton, quel regard,
quel dôme nous connut ensemble
perle ou marbre, fleur ou rosier!

Sim, onde foi que nos conhecemos?...

A criança que eu quizéra ser...

Oh, que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida,
Que os annos não trazem mais!...

Os versos de Casimiro de Abreu, tão sonoramente lindos no seu lyrismo evocativo, nunca me consolaram tanto, nunca me pareceram mais emotivos como neste momento em que eu leio, commovido e orgulhoso, as palavras enternecedoras da sua perfumada carta: "Meu amigo, meu pobre amigo, que vontade tenho eu de consolal-o, de affagal-o assim como a uma criança desprotegida e soffredora..."

Como a uma criança desprotegida e soffredora — disse você, numa caricia envolvente de mulher que comprehende o verdadeiro sentido e a verdadeira essencia do amor. E accrescentou, melancolicamente amarga: "Porque na dôr todos nós somos umas crianças..."

Eu tenho, com effeito, minha amiga, uma alma de sensibilidade quasi infantil. A mesma alma que aos oito annos, quando eu ainda não sabia pensar nem soffrer, me dulcificava a vida com a resignação da minha ingenuidade romantica. A mesma alma que me ensinou a supportar, com sereno heroismo, todas as inquietações e todos os dissabores que o mundo impõe aos predestinados da desventura e da dôr.

Entretanto, minha amiga, sinto que já não sou o mesmo de ha vinte e dois annos passados. Sinto-me bem differente daquella quadra em que o riso, em mim, não disfarçava, como hoje, certas angustias que a lagrima teria pêjo de revelar. Porque, si minha alma não envelheceu, si não envelheceu o meu temperamento infantil, os annos me deram, comtudo, as desillusões que aos oito annos eu não conhecia, matando todas as esperanças da minha criancice despreoccupada e risonha...

E você viu avivar tantas magoas, minha amiga... Tantas magoas que a minha resignação havia sepultado...

Você desejaria consolar-me. Desejaria afagar-me, doce e maternalmente, sob a ternura immensa do seu grande coração dolorido e amoroso.

E eu, que não sou, infelizmente, a criança que pudesse abrigar-se na sua piedosa caricia — a criança que merecesse o refugio da sua generosidade feminina, — lamento ter attingido a uma idade em que a experiencia abre muito os olhos do homem, para que elle veja, claramente, a delicia e os perigos da consolação e do afago...

Mas eu quizéra ser a criança *desprotegida e soffredora* que você desejaria consolar e afagar. Quizéra ser uma criança que, ingenuamente, venturosamente, pudesse adormecer no seu regaço e no seu regaço sentir o cálido perfume dessa melancolia que você de longe atira no meu coração desolado...

Quizéra ser uma criança pequenina e infeliz, só para ter o consolo e a ventura de ser embalado por você...

MAURO de ALENCAR

Baton & Rouge

BEIJO OUTOMNAL...

— Mon baiser, mon amour, c'est pour toi seul, seulement pour toi...

E teus olhos vermelhos, sarapintados de rouge, a pouco e pouco esmaeciam, a pouco e pouco se faziam... pallidos, como uma romã amadurecida demais.

E tuas faces, tambem, purpureas, como uma auroia casta e rubra, tambem empallideciam, empallideciam, ao calor de meus beijos doidos.

E teus olhos, illuminados e negros, como uma noite escura, cheia de estrellas pallidas, tinham a indecisão de um crepusculo que a piscar, a piscar, quizesse illudir as sombras que o envolviam.

E veio o temporal, e veio o vento do outomno, a fazer rodopiarem, a fazer cirandarem as folhas seccas que cahiam em redor de ti, e, desprendidas, dançavam um bailado melancolia.

Um perfume de saudade, feito de folhas seccas, incensava o ambiente do nosso amor, e tu me disseste, entristecida:

— Dizem que a mulher é artificial e artificiosa... Uma mentira, meu amor...

— Por que?

— Por que?... Porque, se assim fosse, o maior amor da vida — que é o nosso amor de outomno, o nosso amor rythmado, blemado pelo suave sussurro das folhas que cahem, — não nos permittiria nunca uma illusão de belleza...

— Uma illusão de belleza?...

— Sim, para não dizer a ultima glorificação da belleza...

— Como te enganas!

— Eu, enganar-me?

— Sim. Porque a mulher na sua plenitude primaveril apenas embriaga com o seu olor, com a fragrancia fresca de seu beijo... E' a mancenilha que inebria, apenas...

— A mancenilha, a cuja sombra, os homens, tontos, sempre procuram adormecer...

— E de onde acordam,

— Se teu sangue está todo no teu coração, cheio de outomno!...

— E meu beijo... Meus labios já não são rubros como outrora...

— Que importa se o calor, se toda a caricia quente do outomno os trazem assim, tremulos de desejo?

— Meu amor, emfim, que sou eu para ti?

— Uma romã madura,

E' hoje, ás 8 e meia da noite, no Instituto de Musica, que se realiza o recital de piano e poesia das irmãs Griselda Lazzaro Schleder e Virginia Lazzaro. Uma, pianista de grande merito, cuja photographia publicamos, e outra declamadora festejada, as duas irmãs artistas attrahirão, certamente, uma grande concorrencia para aquelle salão de arte.

quasi sempre, duvidando da mulher e do amor...

— O outomno... O outomno é tão triste...

— Triste o outomno, que é a plenitude da vida, la vie au grand complet, á coeur battant?...

— Vê: meus olhos já não scintillam...

— Mas acariciam doce, suavemente...

— Minhas faces estão pallidas...

cheirosa e doce... O fructo prohibido em toda a sua maturidade, com todo o seu delicioso sabor de peccado...

— Eva teria amado menina e moça ainda?

— Nunca! Amou, mulher, como tu, na tua edade...

— Na minha edade? Aos trinta... annos?

— Sim. Por que não?

— Não sei... Talvez ella fosse novinha, no-vinha...

— Quem? Ella? Eva!

— Sim, por que te ad-miras?

— E' natural: porque Eva, quando Deus a pôz no Paraiso, já não era uma ingenua...

— Não era uma... ingenua?

— Não. Era uma mulher feita, uma mulher que conhecia todos os segredos, todos os mysterios e recursos da tentação... E, a tal ponto que começou trahindo Deus que a creara e enganando ao homem que a desejara...

— Enganando-o?

— Sim, fazendo-o comer do fructo prohibido...

— Uma mulher... com todos os defeitos e qualidades das mulheres de todos os tempos queres dizer?

— Sim. Uma mulher... mulher... dotada de todos os estratagemas da seducção e da vaidade...

— Da vaidade?

— Da vaidade, sim. que a folha de parra foi a primeira ostentação...

— E acreditas que tenha sido por vaidade e não por pudor que ella fez isso?

— Pura vaidade...

— E por que não poderia ella ter sido uma menina ingenua e tolinha?

— Por que se assim fosse ella é que teria sido enganada e não idiota do Adão...

— Não te comprehendo...

— Minha filha, Deus sempre escreveu direito por linhas tortas...

— E a linha torta do homem...

— Mesmo quando

Continuando o magnifico programma em que consubstanciou seu benefico plano de acção, a Associação Brasileira de Educação fez realizar a 15 do corrente, no campo do Fluminense F. C., o «Dia da Saúde", em que tomaram parte numerosas crianças das nossas escolas. Nesta pagina focalizamos alguns aspectos dessa encantadora parada infantil, que encheu de vivacidade e alegria o «stadium» da rua Guanabara, onde os alumnos de vários estabelecimentos escolares desta capital executaram, com destreza, exercicios gymnasticos e jogos recreativos.

GARÔA...

PARTIR...

VER outras terras, ouvir outros idiomas, conhecer outras gentes...

Trazer o espirito absorvido por mil impressões novas, os olhos cheios da phantasmagoria de outras paragens e sentir na alma uma grande vontade, uma vontade phantastica de vencer a distancia, de alcançar qualquer cousa que sempre nos foge, que está sempre onde não estamos e que nos torna uns eternos fantoches, sempre incomprehendidos.

"Partir, c'est mourrir un peu" — disse alguem, não sei onde, e aqui, no bojo de um transatlantico que me leva para longe, eu comprehendo esse alguem que disse isso, não sei onde...

Sobre um mar sereno, onde o crescente da lua põe umas pinceladas de prata, o navio, levantando a ancora, lá se vae rumo ao velho mundo.

Os corredores cheios de malas, o vae-vem continuo dos *stowards* occupados, toda a azafama dos dias de partida bastariam para enervar o mais calmo dos passageiros, e quem escreve esta chronica banal trouxe nos nervos um contrabando de pilhas electricas...

Hontem, ao despedir-se de mim, alguem me disse que me invejava, porque viajar é uma das melhores cousas da vida..

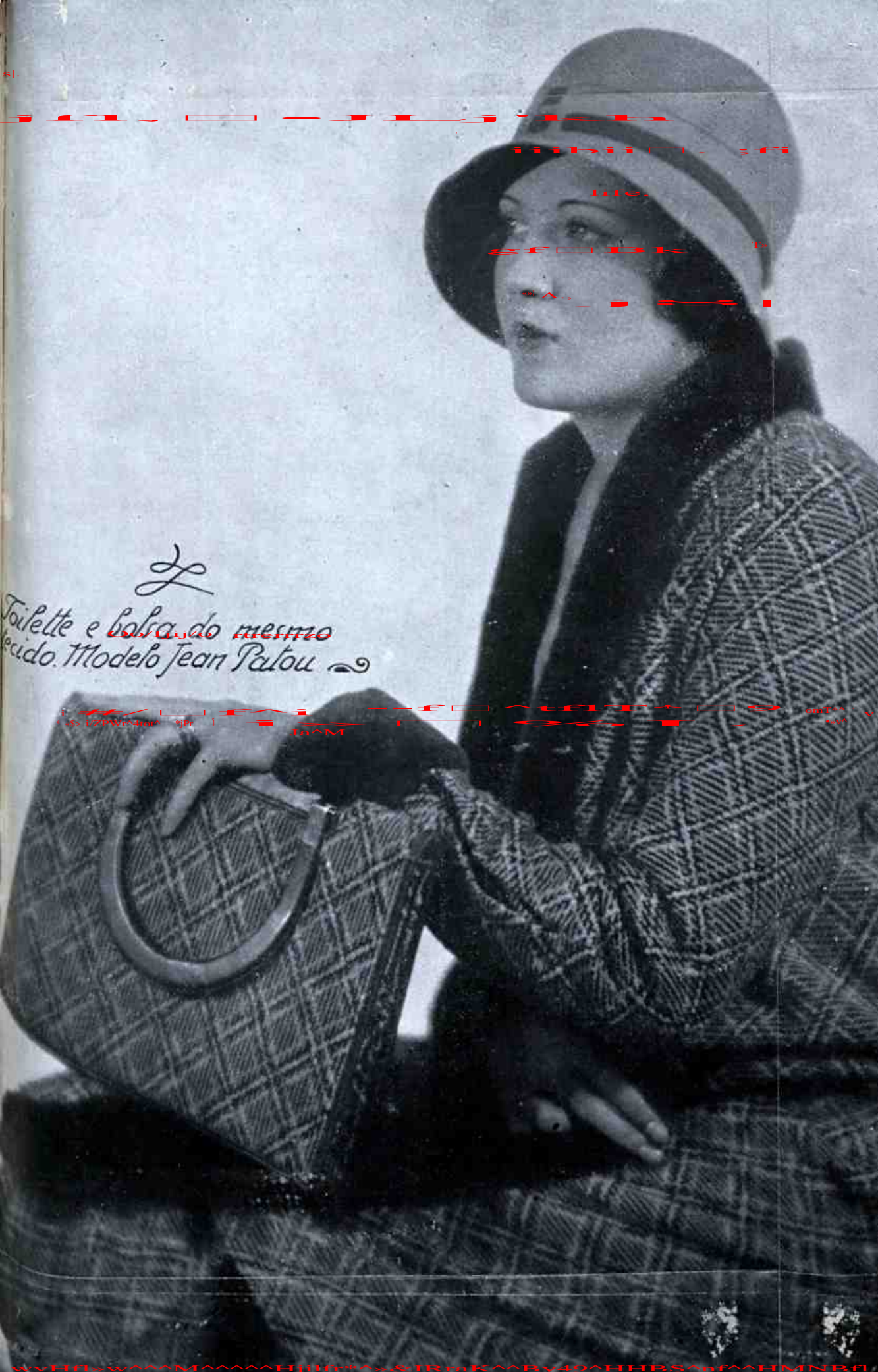
E eu vou viajar.

Vou ver outras terras, outras creaturas. Vou saturar-me de idéas novas, ver de perto a nova orientação de paizes antigos e conhecer a evolução da mentalidade, dos pontos de vista, dos costumes que a ultima grande guerra tanto modificou. Vou observar e aprender. E não ha duvida que tudo isso é muito agradavel. Mas como seria deliciosa uma viagem, si a gente, para realizal-a, não precisasse ir para longe, afastar-se de todos e de tudo que nos enche o coração! Como seriam lindas todas as viagens, si não fosse a saudade! Você vae rir, quando ler, sob a garôa que envolve os nossos arranha-céos, esta chroniqueta que rabisco, vendo através do mar immenso o pequenino mundo de emoção que lá ficou... Ria. Você tem razão para rir, imaginando, dentro desse grande navio moderno e confortavel, os meus olhos tristes, onde bailam umas pobres lagrimas piegas como todo esse meu sentimentalismo antiquado e inutil... E você dirá que ainda é muito cedo para sentir a caricia cruel dessa tyranna, que surgiu das brumas da distancia, como Aphrodite surgiu das espumas do mar. Não, eu não quero falar na saudade, não quero pensar nella; quero afastal-a de mim, para gozar intensamente a delicia de viajar neste grande barco, onde tudo foi previsto para o bem estar dos que se abrigam sob a sua bandeira tricolor...

Partir é tambem viver um pouco. E eu ainda quero viver, nem que seja só para contar a você qualquer cousa sobre a vida...

E emquanto rabisco estas linhas para a revista mais sympathica e mais gentil do meu paiz, vejo pela vigia aberta as estrellas subindo e descendo pela escada invisivel que une o céo ao mar, e o navio vae voando sobre as ondas crespas do oceano negro e prata, deixando cada vez mais longe a terra de onde eu venho e de onde trago o coração cheio de ternura, de tanta ternura que poderia com ella cobrir todo o mar infinito que me cerca...

COLOMBINA

(Bordo do "Antonio Delfino", ao sahir do Rio, em 7 de Maio de 1930).

Toilette e bolsa do mesmo ecido. Modelo Jean Patou

TREPIDAÇÕES

O que a menina de olhos verdes arranjou para a sua amiguinha de olhos negros foi a perda do noivo, desfazendo um sonho com todas as probabilidades da mais dôce felicidade.

O futuro official devia agir com mais tactica, não se deixando illudir pelas missivas anonymas, ardil de uso, tão sómente, em se tratando de gente de categoria inferior.

Mas o rapaz, não reflectindo deante dos papeluchos ignóbeis, teve a leviandade de pedir explicações á noiva, acerca de certos factos referidos nas missivas, recebendo o castigo merecido.

A menina de olhos negros, porem, de alma branca, pura, ficou apavorada deante da pouca intelligencia do noivo, resolvendo responder ao pedido de explicações com a formal ruptura da promessa de casamento.

Agora, é tarde para qualquer reconciliação.

Deve estar satisfeita a sua rival de olhos verdes, mas a encantadora menina não se sente menos feliz de ter verificado que a outra, afinal, lhe prestou um excellente serviço, livrando-a de um marido obtuso...

O joven deputado ficou de enviar á encantadora senhorinha um presente qualquer.

Não sabemos o que motivou a promessa, porem, o certo é que não cumpriu até agora a sua palavra.

A pequena tem imaginado varias hypotheses para justificar a demóra da remessa do presente, mas ainda não acertou com a causa verdadeira.

Falta de verba não é, porque o rapaz gasta regularmente, mesmo sem ter ainda experimentado a satisfação de receber o subsidio, pela primeira vez.

Por isso, a senhorinha anda intrigada e com pouca esperança de sêr cumprida a palavra do joven parédro.

Este deve ter sentido que a suspeita precisa ser varrida do cerebro da senhorinha, tanto que ainda o outro dia, em plena Avenida, se desmanchou em desculpas, annunciando a bella surpresa para dias proximos.

E, emquanto ella espéra pelo presente, vae dizendo ás amiguinhas que

Nilza, a galante filhinha do dr. Adhemar de Canindé Jobim e de sua exma. esposa, d. Isaura Pinheiro Jobim, é uma garota que conta apenas dois annos e meio de idade, mas que já sabe fazer «pose» de moça bonita...

na palavra de deputado não ha que se fiar...

Nós tambem assim pensamos.

ELLE foi torcer pela victoria do tricolor, e regressou á casa contando maravilhas do jogo.

Teve razão em sahir cedo para apanhar logar na archibancada, pois de outro modo teria ficado na mão...

Isso tudo elle affirmara á esposa para justificar por que havia dispensado até o almoço, correndo ao *stadio* apesar da chuva.

Madame ouvia pacientemente a descripção do jogo, embora lamentando, no intimo, que o seu marido não sentisse prazer de estar ao seu lado, nem aos domingos.

A paixão do foot-ball era mais forte... — dizia *madame*, mas, antes isso, pois o marido poderia dar para coisas peores.

Entretanto, notando o abatimento da physionomia do esposo, *madame* chamou a sua attenção para o caso, dizendo-lhe que era necessario moderar o enthusiasmo.

— Ah! não posso, minha querida; não está em mim. Sinto que a *torcida* me faz mal, comprehendo perfeitamente, mas, não posso conter os nervos. O Vasco pensava que era uma sópa... Porem, viu o Russo... porque o Prégo estava um assombro. O Brilhante foi uma figura apagada no campo, porque a linha do tricolor costurou os passes que foi uma belleza! E o Alfredinho...

— Que tem o Alfredinho? — indagou a esposa.

— Fez coisas do arco da velha e metteu um *goal* da pontinha, garantindo o empate.

— Você viu?!

— Então não vi?!...

— O Alfredinho foi quem fez o *goal*?

— Então eu não conheço o menino de ouro do tricolor? — replicou o nosso heróe, já meio desconfiado...

A esta altura, rebentou um escandalo de todos os diabos. *Madame*, por mero acaso, havia lido nos jornaes que o centro tricolor não jogava, por estar suspenso. Apanhou um jornal e mostrou ao patife do marido a noticia. *Tableau.*

SI o nosso collega fosse persistente, não teria deixado escapar a cara magnifica que esteve mui proxima das suas mãos.

Desanimou logo na primeira semana a que foi obrigado a umas excursões um tanto arriscadas, recolhendo-se á pacata vida de jornal para rabiscar os factos diversos do dia, admirando abysmado a audacia alheia, causa de tantos dramas que trazem emocionada a cidade.

Madame foi cruel com o nosso collega, submettendo-o a tão duras provas, no intuito de verificar até que ponto ia a resistencia do rapaz...

Mas, elle revelou-se de uma timidez irritante, segundo a opinião de *madame*, e foi melhor assim, porque se acabou a historia, e quem lêr esta que espere por outra, muito melhor...

Foi solennemente commemorada, nesta capital, a data da independencia do Paraguay. A' tocante ceremonia civica, que se realizou, na tarde de 14 do corrente, junto á estatua de Benjamin Constant, na Praça da Republica, compareceram a exma. familia do ministro plenipotenciario, sr. Fulgencio Moreno, ausente, neste momento, desta capital, membros da legação daquelle paiz amigo e numerosas pessoas gradas.

FILIGRANAS

Recordas - te ainda daquelle bosque silencioso e humido, onde teus lábios pela primeira vez se conhecêram? Lembras-te daquelle beijo capitoso e macio como um vinho antigo que alli trocamos, sêlo dum amor profundo e suave, discreto e encantador?

Recordas - te ainda da sombra violeta que fazia sob as arvores, onde uma fonte cantava devagarinho? Lembras-te do embevecimento em que ficamos, tão longo e tão bom, as mãos nas mãos, os olhos nos olhos, e em que la luz de tu cuerpo teubló como una estrella?

Recordas-te?

Lembras-te?

Notas de Arte

Brailowsky

Viveu a arte dos sons horas de indescriptivel fulgor nas tardes da ultima semana, em que Alexandre Brailowsky revelou, mais uma vez, os primores da sua nunca assás louvada interpretação dos mestres do piano.

Numerosa, numerosissima assistencia vibrou com as mais vivas emoções e applaudiu com fragoroso ardor o genial pianista russo, ouvindo-o dedilhar as grandes paginas musicaes que constituiram o programma dos dois concertos: I) Bach Busoni — *Toccata e Fuga em ré menor*; Scarlatti — *Sonata em ré menor* e *Sonata em lá maior*; Schumann — *E s t u d o s Symphonicos*; Chopin — *Impromptu em fá sustenido*; *Valsa em lá bemol*; *Tres estudos*: lá menor, si menor e sol bemol; *Nocturno em sol maior*; *Balada em lá bemol*; Debussy — *L'Isle Joyeuse*; R i m s k y Korsakoff — *Berceuse*; Moussorgsky — *A costureira*; Balakireff — *Islamey* (fantasia oriental). — II) Liszt — *Consolação, em ré bemol maior*; *Sonata em si menor* (dedicada a Schumann); Chopin — *Fantasia-impromptu, em dó sustenido*, op. 66; *Balada em fá menor*, op. 52; *Valsa em mi bemol*, op. 18; *Valsa em lá bemol*, op. 69; *Scherzo em si bemol*, op. 31; Liszt — *Estudo chromatico em fá menor*; *Mazepa*; *Au bord d'une source*; *Rhapsodia hungara n. 2*.

Ouvindo-o ao mesmo tempo com o enthusiasmo do admirador e a attenção do chronista, continuamos a pensar hoje, como pensavamos hontem, que Brailowsky reune todas as qualidades de um pianista perfeito. Parece mesmo que essas qualidades se accentuaram ainda mais nestes tres annos de ausencia. E' mais impetuoso na bravura e mais delicado na expressão; ostenta com mais vigor os effeitos de sonoridade, traduz com mais requinte as subtilezas sentimentaes, supera com mais primor as difficuldades technicas. Sente-se que o piano e o pianista se identificam de tal modo, que formam um só todo, um só organismo vivo, donde irradiam todas as sonoridades.

Mas, entre tantas obras primas do genio interpretativo, que os admiradores do pianista louvam s e m restricções, confundindo-as na mesma admiração, o chronista, medindo o seu e o enthusiasmo dos ouvintes pelo grão de emoção produzida e manifestada, assignala, com especial carinho, as Sonatas de Scarlatti; a *Balada em lá bemol*, a *Fantasia Impromptu em dó sustenido* e o *Scherzo em si bemol* de Chopin; a *Berceuse* de Rimsky-Korsakoff. *Mazepa*, de Liszt, e, acima de tudo, como a peça em que o pianista fundiu numa só maravilha a mais empolgante bravura com a mais sentimental poesia, essa *Rhapsodia Hungara n. 2*, que enfeixou numa só irradiação todas as irradiações dos dous esperas.

Assignalamos propositalmente a inegualavel perfeição com que foi interpretada a celebre composição de Liszt, porque, se em outros prodigios de bravura revelados pelo excelso pianista poderiam perceber os esforços do interprete, na *Rhapsodia* tinha-se a illusão de que toda a força do executante desapparecia no esplendor da sonoridade; o pianista dava a impressão de que os seus dedos apenas deslisavam sobre o teclado e, no emtanto, ouvia-se o fragor musical dessas catadupas sonoras. Esplendido!...

Consagrado a commemorar o 1.° centenario do Romantismo, o 2.° concerto de Brailowsky só nos revelou composições dos dois maiores mestres

---

O exito de uma artista brasileira em Paris

O *Jornal do Commercio* do dia 10 do corrente traz os seguintes telegrammas:

"PARIS, 9 — Realizou-se hontem, na "Salle Gaveau", perante optima casa, o recital artistico da cantora Alicinha Ricardo. O recital constituiu-se em exito, não só pela excellencia do programma como pela interpretação que lhe imprimiu a joven executante.

A artista brasileira foi chamada varias vezes ao proscenio, sendo obrigada a repetir varios numeros do programma.

Entre os presentes ao acto viam-se o embaixador do Brasil, membros da embaixada, consulado e pessoas de destaque na colonia aqui radicada.

Os chronistas de arte têm palavras de elogio para com a joven artista brasileira. — (A. A.)

* * *

PARIS, 9 — A cantora brasileira Alice Cintra Ricardo deu esta noite o primeiro recital na presença de toda a élite da colonia e grande numero de personalidades parisienses.

Todos os assistentes foram unanimes em qualificar de encantadora a voz da artista.

Alice Ricardo estudou principalmente em Paris.

Hontem interpretou magistralmente obras de Villalobos e de mestres francezes. — (H.)"

* * *

Podemos acrescentar, por noticias directas, recebidas depois, que o concerto da cantora brasileira excedeu inteiramente toda a espectativa. O enthusiasmo dos assistentes manifestou-se abertamente em calorosos applausos, innumeras flores que lhe foram atiradas e sinceros elogios dos artistas presentes, francezes e brasileiros, encontrando-se entre estes o maestro Villa Lobos. A joven artista interpretou trechos de Mozart, de Debussy e de grande numero de compositores modernos, estrangeiros e nacionaes. Destes, fizeram parte do programma Nepomuceno, Villa Lobos e Barrozo Netto. A *Cantiga*, do ultimo compositor, constituiu um verdadeiro successo.

Na séde da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se, terça-feira ultima, a cerimonia da posse dos novos membros de sua directoria, sendo presidida a sessão pelo nosso collega, dr. Alfredo Neves, que pronunciou brilhante oração sobre a individualidade do dr. Barbosa Lima Sobrinho, seu substituto na presidencia daquelle alto gremio de jornalistas. Na gravura que estampamos vêem-se, sentados, diversos membros da directoria ha pouco empossada e, em pé, varios assistentes.

da escola romantica: Liszt e Chopin.

Ao ouvil-as, tinha-se quasi a impressão de ouvil-os, tal a mestria com que as tocou Brailowsky. Ja as figuras dos dois reis do piano surgiram-n s redivivas, evocando os aureos tempos em que disputavam a primazia da celebridade. Veiu-nos á lembrança a scena passada no salão de Mme. Viardot, quando, ás escuras, a execução do Liszt passou pela de Chopin, o que provocou a explosão de vaidade do pianista hungaro: "*Isto prova que Liszt póde ser Chopin; mas Chopin poderá ser Liszt?*" Recordando-lhes as biographias, a natureza moral e mental de ambos, todo o seu genio musical, pareceu-nos que o mestre chopiniano do *Rêve d'amour* e o mestre lisztiano da *Polonaise* em lá bemol, se eram emulos na creação e na execução das formas musicaes conhecidas na epoca, se distanciavam quando Liszt, abandonando o rival, se alçava á musica nova, creava o *poema symphonico*, musicalizava a *Divina Comedia* e o *Fausto*, se fazia interprete de Dante e Goethe. A *Dante-Symphonia* e a *Fausto-Symphonia* são consideradas cimos quasi inaccessiveis da arte.

Infelizmente a nossa impressão é toda subjectiva; nunca ouvimos as duas epopéas sonoras. Mas, pelos juizos dos grandes profissionaes da musica, como Saint-Saens,

O sr. Oscar de Carvalho Azevedo, inspector geral da Agencia Americana, ao desembarcar nesta capital, de regresso da Europa, acompanhado de sua exma. familia, foi alvo de expressiva manifestação de apreço por parte de seus amigos e collegas.

As enfermeiras diplomadas pela Cruz Vermelha Brasileira em 1929 mandaram rezar, terça-feira ultima, uma missa, celebrada na matriz de Sant'Anna, e da qual foi officiante monsenhor Mac Dowell. Após a benção dos braçaes, as novas enfermeiras deixaram em permanencia, junto ao altar-mór daquelle templo, a bandeira com a divisa da Cruz Vermelha: «In Pace et in Bello Charitas». A gravura acima focaliza um aspecto da cerimonia religiosa.

cremos não errar cultuando em Liszt não só o rival de Chopin, mas tambem o precursor de Wagner. Ha mesmo quem affirme que as obras primas de Liszt têm uma audacia e uma originalidade que Wagner nunca excedeu.

Mas, sem ter attingido a semelhantes alturas, sem ser um grande reformador da arte, como Liszt, não foi Chopin menos original, creando a sua incomparavel melodia, melodia inconfundivel e unica, que faz da musica de Chopin um phenomeno excepcional em toda a historia da arte.

Assim, não só como heroes da revolução romantica, mas tambem como grandes figuras de toda a evolução musical, vivem os genios de Chopin e Liszt, irmanados na mesma glorificação, no céo positivo da immortalidade subjectiva.

Interpretando simultaneamente poemas immortaes dos immortaes compositores, Brailowsky deu-nos uma imagem viva dessa fraternidade gloriosa. O concerto do genial pianista russo passou de festa mundana a cerimonia religiosa. Chopin e Liszt foram adorados em Brailowsky.

Oscar d'Alva.

O grupo das novas enfermeiras.

FILIGRANAS

A agua do mar é côr de ouro. A tarde tranquilla morre devagarinho. De repente, ao sumir-se por traz das penedias, o sol atira um véu de sangue sobre as coisas. E o mar fica vermelho, todo vermelho, sinistramente vermelho sob o céu escuro.

Assim, na placidez dos meus crepusculos interiores, a tua lembrança viva e rubra me incendeia todo...

Duas interessantes phases do jogo de domingo ultimo, entre o Fluminense F. C. e o Club de Regatas Vasco da Gama, no campo do primeiro, á rua Guanabara.

A Associação Beneficente dos Sargentos do Exercito empossou a sua nova directoria em uma festa realizada, com muito brilho, no dia 13 do corrente, no Club de S. Christovão, e cujo programma constou de um baile, precedido de uma hora de arte, na qual tomaram parte, entre outros, o illustre poeta e academico Olegario Marianno e o applaudido tribuno Raphael Pinheiro. Esta pagina focaliza tres aspectos da festa da Associação Beneficente dos Sargentos do Exercito.

FILIGRANAS

As pupillas do meu espirito pousam na tua carne branca e macia. Uma saudade intensa de dias idos e vividos povôa a minha solidão. Os longos dedos da tristeza fecham as minhas palpebras dolentes. E ouço, no silencio profundo que me envolve, bater o meu coração com um rythmo de ondas soluçantes. Oh! lembras-te daquelles dias?!... As pupillas de meu espirito pousam na tua carne branca e macia...

Arvore do Bem e do Mal

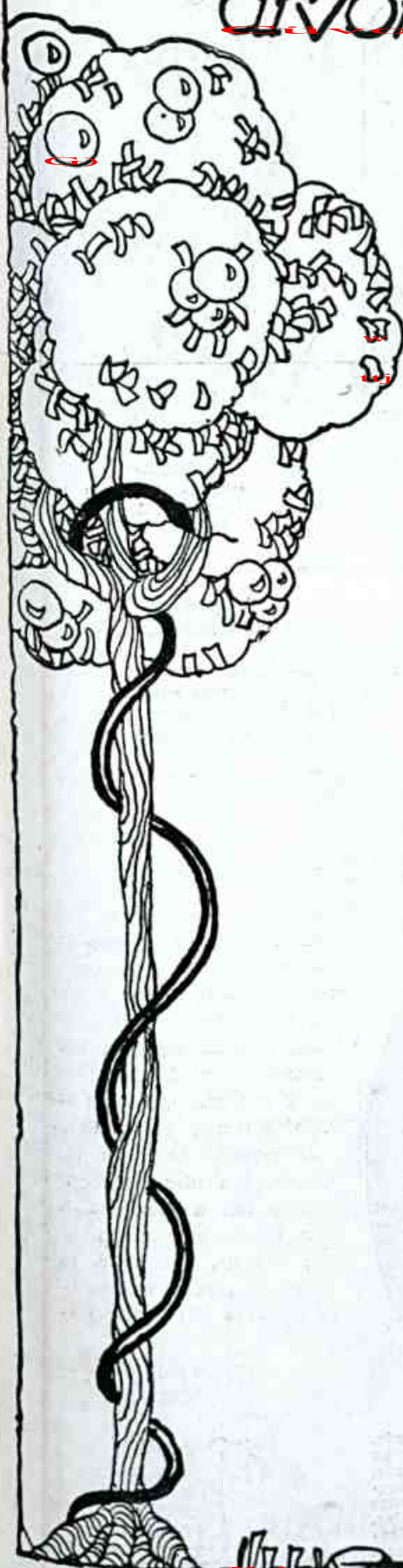
Claudio França

CONTOS DE FADAS

A mulher mais interessante de minha vida foi uma mulata... Uma velha mulata, gorda e pachorrenta, cozinheira de minha familia, tia Xica.

Depois de ter lavado pratos e panellas, sentava-se ao chão e abria-me aos olhos maravilhados a cortina que desvendava todo o mundo encantado dos sonhos: Pelle de Burro com todos os seus vestidos resplandecent s; a Bella e a Fera no paço deserto e mysterioso; a Bella Adormecida no Bosque e toda a sua côrte refulgente; Barba Azul e seu castello atorreado e sinistro, Chapéosinho Vermelho colhendo flores seguido pelo lobo tentador; Riquete de Crista e suas aventuras; a Princeza Fina vencendo seus perfidos inimigos; o P queno Pollegar transpondo montes e valles com suas botas de sete leguas, e a Borralheira, de sapatinhos de vidro, fugindo do baile real ao bater da meia-noite... Que riqueza! Que deslumbramento! E eu pensava que todas essas historias lhe pertenciam. Divino engano que as fazia tão encantadoras!

Mais tarde, lia-as nos livros de Perrault e dos irmãos Grimm. Meu primeiro s ntimento foi que elles as tinham roubado á tia Xica...

Andei mais e conheci o cipoal dos folk-lores. Li criticos que despojaram a v lha mulata em favor de mythos solares, papyros egypcios, lendas orientaes, tradições aryanas e theorias litterarias, ethnographicas ou sociologicas. Sacrilegio! Nunca mais acreditei nesses lindos contos...

Foi pena!

M. R.

Lydia, filha do sr. Americo Balthazar e de d. Alzira Balthazar, residentes em Ribeirão Preto.

Léa e Eduardo, filhinhos do sr. Eduardo Cataldo.

Manoel, filhinho do casal Madeira Filho, residente em S. João d'El-Rei, Minas Geraes.

Cantigas... simples cantigas

Quanto padece na vida
quem gosta muito de Alguem.
Pois o amor, quando é sincero,
não chega p'ra mais ninguem...

A taça do amor no fundo
dizem que encerra veneno.
Que importa, si é o teu olhar
como o olhar do Nazareno!...

Tú és rainha das flores
no throno da Creação.
Si eu fosse rei, preferia
um throno em teu coração.

Canta mais alto, querida.
Eu sou feliz quando cantas.
Com tua vóz commovida
os males todos supplantas.

(Do livro a sahir "Onde canta o sabiá").

JONY DOIN

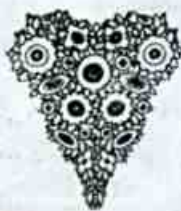
BRAVURA

Amo-te cada dia mais, meu bravo sonhador, porque o sonho que sonhaste não morre, porque sonhadores maus querem vêl-o prostrado e, quando penso que elle emfim expirou nas tuas mãos allucinadas, meus olhos de apaixonada o vêem a dançar lá em cima, roçando, nas noites lindas, o medalhão tristonho da lua... E, quando o dia chega, elle se mostra tão victorioso, que eu o acho mais principe do que o proprio sol!

E tu bem ouves — não é? — com o teu rosto de oriental dominado de amor e de odio, todos os anathemas ferozes que têm guerreado a bandeira que a minha mocidade ergueu e que é a tortura gloriosa dos meus dias... Mas, bemdita sejas tu por esse amor que tens á minha bandeira e por esse odio que votas aos que debalde tentam profanal-a...

E bemdito sejas tu tambem, porque, sonhador de raça, ficou sempre fiel ao teu sonho, sem uma vacillação, sem um improperio, augusto, desafiante, intangivel no teu peccado de bravura, que os covardes não perdôam...

MAURA DE SENNA PEREIRA

O ensino commercial tem, entre nós, um esforçado e valioso elemento na pessôa do professor Angelo Sabbado, competente contabilista e figura bastante conhecida em nossos circulos educacionaes. Dentro de breves dias, o professor Angelo Sabbado publicará interessante obra sobre materia de contabilidade commercial, subordinada ao titulo «Lucros mensaes sem balanços».

Semana-ingleza...

Inquietação de espirito...
Vida moderna, irresponsabilidade,
cirandas-cirandinhas da Cidade,
grand-guignol interior do Coração!
Na estação do Santissimo,
na Pavuna, no Meyer, na Piedade,
no Flamengo, na Gavea, ha, em verdade,
por toda parte, implicito ou explicito,
esse tumulto, essa inquietação.

Anoitecer do Rio, aos sabbados. Amanhecer do Rio, aos domingos...

Aos sabbados, ha "semana-ingleza". Mas, por emquanto, só nas casas inglezas e americanas e nas casas... do Congresso.

Para o resto da burguezia (burguezis, burguins, ou borzeguins, hoje tudo é mais ou menos atamancado), o sabbado é um dia trabalhosissimo. A gente só chega á Avenida ás 18 ou 18 e meia horas, quando a festa já está no fim e os convidados se vão retirando. E, pela impressão do movimento e da frequencia, julga-se que o dia esteve esplendido e é pena já ter chegado a noite.

E é jantar ás pressas para aproveitar a noitada...

E a gente vae á Cinelandia, olha o Palacio-Theatro, volta á Galeria, perto do Eldorado e do Rialto, espia o Trianon e o Lyrico e torna á Cinelandia e ao Palacio... Meu Deus, tudo visto! Cossacos, de Gilbert, Alvorada de amor, Soldadinhos de chumbo, de Chevalier...

Talvez ali ao Beira-mar... Mas o Casino é só depois da meia-noite.

E, si o Rio é insupportavel antes das 24, depois das 24 é insupportabilissimo...

Pois, de tanto andar e perambular, se encontra um amigo, para entrar num "café" ou "amesendar" numa terrasse.

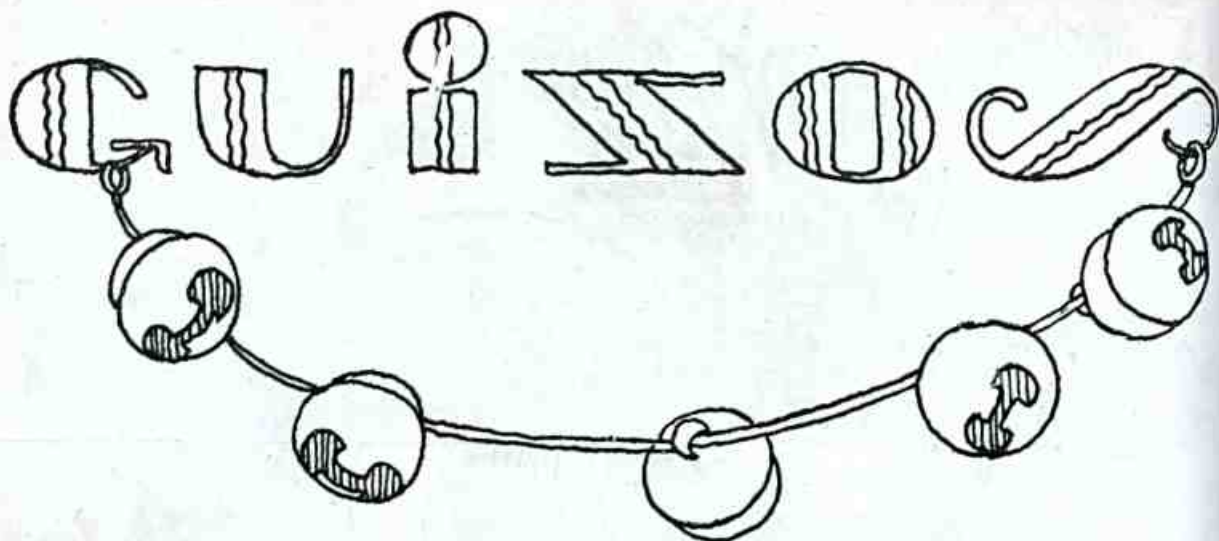
E a palestra nos arrasta até a 1 hora...

Depois, casa, somno e... o amanhecer do domingo.

Ah! hoje é domingo! E' preciso desforrar o resto da semana. Folguemos, divirtamo-nos. E, já se sabe: ou a mesma via-sacra aos cinemas, ou o football, ou as corridas de cavallos. E, a decidir entre patas e pontapés, toma-se um auto para as Paineiras...

E lá, numa grande "roda" rumorosa e inquietante, "baiscainos" e "tricolores" andam ás turras e aos berros — Biba o Russo! Tasca o Fontes...

Meu Deus!

Inquietação do espirito...
Ciranda-cirandinha da Cidade,
grand-guignol do Coração,
vida moderna, irresponsabilidade,
tumulto implicito ou explicito,
confusão...

CHA' DAS CINCO...

NO Inverno, uma casa de chá é sempre um centro divertido.

O chá das cinco é um habito elegante de gente fina, um pretexto para uma palestra, num ambiente de tanagras que nós vemos reproduzidas e multiplicadas pelo jogo dos espelhos do salão perfumado pelas essencias de Caron e agitado pelo poder magico da musica das orchestras.

Uma casa de chá é, assim, uma especie de templo do flirt, passatempo innocente de todas as sociedades rafinées.

Um olhar, um sorriso, o gesto encantador de levar a taça de porcelana aos labios rubros, avivados pelo baton, e... (quem sabe?) um conhecimento galante para as horas côr de rosa da vida.

Entretanto, os que nunca tomaram chá em pequeno tambem se dão ao luxo de frequentar as casas onde a bebida dos elegantes é servida.

E como não têm o habito de tomar chá, suppõem que se trata de refeição normal e necessaria do dia, o que fazem com a cupidez de gastronomos, esvaziando e repetindo chicaras, devorando torradas com os dedos lambuzados de manteiga, provocando o riso dos que tomaram chá em pequeno...

Eis por que acho sempre divertidas as nossas casas de chá...

A INVEJA

"HA, no intimo de quasi todos os homens, não sei que sentimento de inveja que vigia com rigor sobre o coração, comprimindo a expressão de louvor merecido ou tolhendo o impulso do justo enthusiasmo. O homem mais vulgar não concederá á melhor obra um elogio tão moderado, que deixe suppôr ser elle incapaz de fazer obra igual. Julgará que louvar outrem será perder o direito a ter tambem louvores".

Essas palavras escriptas por Victor Hugo, no seu livro Litérature et Philosophie mêlées, dão que pensar...

Louvar é sempre difficil, mórmente entre officiaes do mesmo officio.

Quem louva, tem sempre a bocca cheia de fél.

O homem é um animal egoista, em qualquer das manifestações do espirito.

Por isso, não sabe louvar, pois, elogiando, como se sente lesado...

PIEDADE!

A policia dispõe de um carro negro, completamente fechado, tendo ao alto pequenos orificios para que no seu interior penetre um pouco de claridade; vehiculo a que o publico deu o nome de tintureiro.

Sabia da existencia do tintureiro, porem, ainda não o tinha visto, nem me havia preoccupado em descobrir a razão do nome que lhe deu o povo.

Entretanto, numa linda manhã de sol, ao sahir rumo ao trabalho, tive a desventura de conhecer o tintureiro, no instante em que policiaes á paisana se entregaram ao sport de apanhar homens e mulheres, atirando-os para o interior do vehiculo superlotado, onde, em nojenta promiscuidade, se debatiam, como si fossem cães.

Essa caçada humana é, positivamente, barbara, incomprehensivel numa cidade civilizada.

O gesto da policia não chega a revoltar, porque, sendo aviltante, entristece a quem o assiste.

O espectaculo que me foi dado vêr é altamente offensivo ao sentimento de piedade christã da população do Rio, que, afinal, não é nenhum recanto de terra barbara onde o chicote do senhor tem o direito de marcar o corpo dos escravos.

O tintureiro precisa desapparecer, porque põe nódoas negras no coração da gente.

MARION.

Mãos tragicas

Mãos,
que se juntaram,
callosas, disformes, a pelle engelhada,
cançadas
de procurar, em vão,
no vazio da lareira apagada,
um naco de pão!

Mãos,
de unhas sujas, carcomidas,
identificadas
á immundicia dos monturos, revolvidos,
para a conquista de um trapo!

Mãos,
em cujas cicatrizes se presentem
sulcos de joias opulentas
e o rastro de moedas d'oiro!

Mãos,
afeitas ao gesto continuo
de enxotar as moscas das feridas!

Mãos,
que,
quando se espalmam para esmolar,
deixam perceber
a altivez com que se davam a beijar!

Mãos,
que já não sabem traçar
o signal da cruz...
mas
que se quedam em cruz
sobre o peito cavado,
transidas de frio e de pavor,
nas noites invernosas
ao desabrigo de um velho telheiro!

Mãos,
que respondem
aos insultos da canalha garôta,
com um aceno
vago,
indifferente,
semelhante a uma benção de perdão!

Mãos,
que o desespero crispou, num gesto aterrador,
ante a visão da Morte,
loucas de dôr!

Mãos,
cujos dedos nodosos
são as petalas disformes da flôr da Miseria!

Mãos...
quem sabe?
de poeta, de artista ou, talvez, de parricida!

Mãos,
que tanta gente desdenha e a tanta gente
causam nojo!

Mãos,
que eu venero,
porque são o livro aberto
da tragedia da Vida!

A Esthetica Urbana

DURANTE muitos annos, o Rio de Janeiro possuiu apenas duas cousas notaveis, que eram aquillo que nós orgulhosamente mostravamos aos estrangeiros illustres que aqui aportavam: a "naturaleza" vista de cima do Corcovado, e o Corpo de Bombeiros.

Depois da visita ao pincaro universalmente conhecido, o nosso hospede podia contar com a visita ao quartel dos soldados do Bem.

A belleza natural do panorama prodigioso deixava o visitante encantado com a nossa terra, e a disciplina, o brio e a coragem dos nossos bombeiros faziam o estrangeiro vêr a pujança e o valor do brasileiro.

E era só.

Andar mostrando as ruas e os edificios de uma cidade então suja, mal cuidada e sem nada de notavel, seria um despreposito.

Ha um quarto de seculo que, devido á orientação do presidente Rodrigues Alves, começámos a fazer da cidade do Rio uma das mais bellas metropoles da America do Sul, e hoje não podemos nos envergonhar de mostrar aos visitantes os progressos materiaes da nossa terra.

Foi até possivel abrirmos mão do concurso do nosso valoroso Corpo de Bombeiros, que, não tendo jamais desmerecido da classificação de um dos primeiros do mundo, póde hoje repousar das innumeras exhibições a que foi chamada outr'ora.

Mas, apesar de tudo de bello que temos, ainda não nos será possivel abrir mão de certas coisas, julgando a nossa cidade uma maravilha. Infelizmente, ella ainda não póde merecer esse titulo.

Não é de hoje que homens sensatos e esthetas se batem pela remodelação de certas fachadas de nossas casas.

Os aleijões, as fachadas typo "mestre de obras" e mesmo algumas que sahiram das mãos de architectos, ahi estão enfeiando as nossas ruas e praças.

Ninguem poderá achar esthetica a fachada, unica no seu genero, existente á rua do Cattete, cuja cimalha é rematada por um amontoado de tonois, garrafões e garrafas, enfileirados!

Por alli passam quasi diariamente ministros, prefeitos e chefes de repartições da Prefeitura, que, não sabemos porque, até hoje deixaram de pé semelhante monstruosidade.

Agora mesmo, no lugar onde existiu o velho theatro S. Pedro, em uma praça larga, defronte a um imponente "sky-scrapper", se ergue o novo theatro João Caetano, que poderá ser um primor de architectura moderna, futurista mesmo, mas que é horrivel, achachapado, desgracioso.

Póde ser que esse edificio seja lindo para quem estuda e acceita os desmandos e extravagancias da arte moderna; para quem o vê sem os oculos do futurismo, elle não passa de um attestado do máu gosto dos tempos que correm.

Algumas dezenas de pessoas, cuja opinião tenho ouvido, mostram-se francamente desoladas com o edificio. Quem olha para as fachadas lateraes desse theatro, tem a impressão de que aquillo é mais uma fortaleza do que uma casa de diversões.

O "espirito das ruas", que Victor Hugo immortalizou na figura de Gavroche, baptizou já o theatro da Praça Tiradentes; chamou-o "Coréto de Madureira"!

Creio que existe na Prefeitura uma repartição encarregada de dar parecer, approvar ou impugnar os projectos de fachadas e edificios.

Seria para desejar que essa repartição fizesse demolir as fachadas horrendas de muitos predios que enfeiam as nossas ruas, uniformizando os typos, fiscalizando a pintura, determinando os ornatos com o fim de evitar a polychromia e a extravagancia dos ornatos.

Entretanto, hoje, com a mania que ha de se fazer "futurismo", a cousa poderia virar para peor e em lugar das fachadas "typo mestre de obras", começariam a apparecer os mostrengos modernistas, deante dos quaes ficam embasbacados aquelles que têm vergonha de dizer o que sentem.

Infelizmente, a Arte está soffrendo a influencia da orgia dos "ismos": o futurismo, o modernismo, o penumbrismo, o dadaismo, que, dentro de pouco tempo, terão desapparecido.

O cimento armado, o gesso, o bronze, a tela e o marmore durarão mais do que elles e então, quando vierem gerações novas, reintegradas na Arte, na Esthetica e no Bello, olharão para tudo isso, como para attestados do "détraquement" soffrido pelos homens que assistiram á maior guerra do mundo e que della sahiram vivos, mas com os miolos amollecidos pelo troar dos canhões e embotados pelos gazes asphyxiantes.

Triste é que nós, que não soffremos directamente os effeitos da carnificina mundial, vivamos a imitar, a acceitar tudo quanto nos vem das terras onde, durante quatro longos annos, só se tratou de uma arte: a de matar!

Durante quatro annos, a humanidade só pensou em matar, em destruir, em derrocar, em aniquillar; dessa idéa fixa, dessa preoccupação unica, absorvente, dominadora, avassaladora, nasceram o futurismo, o dynamismo e outras escolas, que, ellas mesmas, trazem em si o germen da destruição de tudo de puro, de bello e de esthetico que a Arte pudera obter em muitos seculos de progresso e civilização.

Doze annos já se passaram sobre o pesadelo da guerra; já é tempo de tomarmos juizo.

ASTAROTH

Entre gente de circo.

— Por que brigaste com o homem-serpente?

— Porque elle tem lingua de vibora.

*

Em um banquete dado em honra de um sacerdote, o amphitrião estava sentado ao lado de conhecido millionario, que lhe disse:

— Eu nunca vou á egreja. Sem duvida, já terão notado isso, não é assim?

— Exactamente — respondeu o padre, a quem se dirigira o magnata. — Eu já o notei.

— E talvez deseje saber os motivos que tenho para assim proceder — continuou o homem. — Pois bem: é porque alli se encontram muitos hypocritas.

— Oh! Não deve deixar de ir á egreja por isso! — atalhou, calmamente, o sacerdote. — Sempre ha logar para mais um!...

*

Ella. — Que queres que te offereça no dia de teus annos?

Elle. — Manda fazer um cachimbo que tenha estampado o retrato de tua mãe.

Ella. — Que capricho!

Elle. — Não é capricho: é que quero perder o vicio de fumar...

*

No Mercado de flores.

— Quer um ramo de violetas para a dama que o acompanha, cavalheiro?

— Não. Obrigado. E' minha mulher.

*

O advogado (ao moribundo). — Permitto-me suggerir-lhe que em seu testamento...

O moribundo. — Escute, meu amigo: Quem está morrendo, é o senhor ou sou eu?...

*

Na escola.

A professora. — Armandinho, póde dizer-me o que é um hypocrita?

O alumno. — Sim, professora: é um menino que vem á escola sorrindo.

*

— Sou o homem mais distrahido do mundo.

— Assim? E que fez você?

— Havia comprado uma caixa de bombons para você, e no caminho...

— Perdeu-a, não é assim?

— Não, senhora: comi os bombons...

*

Flirt moderno.

Elle. — Vamos fundar uma sociedade de admiração mutua, Ernestina? Eu admiro seus lindos olhos. E você, que admira em mim?

Ella. — Seu extraordinario bom gosto.

*

— Em sua opinião, meu amigo, qual é a idade ideal da mulher?...

— Os quatro primeiros annos em que tem vinte.

*

A avó (á empregada). — Si a menina não quer dormir, vem com ella até aqui, que lhe cantarei alguma cousa.

A empregada. — E' inutil, senhora: eu já a ameacei com isso.

*

— Si já tens junto o dinheiro para o automovel, por que não m'o compras?

— Porque ainda me falta juntar o dinheiro para pagar as indemnizações e multas pelos atropelamentos.

*

Em um pic-nic.

O menino (chorando). — Mamãe, eu quero montar num burro!...

A mãe (a seu marido, distrahidamente). — Vamos, João, carrega-o um pouco, nas costas, para que elle se cale de uma vez.

*

Primeira senhora moderna. — Emfim, descobri onde meu marido passa as noites.

Segunda senhora moderna. — E onde é?

Primeira senhora moderna. — Em casa. Hontem á noite, eu não sahi.

*

— Aqui está o homem que te salvou da agua. Dou-lhe vinte mil réis?

— Absolutamente. Dá-lhe apenas dez mil réis. E' preciso levar em conta que, quando elle me livrou, eu já estava meio afogado...

*

A negra, que acaba de perder um parente, entra na papelaria, e póde:

— Dê-me uma caixa de papel com filete côr de carne.

*

— Já te perdeste alguma vez na matta?

— Quasi.

— E quem te salvou?

— A natureza. O vento era tão forte, que minha noiva não ouviu minha promessa de casamento.

*

A esposa. — Por que estás assim tão triste, Armando? Não me disseste que havias encontrado, hoje, quinhentos mil réis?

O esposo. — Sim; mas tambem encontrei alguma coisa mais.

A esposa. — Que foi, querido?

O esposo. — Encontrei o dono dos quinhentos mil réis.

EXPERIENCIAS

A ESPOSA

O marido (depois de contar as moedas do troco, atira ao chão uma, que lhe parece duvidosa). — Sim! E' falsa! *(Vae chamar o garçon).*

A esposa (contendo-o). — Que vaes fazer?

O marido. — Chamar o "garçon"! Protestar!... Deram-me uma prata falsa!

A esposa. — Deixa-lha de gorgeta...

• • •

A AMADA

Elle, apaixonado, lhe falava. Ella o olhava nos olhos. E elle disse:

— Oh, minha amada! Que olhas em meus olhos? Vês nelles reflectido o divino fogo do amor que me abraza? Acaso vês através delles a fervente adoração que me inspiras?

A amada respondeu:

— Não, meu amigo: estava mirando-me nelles...

• • •

OS GRANDES

I — Leonardo da Vinci: Uma cathedral de marmore, mas sem tecto.

II — Goethe: Uma estatua, mas só o pedestal é de marmore. E a figura, que é de argilla, faz prodigiosos equilibrios para manter-se erguida sobre elle.

• • •

DAR

A mulher do grande poeta. — Avisa-me quando se te houver accendido a chamma da inspiração.

O grande poeta. — Para que?

A mulher do grande poeta. — Quero, com um papel, accender o fogo. Assim economizarei um phosphoro...

• • •

A CONFIANÇA

Lucas Pinto poderia ser apresentado como o archetypo. De que?

Um caso:

Um amigo trocou-lhe uma prata de dois mil réis em moedas de duzentos e cem réis. Lucas Pinto guardou-as sem as contar. O facto assombrou-me. Eu tinha Lucas na conta do mais desconfiado dos homens. E interroguei-o. Talvez porque apontasse em mim um desejo de encontrar naquella alma fechada, não a cal e pedra, mas a moedas e notas, um vislumbre de mundo moral.

(Um homorista não pode ser humorista em todos os instantes. O humorista mais implacavel tem momentos de ingenuidade. Um homem não pode andar sempre teso e com o mesmo passo por um caminho cheio de pedras. Com alguma ha de tropeçar). Interroguei Lucas Pinto, logo que o seu amigo se afastára:

— Como, Lucas! Você, então, guardou esse dinheiro sem o contar?

Elle me respondeu com jactancia, com a mesma jactancia com que um degenerado narra seu crime:

— Muito simples! Guardei-o em um bolso á parte, e não onde tenho o outro dinheiro. Agora, que elle se foi, vou contal-o: dois, quatro, cinco, sete, oito, nove, onze, treze, quatorze, dezeseis, dezoito... dois mil réis. Sim, está certo. Desse modo lhe demonstrei confiança.

— E se faltasse?

— Não lh'o diria. Mas de outra vez não deixaria de contal-o na sua presença. Porque elle já teria perdido minha confiança.

— E si, em vez de dois mil réis, fossem quinhentos? Nesse caso, em vez de duzentos ou quatrocentos réis, poderia faltar uma nota de vinte ou cincoenta mil réis...

— Quinhentos mil réis já são palavras maiores! Este luxo de não demonstrar desconfiança a um amigo, a gente pode tel-o tratando-se de moedas. Si fossem quinhentos mil réis, os contaria sempre. Além disso, sempre ha o recurso de dizer-lhe: "Conto, porque receio que você me tenha dado de mais...

• • •

A TRAGEDIA DO HOMEM SENSIVEL

Ao tomar o bonde, o homem sensivel teve que se sentar ao lado de uma senhora muito obesa. Não havia outro logar. Ao sentar-se elle, a obesa se comprimiu quanto lhe foi possivel, para lhe dar logar.

Esse gesto commoveu o homem sensivel.

— Esta pobre senhora — pensou elle — consciente de sua deformidade, procura dissimulal-a, deixando-me o mais commodamente possivel.

E elle, por sua vez, se sentou na ponta do banco, para que a obesa não reparasse em que o incommodava.

Proseguiram.

Desceram varios passageiros. Até ficou um logar desoccupado.

O homem sensivel pensava:

— Si eu me mover daqui, esta pobre senhora vae soffrer... Seria demonstrar-lhe que junto della não me sinto bem. Seria demonstrar-lhe sua deformidade, dizer-lhe que ella me incommoda...

Impedterrito, continuou fazendo equilibrios na ponta do banco.

E, de repente, ouviu que a senhora obesa lhe dizia, de cara amarrada:

— Com licença, cavalheiro!?...

Elle se apressou a deixal-a passar, e a obesa foi sentar-se no logar desoccupado.

Sua attitude e suas caretas demonstravam um grande aborrecimento.

Era uma lição, evidentemente, o que ella queria dar ao homem: ensinava-lhe, com sua attitude e suas caretas, que o que ella acabava de fazer, elle já o devia ter feito, deixando de a incommodar.

O homem sensivel ficou olhando a rua e meditando...

Alvaro Tunque.

OS DOIS DESTINOS

(Conclusão)

Peço-te que me creias: eu te amarei sempre e sempre hei de guardar-te. Pensarás, e com razão, que eu não te amo; que te abandono por uma burgueza, mas opulenta commodidade. Enganas-te, entretanto! Eu não me subordinaria a essa commodidade si não fosse a exigencia do meu futuro, que me pede que eu tenha "bungalows", automoveis, creados graves, casa de campo, assignatura no Municipal, e mais um sem numero de pequeninas coisas indispensaveis para um filho de homem abastado viver em sociedade. Não fosse tudo isto, preferira eu viver junto de ti, que és o amôr-coração, o amôr-simplicidade, o amôr-ternura e embriaguez...

Imagina tu como eu sinto a perda do ter amor!

Mas é forçoso sacrificar-te! Não sou eu quem o faz. E' meu pae com um ar indifferente de carrasco, com uma frieza perversa, com a impassividade de um juiz da Inquisição...

Esquece, pois, ama e perdôa o teu — Roberto." —

Regina Helena levou de encontro ao rosto o papel da carta, encobrindo com elle as duas flôres azues dos olhos lacrimosos. E, nesta attitude, permaneceu silenciosa, mergulhada na sua grande e silenciosa dôr.

Era a verdade crúa, a dura e escaldante verdade! Roberto abandonava-a pelo dinheiro, pelo dinheiro, que tudo compra, tudo constróe, tudo corrompe e eleva.

Encaminhou-se para a janella e olhou o céo colcheteado de estrellas. E as estrellas tremiam-lhe dentro do crystal merencoreo dos olhos.

Na manhã seguinte, Roberto foi chamado ás pressas ao hospicio da cidade. Contaram-lhe, quando chegou, que sua ex-noiva, alta noite, enlouquecendo, vestira-se toda de branco, puzéra grinalda e capella e andava pelas ruas a pedir que a casassem, que a casassem... Mas não dizia o nome do noivo.

Roberto foi conduzido á cellula onde se encontrava Regina Helena. A noiva, ao vêl-o, abriu os braços paranoicamente, exclamando: — "Roberto, meu Roberto!" —

Roberto encaminhou-se para ella, beijou-a soffrego, mirou-lhe o vestido candido e a grinalda virginal, exorbitou os olhos, crispou os punhos, elevou os braços num gesto allucinante, disse o nome della e desfalleceu.

O destino, desta vez, os unia para sempre... para sempre...

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MAO — E . . . DETESTAVEL

PREMIO DE AMOR

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Este filme, annos atrás, não passaria nos *ecrans* brasileiros. Era o tempo em que o governo mexicano exercia uma fiscalização activa em tudo o que os studios americanos elaboravam em descredito do povo mexicano. Não é que disso venha grande mal, como aliás não vem desta pellicula. Ken Maynard é o artista de sempre, o mais elegante e o mais acceitavel dos artistas que fazem este genero... de cavallaria. As situações são bastante interessantes e o enredo prende o espectador, tanto quanto possivel, nestes filmes em que velhas situações se repetem.

Cotação — SOFFRIVEL

O PROCESSO DE MARY DUNCAN

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — O thema deste filme está excessivamente vulgarizado pelo theatro. Não ha no Rio quem o ignore. A arte da tela se não lhe deu uma interpretação mais impressiva, mais fulminante, mais emotiva, deu-lhe, no emtanto, maior desenvolvimento. E' natural. A mutação de ambientes, a melhor sequencia dos episodios, são o caracteristico do trabalho nos studios. Norma Shearer é incontestavelmente uma artista que agrada. O seu trabalho é sempre marcado pela sua delicadeza de mulher. Neste filme ella falha um pouco, porque o seu temperamento artistico não dá para esta especie de situações. Uma Pola Negri ou uma Greta Garbo seriam muito superiores neste filme dramatico. Isso, porem, não tira á pellicula a sua superior qualidade de filme completo e perfeito.

Cotação — BOM

L'ARGENT

Cinema GLORIA — Brigitte Helm é a artista allemã de quem o publico melhor decorou o nome. Isto, que parece mais futilidade, é uma das bases da popularidade, ao mesmo tempo que representa, a mais firme das consagrações. E ella bem o merece pelo seu incontestavel talento, pela vibratibilidade dos seus nervos, pela alma que sabe pôr nas creaturas que vive na tela. O romance de Zola, agora lançado á tela, era o desenvolvimento crú dum thema crú. Brigitte soube dar á figura da heroina, baroneza Sandorf, uma tal espiritualização, que o romance realista se transformou no mais romatico, no mais emotivo dos enredos amorosos e apaixonados. A par do surprehendente trabalho da grande artista, *L'argent* impõe-se pelo rigor e luxo da ensecenação. E', incontestavelmente, um superior trabalho da cinematographia franceza, que para se elevar se aproveitou do talento, da

ESTABILIDADE

A maior parte dos directores da Packard Motor Car Company trabalha para essa companhia, em media, ha já dezesete annos e meio.

Sessenta e quatro por cento dos feitores estão a serviço das fabricas Packard ha mais de dez annos.

Setenta e cinco por cento da producção total da companhia é distribuido ao publico por pessoas que têm tido negocios com a Packard ha dezeseis annos e meio, em media.

As estatisticas demonstram que noventa e seis por cento de todos os proprietarios de Packard substituem os seus carros Packard antigos por modelos novos da mesma marca.

Estes são alguns dos maiores fundamentos da Packard Motor Car Company.

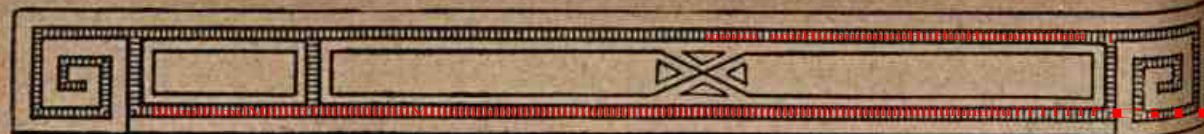
PACKARD

Distribuidores:

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

"charme" desta admiravel estrella germanica. *L'argent* é o mais brilhante dos trabalhos até hoje apresentados na tela pela grande artista. De hoje em deante, ella merece receber a consagração do publico carioca. E preciso se torna tambem que esse publico, sempre generoso, olhe para a cinematographia européa com os olhos de justiça, que premeie o seu esforço.

Cotação — MUITO BOM

DEUSES VENCIDOS

DA METRO

Cinema PALACIO — Um filme para os verdadeiros amantes de uma arte que é a expressão maxima da cultura e resurreição historica. Estamos na epoca afastada em que os homens da côrte forçavam as portas do imperio romano. O mundo de lendas que cercam essa epoca já deu ao genio humano a arte assombrosa de Wagner. O cinema tem aqui um largo campo de acção, tanto mais que a phantasia póde voar nelle á vontade, como, na verdade, voou nesta pellicula da Metro. Trata-se, porém, dum trabalho valiosissimo, já não pelo relevo dos astros e estrellas que o interpretam, mas pelo esplendor da encenação e pela perfeição do rejuvenescimento de uma epoca, tal como a concebe e comprehende o nosso espirito romantico. *Deuses vencidos* é a par duma obra de arte, uma lição de cultura. Nisto é que o cinema se dignifica. Depois de a vermos, poderemos ter dos seculos que revive uma ideia muito mais perfeita.

Cotação — BOM

ESPIRITO ALHEIO

O guarda do trem (*severamente*). — Esta passagem é atrazada. Tem, pelo menos, dois dias de idade.
O passageiro (*fleugmatico*). — E é possivel que chegue a ter a idade de um mez, antes que este malfadado trem chegue a seu destino.

Os operarios que trabalham na construcção da Torre de Babel procuram prevenir, gritando, a um companheiro, do perigo que o ameaça...

O *segundo*. — Eu te aconselho, Bob, a que, no pro-ximo *round*, si elle te bater fórte, tu lhe respondas [illegible] os mesmos golpes, porém com mais força...

— O réo tem alguma cousa a dizer?
— Sim, senhor juiz. Quero que me expliquem como poude ver-me esse miseravel que me accusa, quando [illegible] consta que de médo elle cobriu a cabeça com o lençol.

Em casos de Rheumatismo Syphilitico

Attesto que tenho empregado com excellentes resultados o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira, em casos de rheumatismo syphilitico e de syphilis em todas as suas manifestações.

Maranhão, 1 de Dezembro de 1917.

Dr. Alarico Pacheco.

CHAMAMOS A ATTENÇÃO PARA OS INNUMEROS ATTESTADOS DE MEDICOS E DE CURADOS QUE SÃO PUBLICADOS DIARIAMENTE PELO GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

ELIXIR DE NOGUEIRA

Ao se levantar
use o
CREME HINDS

Usando o Creme Hinds pela manhã, ao acordar a Sra. terá uma boa base para fazer o pó adherir e se manter firme e uniforme.

Durante as horas de trabalho no escriptorio ou em casa, use o Creme Hinds para manter os dedos suaves e as mãos macias e brancas.

Á noite, ao se recolher, uma pequena massagem com o Creme Hinds deixará a sua pelle macia e assetinada.

E ao se recolher

use o

CREME HINDS

Passeie-se tranquilla

nos seus dias de indisposição, mediante o uso da toalha sanitaria Modess. ◆◆◆ Para sua commodidade, o enchimento é de flocos suaves que se ajustam ao corpo. ◆◆◆ Para sua segurança, o chumaço é muito absorvente e tem o lado exterior impermeavel. ◆◆◆ Para sua tranquillidade, o enchimento desapparece totalmente na agua corrente.

Experimente-a e convença-se.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA
E um Producto de JOHNSON & JOHNSON

ARTIGOS ESPECIAES
D'ALGODÃO, LINHO E SEDA
PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR . D M C — ALGODÕES PERLÉS . . . D M C
LINHAS PARA COSER . . . D M C — ALGODÕES PARA TRICOT . D M C
ALGODÕES PARA PASSAJAR D M C — CORDONNETS . . . . D M C
SEDA PARA BORDAR . . D M C — FIOS DE LINHO . . . . D M C
TRANÇAS D'ALGODÃO D M C

DOLLFUS-MIEG & Cie, SOC. AN.
MULHOUSE · BELFORT · PARIS

Os productos da marca D M C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora.

Um conto de Amor

ENTRE as raras pessoas que frequentavam o lar dos Gutiérrez, dois amigos adquiriam, ante os olhos perscrutadores dos donos da casa, perfis proprios e inconfundiveis. Falava-se delles, que eram estudados e comparados a todo momento... Assim, por isso, pouco a pouco, Martha, a menor de suas filhas, se foi acostumando a vel-os sempre juntos, lá no mysterio de sua imaginação... Em silencio os recordava com carinho, com um pouco de melancolia também, quando os maiores falavam severamente de alguns delles...

Martha tinha dezoito annos. Era alegre, com essa alegria contagiosa que parecia estremecer as paredes da casa, quando se ouviam triumphaes as notas de seu riso... Seus olhos negros, serenos, ás vezes cheios de um espanto infantil, nunca haviam sido empanados na pureza de seu crystal, por lagrimas prematuras... Nunca o pranto correra por suas faces, que tinham algo de velludo e seda. Na fronte, pequenina, não marcaram sulcos as graves preoccupações...

No emtanto...

Quem sabe por que, assim como os dias claros e luminosos têm um momento fugaz de sombra, assim também, por sobre a alma, toda luz, de Martha, de repente, se estendia uma leve sombra de melancolia... Dir-se-ia que o passaro negro de um estranho presentimento acabava de passar voando por cima de seus pensamentos, feitos com sol e com risos...

* * *

DIFFICILMENTE poderiam encontrar-se dois amigos tão distinctos em tudo como Jorge Areias e Ricardo Valdez. E, apesar de ambos reconhecerem, profunda e definitivamente, que nunca chegariam a pensar do mesmo modo, — apesar disso, se estimavam. Collegas de estudos nessa edade, única pela despreoccupação que a caracteriza, e em que ainda ignoravam que caminho deviam tomar na vida pratica, desde então, pode-se dizer que as portas da severa casa dos Gutiérrez se haviam aberto para elles, que, aliás, sempre corresponderam com sinceridade e nobreza áquelle gesto de amizade que se offerece assim tão amplamente. Apenas, agora, na actualidade, os dois amigos se achavam surprehendidos deante da transformação experimentada sobre elles, sobre seus corações, gostos e desejos, ao passo lento da vida...

Jorge Areias, com seus vinte e oito annos, era um bohemio incorrigivel, um louco enamorado das canções, embora, ás vezes, as comprasse com pedaços de coração ou de alma.

Ricardo Valdez era o homem pratico por excellencia. Trinta annos, methodico, sereno, triumphador, perciente das difficuldades que surgiam ante as emprezas que projectava. Era, dentro de sua esphera modesta, um batalhador incansavel no campo dos numeros, dos negocios.

O primeiro fazia versos, e com elles sonhava conquistar o mundo em uma embriaguez deliciosa de illusão. O outro fazia números e também sonhava conquistar o mundo atraz daquellas montanhas de pontos negros, cuidadosamente alinhados... Eram dois conquistadores de um ideal fundamente opposto. Jorge Areias trabalhava em um jornal. Sabia-se que elle lutava ferozmente com a desdenhosa senhorita

De
Julio Franzoso

...ta, sem conseguir alcançal-a. De Ricardo Valdez se conhecia uma discreta base economica, consequencia da economia e da ordem.

Taes eram os dois amigos de quem se falava com frequencia na austéra casa dos Gutiérrez. Por isso, Martha, acostumando-se, insensivelmente, a isso, não podia pensar em um, sem que seu pensamento, voluvel e travesso como uma mariposa, não voasse para o outro...

* * *

PARA Jorge Arelas, Martha reunia em sua pessoa o ideal que formara da mulher. Os olhos negros — que eram sua obsessão — seguiam-no sempre, acompanhavam-no fieis através da peregrinação dolorosa de sua vida na luta de todos os dias e de todos os momentos para romper á força de illusões e de poesia o anonymato que envolvia seu nome como uma couraça de pedra. A gloria! Lutaria annos para alcançal-a, para poder offerecel-a a Martha com um gesto de rei. Mas a luta era angustiante, o triumpho parecia correr sempre á sua frente, numa carreira louca e desenfreada, para se deter depois, esperal-o e correr de novo... Por isso, não podia falar a Martha de seu amor, e porque seus sentimentos achariam na casa della o maior obstaculo: sua situação economica. Nada podia offerecer. Nada tinha. E seu orgulho, seu formidavel orgulho de homem que emprestou a vida para desafial-a, para conquistal-a por si só — esse orgulho não lhe permittia que acceitasse tampouco o que lhe offereciam.

Não falava de seu amor. Não podia fazel-o... Somente, ás vezes, os olhos falavam... Mas era apenas um momento. De repente, a realidade o despertava bruscamente.

— Quem és? — gritava-lhe, no fundo de sua consciencia. — Responde! Quem és? Que tens?

— Sou um homem que luta... Nada mais.

— E' pouco...

O dialogo era comsigo mesmo, aspero e brutal. Sua illusão, collocada sobre Martha, era como uma estrella que nunca sua mão poderia tocar. Silenciava sua paixão e fechava os olhos para que estes não a revelassem...

* * *

A vida, mestra suprema, artista refinada na arte da dôr e da alegria, teve um gesto imprevisto, theatral, que sacudiu um momento a monotonia do lar dos Gutiérrez.

Era simples: Ricardo Valdez pedia a mão de Martha. A surpresa agitou a casa, cahindo sobre todos os corações. Apenas em Martha a revelação lhe empallideceu o rosto, poz um brilho estranho na noite escura de seus olhos. E ella calou-se...

Depois, pouco a pouco, os mais velhos lhe deram conselhos. Nos labios dos paes, dos irmãos, dos amigos auctorizados, havia uma conformidade logica, uns conselhos precisos...

— Elle te fará feliz...

— Ricardo Valdez irá longe...

— Um magnifico futuro...

Tudo era verdade. Mas seu coração demorava em responder ao appello honesto daquelle outro coração.

O que nem todos sabem

Os *garçons* dos hoteis da Suissa não só trabalham sem nada receber de seu patrão, mas são ainda obrigados a pagar a este um tanto do que lhes dão, como gorgeta, os freguezes. O dinheiro das gorgetas lhes dá para isso e para muito mais. Os turistas que se hospedam nesses estabelecimentos fizeram a fortuna de mais de quatro *garçons*.

•

Uma lenda, muito divulgada na Idade Media, dizia que, nas Indias, havia uma raça de homens providos de cauda. A origem de tal crença se deve a uma tribu que vive nas montanhas de Anam, e cujos individuos trazem sempre comsigo toda a bagagem: alimentos, bateria de cozinha, armas, etc., que cobrem com uma bem tecida esteira. Como essa carga lhes pesa bastante nas costas e não se torna facil conduzil-a assim, o *moi* — *é este o nome do selvagem em questão* — fixa um páo debaixo da mesma, o qual fica pendurado quando elle caminha, mas lhe permitte descansar como sobre uma tripode, quando se sente fatigado. Esse páo foi tomado pela famosa cauda da lenda.

•

O escriptor Rudyard Kipling tem sua casa de Sussex cheia de objectos preciosos recolhidos em suas viagens pelo mundo.

Particularmente, elle mostra aos seus visitantes um exemplar de *Kim*, com um buraco que o atravessa de lado a lado. O escriptor obteve esse volume de um soldado francez da legião estrangeira, que o trazia sempre comsigo em um bolso do dolman. Um dia *Kim* deteve a bala que devia penetrar no coração do soldado.

•

Para se abrir uma rua, em Aubéres, se tornava necessario demolir um muro. O empreiteiro da obra verificou, porém, que a parede em questão estava tão bem cimentada, que a utilização de materiaes seria impossivel depois da demolição. Resolveu, por isso, transportar dali o muro inteiro, sem demolir um só ladrilho. O trabalho foi feito com dezoito homens e em quatorze horas. Cortado o muro pela base e collocado o mesmo sobre oito carris, foi conduzido, sem qualquer incidente, ao logar definitivo, sem que se rompesse em parte alguma.

UM CONTO DE AMOR

(Conclusão)

— Que pensas, Martha?

— E' tua felicidade...

— Por que ficas assim tão silenciosa?

E Martha falou debilmente, como um suspiro:

— Sim...

A' noite, sem se conter, se poz a chorar a joven de riso triumphal, a joven de labios vermelhos que destacavam ainda mais a brancura de seus dentes iguaes, perfeitos...

....

(Tempo. Annos...)

....

* * *

HOJE, a vida nos apresenta os mesmos personagens de hontem, ligeiramente mudados. Ricardo Valdez prosperou em seus negocios. E' já um conquistador, um triumphador no campo dos numeros. Está gordo, e um pouco calvo. Percebe-se nelle, claramente, o homem que *dominou* a vida e a fez marchar por sobre caminhos que elle queria. Martha é uma respeitavel senhora, uma carinhosa mãe de duas crianças: uma menina e um menino. Ainda conserva no mysterio inquietante de seus olhos negros um pouco daquella tristeza que lhe conhecemos quando solteira, no lar severo dos seus... A's vezes, quem sabe por que em sua alma surge um capricho? Occulta-o, porém, pois lhe falta coragem para manifestal-o claramente: ella tinha desejo de que seu filhinho — amor nhã — escrevesse versos... Que se parecesse com aquelle bom amigo que mergulhou na pobreza, na miseria, talvez por não encontrar uma delicada mão de velludo e seda, no caminho de sua vida, na conquista inutil da gloria...

....

Noite. Inverno...

Ha calor agradavel na confortavel casa de Ricardo Valdez. Silencio. As crianças já foram deitadas. Dormem. Sonham... O casal ficou ali, conversando, lendo jornaes. Ha tambem um pouco de monotonia naquellas duas vidas tão ordenadas, tão methodicas, tão a coberto de um gesto imprevisto da vida... Os esposos dividiram entre si o jornal que costumam ler á noite. Ricardo Valdez lê as operações commerciaes, os cambios, etc., etc. Martha, distrahida, folheia, sem ler nada.

De repente, seu olhar se torna penetrante. Seu coração palpita, e ella, avidamente, lê uma assignatura que se acha ao pé de um verso: "Jorge Areias".

E os olhos tornam a olhar de um modo estranho e raro...

Dir-se-ia que choram...

Reconhece, de repente, que tudo não mudou na vida, que algo existe ainda que permanece sempre igual: o coração lyrico de Jorge Areias, o bohemio incorrigivel, o poeta dos versos fantasticos, que lhe fez recordar, com uma poesia, o hontem, o longinquo hontem...

E recordar e sonhar..., e soffrer um pouco...

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

de Paulo Gustavo. A felicidade dos momentos que tivera perto do seu sonho que nascera sobre-excedia a quantidade de muitas outras felicidades pequenas que tivera. E somente depois que o sonho se foi é que elle mediu o quanto foi pequena a sua alegria...

* * *

—Senhorita!

A menina fitou, espantada, quem tão estranhamente lhe falava. Seus olhos, desmesuradamente abertos, contemplavam aquelle joven, que, em sua frente, parecia como que maravilhado. Não era um simples galanteio de carnaval. Era um crescendo de emoções, mixto de surpresa e jubilo; era um raio de alegria na tristeza de Paulo Gustavo. O apparecimento de Neida, fantasiada de portugueza, justamente perto do carro do pintor, fôra mais uma cilada do destino, desta vez, adoravelmente favoravel. E aos olhos da menina aquelle acontecimento tomou ares de romance. O seu instincto feminino dissera-lhe que de ha muito estava no coração do joven. E entre galanteios de carnaval, entre lança-perfumes e confetti, começou a teia. E, depois daquelle dia, se encontraram mais. Ora no baile do club, elle, fantasiado de pintor, sua profissão, e ella de marqueza do seculo do *Roi-Soleil*, ora nos encontros fortuitos, coincidencias que o telephone preparava com cuidado, onde os olhos falavam mais do que os labios. E ao findar os dias radiosos de verão, em partes distinctas da cidade, quartos illuminados testemunhavam rosarios de confidencias á lua que imperava nos céos...

* * *

E começou a frequencia á casa de Neida. O piano, inanimado elo dos dois corações, todas as noites, silencioso, unia-os. Ella, interpretando classicos; elle, cantando. O pedido de casamento estava já sendo objecto dos seus intimos colloquios. E fôra feito, na intimidade, á mãe de Neida. O pae, homem absorvido nos negocios, dedicava mais sua vida ao manusear do dinheiro do que aos carinhos do lar. E todo o romance da sua unica filha nascera, florescera na sua ausencia. E, noivos, deram inicio ao segundo tomo do romance...

* * *

— Neida, querida, vê como a luz, bonacheirona e feliz, nos sorri. Parece que nos abençôa. Deixa-me dizer-te ao ouvido uma infinidade de coisas bellas, que o amor e a arte me ensinam. Deixa-me dizer-te onde o amor soffre, chega e vence. E venceremos sempre pois o nosso amor é forte e unico. Foste o meu primeiro sonho e eu sou o teu primeiro sonho.

E ella, enternecida, ouvia, deleitada, aquella prosa avermelhada de seducção, que lhe infiltrava não sei que torpôr na alma. E deixava-se levar nas azas do enleio, como si uma nenia doce a tivesse feito adormecer...

— Querida, somos noivos ha mezes. E ainda não me deste um beijo. Tenho sopitado em mim o desejo intenso de t'o pedir, embora tenha adivinhado que os teus labios muita vez se preparam para m'o dar. Mas receio que m'o negues, que o teu cerebro mande o teu coração negar. E um beijo negado é como o vento da procella quando sacode a espuma dos mares. Agora, inspirado pela luz, eu t'o peço. Queres?

— Sim. Haveremos de ter uma condição.

E a menina quedou-se, pensativa. Pela sua mente não passavam, no momento, os horrores como pintavam o *grande peccado* aquelles que já o haviam usufruido. Não eram as palavras de sua mãe que a faziam pensar. O seu cerebrozinho meditava em algo. Era o eterno feminino: negar para dar valor... E foi sorrindo que ella disse:

— Plantaremos, querido, neste jardim, um craveiro. E á luz do sol de primavera, elle nascerá. E quando nascer a flôr, terás o beijo, querido, mas, *il y a toujours un mais*, só me beijarás na bocca si o cravo for rubro. Si não fôr...

E sorriu-se, satisfeita. Satisfeita do ardil com que se desvencilhara do pedido, embora o seu coração lhe muito lhe pedisse o que negara...

E dahi em deante as visitas de Paulo Gustavo resumiam-se em torno daquelle craveiro que nascia tão lentamente, e que mais lentamente escondia, avaramente, a flor que receberia o baptismo do sol...

* * *

PAULO Gustavo recebeu, á porta do seu apartamento, a cartinha perfumada. E os seus olhos surpresos leram o seguinte:

"Querido — Papae chegou hoje da Europa. Soube do nosso noivado e, embora diariamente o meu pobre coração seja teu e de Deus, se oppoz tenazmente ao nosso noivado. Porque és pintor. Porque, diz elle, tu és bohemio. E penso ser impossivel lutar contra elle. Espera-me no mesmo logar de sempre com o teu carro. Conversaremos melhor.

Da tua — *Neida*."

Paulo Gustavo ficou surpreso. Tanto sonho, tanto castello destruido! E o soffrimento que atormentava

(*Conclúe na pag. 80*)

O CONTO BRASILEIRO

aquella a quem elle mais estremecia na vida. Tudo cahira ao simples gesto de um pae sem sentimentos.

E, só na vida, lembrava-se de sua meninice, do seu brinquedo favorito, de dobrar cartas ao meio e pôl-as em pé, enfileiradas. Em seguida, tocava na ultima, que perdia o equilibrio, e cahia sobre a immediata, e lá se iam todas ao chão, como telhas. E lembrava-se que, na vida humana, tão apoiados estamos nós uns aos outros, que o menor acto desencadeia larga somma de complicadas consequencias. E elle e Neida eram bem duas daquellas cartas com que elle se divertia em criança...

E encontraram-se e mediram a immensidade do infortunio. Choraram juntos o gesto impensado do Moloch, que, avido de dinheiro, destruia assim o primeiro amor de uma filha de quem devera ser o guia espiritual. E como sóe acontecer com os fracos e romanticos, que elles o eram, não souberam resistir...

* * *

ACHAVAM-SE juntos, numa praia solitaria do Rio Grande. Tinham fugido para procurar a desgraça e a morte, longe do mundo. Tiveram o mundo em frente e não souberam lutar. Estavam unidos, ante o amor, apreciando o espectaculo da natureza e o mar transparente, que os raios intensos do sol penetravam. Achavam-se presos de uma somnolencia, tão proximos da praia, que as ondas vinham quebrar-se mansamente a seus pés. Haviam fugido da capital, escolhendo aquelle recanto solitario, onde difficilmente seriam encontrados. E, por ordem do pae arrependido, o telegrapho, com ordens imperativas, ditadas pelo ouro, perseguiu-os implacavelmente; mas fôra tudo inutil, e elles se achavam, unidos deante do infortunio, vendo com desespero correr o tempo, e esperando com placidez, como quem tem a certeza de que vae ter um fim certeiro e proximo. E o joven, quebrando o silencio impressionante dos grandes momentos, falou:

— Querida, tudo chegou ao limite da nossa resistencia. A luta foi cruel e horrivel. Por ti, enfrentei todos os perigos e continuaria a enfrental-os si tal fosse em beneficio de nossa situação. Teu pae continúa intransigente, embora arrependido. Quizera demolir a barreira intransponivel que nos separa. Não podemos levar até o fim o nosso romance. Portanto, vamo-nos retirar da vida...

— Mas, fica sabendo que te amo com toda a força da alma, e nesta hora suprema certamente a união santa de nossas vidas se realizou nos nossos espiritos.

Ella, olhos cerrados, ouvia com emoção aquellas palavras de desespero como si fôra uma canção que ouvia sempre no berço, na infancia. Era tambem romantica e não poderia dar forças a um fraco. E Paulo Gustavo, olhando-a mais uma vez, parecia querer gravar mais uma vez na retina a imagem da noiva adorada.

— Vamos? — convidou ella, serenamente.

— Sim, querida.

E, erguendo-a nos braços, encaminha-se para o oceano.

Pende o corpo da moça, os cabellos soltos, os braços cahidos. Ha um abandono supremo no gesto. Com cuidado infinito, elle parece preparar a toilette della: arranja as dobras do vestido, endireita-lhe os cabellos, e passo a passo, afunda os pés na areia humida.

O mar parece adivinhar a presa que está prestes a se lhe entregar. Ondas grandes e transparentes com os raios do sol vinham de longe, com força, para morrer, mansa e serenamente, na praia. Lambiam já os pés do desventurado. O homem continúa avançando. O sol dardeja a sua luz quente, que é vida, calor, esperança, espalhando ouro e azul sobre as aguas inquietas. Reflectindo-se nellas, brotam saphiras, esmeraldas nas cristas multiformes das vagas que se perseguem mutuamente, indo agonizar na praia.

Paulo Gustavo continúa o caminho com sua divina carga. Seus olhos immoveis contemplam o mar alto ao longe, como para embeber o seu olhar em Deus. Ha em seu passo, tranquillo e sereno, algo de solennidade do sacerdote ao officiar o rito divino. Ella, vencida, deixa-se conduzir como uma criança.

A agua chega-lhe pela cintura e molha-lhe os braços: o vestido da menina humedece-se ao contacto salgado. Daquelles corpos, já tocados pela immortalidade, sobe um aroma de primavera. Divina juventude.

O homem continúa avançando. O oceano, como que emocionado, cessa o seu rumor. As ondas quebram-se longe, para não presenciar aquelle acto desesperado. Da agua apenas emergem duas cabeças, muito unidas, muito unidas. Juntam-se os labios. E as aguas cobrem para sempre o primeiro e unico beijo daquelle noivado.

Um circulo, sem maiores agitações, abre-se sobre elles. Fluctuam apenas as cabelleiras, muito juntas, como si se houvessem fundido num amontoado de fios de oiro. Estava terminado o fadario e concedido o beijo por entre as ondas salgadas e o travor amargo da desgraça. Depois, nada...

* * *

LÁ, na cidade, no grande palacete, no jardim onde um pae desesperado chorava, um craveiro, desbotado, jazia por terra, e perto delle, plantada por mysteriosa mão, florescia, todos os dias, uma triste e peregrina saudade roxa..."

Já os rebocadores estavam junto ao costado do transatlantico, e a cidade apparecia ao longe, depois do t[illegible]quaral, com o seu casario branco e as suas chaminés alongadas, quando Carlos de Gusmão acabou de falar. Começavam as despedidas daquelles que esperavam delle uma satira e viram-no contar uma tragedia. E, scismando com a melancolia dos sem-patria e sem familia, o incorrigivel viajante chorava. Penalizei-me com a emoção que lhe tinham causado as suas proprias palavras. E procurei consolar o infortunado, porque sabia que aquella historia tinha sido a sua desventura, que aquella tragedia lhe sahira das mãos.

Elle era o pae de Neida...

VERSOS

MUSICA DE SÊDA

Ainda paira no ar o teu perfume...
Ainda ha pouco,
nós...
Eu, como um louco,
sorria ao teu sorriso de crystal...
Ainda paira no ar o teu perfume...
Ainda paira no ar o encanto emocional
da tua voz...

O teu perfume e a tua voz,
envolvem-se na musica de sêda
que persiste tambem,
enchendo a solidão cheia de cousas...

Quando entraste,
o vestido de sêda farfalhante
farfalhava, num terno cumprimento
deliciosamente encantador...
A sympathia azul emocionante
do teu vestido azul, emocionava!
Teu beijo acompanhou, por um momento,
o intermezzo do amor!

A musica de sêda, quando entraste,
era um psalmo... Depois, tu me abraçaste...
Surgem notas incalmas
de musica encantada...

e houve a communhão dos corpos e das almas
num farfalhar azul de sêda amarrotada!...

XISTO BAHIA

TALVEZ...

Aqui está o seu retrato...
Além
as nuvens e os morros
celebram as suas bôdas singulares...

Que abraço suave, muito branco
d'aquella alva noiva ao Bôa-Vista!
Como sabem amar
os Corcovados e as nuvens!...

Aqui está o seu retrato...

Começo a folhear
o album das minhas illusões...

Numa pagina azul-esmaecida
leio esta pergunta:

— Porventura ainda existe
o amor que redime
o amor que sublima?

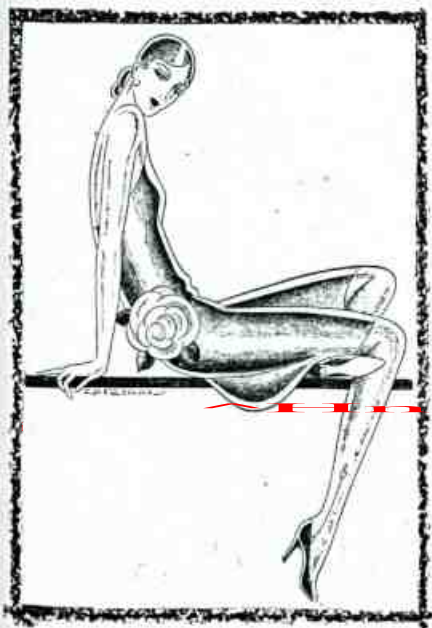
Olho suavemente o seu retrato...

E a minh'alma responde:
— Talvez...

VIEIRA DE MACÊDO

CÔR

A côr das meias é de suprema importancia. Lucile, a celebre modista de Paris, determina as côres que devem ser usadas para as meias HOLEPROOF e a sua escolha tem sido sempre das mais felizes.

As Meias HOLEPROOF são fascinantes e duram muito mais do que as suas congeneres.

REPRESENTANTE:

TAUFIK KURBAN

CAIXA, 2-C

SÃO PAULO

Meias Holeproof

SAL HEPATICA

de excellentes resultados em todos os desarranjos do estomago, figado, rins, em casos de rheumatismo, gotta, ataques biliosos, enxaquecas e prisão de ventre.

UNICOS AGENTES NO BRASIL:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. | S. Bento, 35 — S. Paulo.